

**CHARLENE APARECIDA DA SILVA**

**TERRITORIALIDADE E PAISAGEM DA FEIRA LIVRE DA CIDADE DE VIÇOSA,  
MINAS GERAIS: LUGAR, MEMÓRIAS E IDENTIDADE (1967-2019)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Patrícia Vargas Lopes de Araújo

**VIÇOSA - MINAS GERAIS  
2021**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

S586t  
2021  
Silva, Charlene Aparecida da, 1981-  
Territorialidade e paisagem da feira livre da cidade de  
Viçosa, Minas Gerais : lugar, memórias e identidade  
(1967-2019) / Charlene Aparecida da Silva. – Viçosa, MG, 2021.  
167 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexo.

Orientador: Patrícia Vargas Lopes de Araújo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 155-162.

1. Feiras livres - Viçosa (MG) - História. 2. Viçosa (MG) -  
Usos e costumes. 3. Paisagens. 4. Memória coletiva.

I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de História.  
Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens  
e Cidadania. II. Título.

CDD 22. ed. 394.6098151

Bibliotecário(a) responsável: Renata de Fatima Alves CRB6/2578

**CHARLENE APARECIDA DA SILVA**

**TERRITORIALIDADE E PAISAGEM DA FEIRA LIVRE DA CIDADE DE VIÇOSA,  
MINAS GERAIS: LUGAR, MEMÓRIAS E IDENTIDADE (1967-2019)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

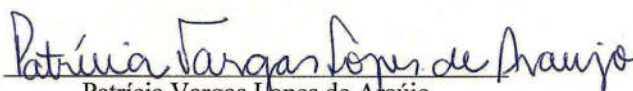
APROVADA: 28 de junho de 2021.

Assentimento:



Charlene Aparecida da Silva

Autora



Patrícia Vargas Lopes de Araújo

Orientadora

Ao meu filho, Miguel Francisco

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida.

A Jesus, Maria e José, que me protegem e cuidam dos meus caminhos.

À minha avó materna, Luzia (*in memoriam*), por ter me ensinado a ter fé e ser forte.

Ao meu filho Miguel Francisco, gerado e nascido durante meu percurso nesta pós-graduação, por ter sido minha inspiração e motivação para finalizar cada etapa que esta pesquisa apresentou.

Ao meu marido, Victor, que foi meu companheiro em todas as ocasiões.

À minha tia Edina, pelo apoio nos cuidados com o Miguel para que eu pudesse me dedicar à escrita da dissertação. Agradeço também por me ajudar a superar os desafios impostos pelo contexto de pandemia.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Patrícia Vargas Lopes de Araújo, que conduziu este trabalho com muito zelo, a quem agradeço pela confiança no meu trabalho, pelo diálogo, pela compreensão, pelas leituras, comentários e pelo incentivo à pesquisa. Seu apoio foi fundamental para a realização deste estudo.

Agradeço aos professores e técnicos administrativos do Departamento de História, em especial, à Prof.<sup>a</sup> Karla Denise Martins e ao Prof. André Luiz Lopes de Faria, pelos seus valiosos comentários e sugestões na elaboração do projeto de pesquisa.

Agradeço aos entrevistados por compartilharem suas memórias e vivências e apoiarem o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas da turma de 2019, pelo companheirismo e empatia, especialmente à Isadora Lomeu pela elaboração dos mapas, bem como às veteranas Edimara e Amanda Ciro, e à aluna da turma de 2020, Vanda do Carmo, pelo apoio e troca de experiência que me proporcionaram.

Agradeço aos meus colegas da Diretoria de Material da Universidade Federal de Viçosa, por acreditarem no meu potencial e apoiarem minhas escolhas.

Ao Prof. Douglas Mansur da Silva, pelas sugestões quanto à metodologia adotada nesta pesquisa, ainda no início de 2019, quando ingressei no mestrado e pela sua participação na banca.

À Prof.<sup>a</sup> Kátia de Lourdes Fraga pela inspiração e apoio na elaboração da proposta do produto, nesse caso, a Rádio Feira itinerante, pela sua atenção, sugestões e carinho demonstrado com o trabalho, e também pela sua participação na banca.

Ao Prof. Leonardo Civale, a quem agradeço pela convivência em sala de aula, comentários e sugestões que enriqueceram meu trabalho, e pela sua participação na banca.

À Universidade Federal de Viçosa e ao Programa de Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania pela oportunidade, disponibilidade e contribuição para a minha formação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Finalmente, agradeço a todos que me ajudaram de alguma forma ao longo desta pesquisa, aos feirantes e às famílias viçosenses pelo trabalho, dedicação, esforço e resistência que acarretaram na sobrevivência da Feira ao longo dessas cinco décadas, permitindo também que este estudo fosse realizado.

*“Quem como Deus?”*

## RESUMO

SILVA, Charlene Aparecida da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, junho de 2021. **Territorialidade e Paisagem da Feira Livre da Cidade de Viçosa, Minas Gerais: Lugar, Memórias e Identidade (1967-2019)**. Orientadora: Patrícia Vargas Lopes de Araújo.

Este trabalho discute o processo de criação da Feira Livre da Cidade de Viçosa, Minas Gerais, bem como a razão pela qual ela permanece como lugar social e cultural significativo para a população viçosense. O motivo que nos leva a estudar a Feira se justifica no interesse em analisar a tradição cultural que permitiu sua criação e permanência como expressão de luta e de resistência, ao longo de décadas, apesar de todas as mudanças que aconteceram no mercado, na cultura da população e no processo de urbanização da cidade de Viçosa. Diante dessa complexidade e mistura de elementos, podemos dizer que a Feira Livre da Cidade de Viçosa trata-se de um “bem cultural”, que manifesta as relações sociais das comunidades e suas tradições, fazendo parte da história, da identidade e do espaço urbano da cidade e, por isso, precisa ser preservada. A Feira Noturna realizada às quartas-feiras é, neste estudo, considerada uma ressignificação da Feira Livre de Viçosa no centro da cidade. Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa consiste em compreender as dinâmicas econômicas, sociais e culturais do cotidiano dos feirantes e fregueses, bem como a disputa pelo espaço urbano da Feira Livre e como essas variáveis colaboraram para a permanência da Feira como tradição cultural e lugar de sociabilidade na cidade de Viçosa. Para o desenvolvimento da pesquisa, fizemos uso de documentação diversa, entrevistas, história oral, observação participante, diário de campo e registro fotográfico com vista a estudarmos algumas percepções, vivências, memórias, valores e outros atributos ali presentes. Além disso, com objetivo de analisar o *corpus* textual das entrevistas, utilizamos o *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). A proposta da ação de intervenção apresentada está articulada com as questões que perpassaram os resultados da pesquisa sobre a Feira enquanto lugar sociocultural, bem como com a consulta de trabalhos referentes ao tema rádio, por entender que a rádio é um tipo de mídia presente no cotidiano dos feirantes. A proposta do produto (proposta de intervenção) consiste na elaboração do roteiro piloto para uma temporada de três programas da rádio Feira itinerante, sendo que a sugestão é de dois desses programas acontecerem na Feira Livre de sábado e outro na Feira Noturna, na quarta-feira.

Palavras chaves: Feira. Territorialidade. Paisagem. Lugar. Memória. Identidade. Rádio.

## ABSTRACT

SILVA, Charlene Aparecida da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, June, 2021. **Territoriality and Landscape of the Market Place of the City of Viçosa, Minas Gerais: Place, Memories and Identity (1967-2019)**. Adviser: Patrícia Vargas Lopes de Araújo.

This paper discusses the process of creating the Market Place in the City of Viçosa, Minas Gerais, as well as the reason why it remains a significant social and cultural place for the population of Viçosa. The reason that leads us to study the Fair is justified by the interest in analyzing the cultural tradition that allowed its creation and involves the permanence of the Fair, as an expression of struggle and resistance, for decades, despite all the changes that happened in the market, the culture of the population and the urbanization process of the city of Viçosa. In view of this complexity and mixture of elements, it can be said that the Market Place in the City of Viçosa is a “cultural asset”, which manifests the social relations of the communities and their traditions, forming part of the history, identity and urban space of the city and, therefore, they need to be preserved. The Night Fair held on Wednesdays is in this study considered a resignification of the Market Place of the Viçosa in the city center. The general objective of this research is to understand the economic, social and cultural dynamics of the daily life of marketers and customers, as well as the dispute over the urban space of Feira Livre and how these variables contributed to the permanence of the Fair as a cultural tradition and a place of sociability in the city of Viçosa. For the development of the research we made use of diverse documentation, interviews, oral history, participant observation, field diary and photographic record in order to study some perceptions, experiences, memories, values, and other attributes of the Fair. In addition, in order to analyze the textual corpus of the interviews, the software IRAMUTEQ (*Interface de R pour l'ès Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) was used. The proposal of the presented product is articulated with the questions that permeated the results of the research on the Fair, as a sociocultural place and of the consultation of works related to the radio theme, as it understands that the radio is a type of media present in the daily life of the marketers. The proposal of the product (intervention proposal) consists of the elaboration of the pilot script for a season of three programs of the radio Market Place, with the suggestion that two of these programs take place at Market Place on Saturday and another one at Market Place Nocturna, on Wednesday.

Keywords: Market Place. Territoriality. Landscape. Place. Memory. Identity. Radio.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Feira de Caruaru (PE), ano de 1955.....	29
Figura 2 - Monumento de entrada da Feira de Caruaru que faz referência ao compositor Onildo Almeida e ao Registro de Patrimônio Cultural imaterial Brasileiro concedido pelo IPHAN.....	30
Figura 3 - A feira de Campina Grande na década de 1970.....	31
Figura 4 - Movimentação de pessoas na feira de Campina Grande (PB).....	32
Figura 5 - Mapa de localização do município de Viçosa-MG.....	34
Figura 6 - Registro fotográfico da Feira Livre na década de 1970, na praça Silviano Brandão ao lado da Matriz Santa Rita de Cássia.....	40
Figura 7 - Mapa “A trajetória de lugares da Feira Livre da cidade de Viçosa, MG”.....	44
Figura 8 - Cotidiano da Feira Livre na Avenida Santa Rita de Cássia.....	46
Figura 9 - Barracas de pastel na Feira Livre na Avenida Santa Rita de Cássia.....	47
Figura 10 - Postagem da publicação no <i>Facebook</i> do grupo Museu Virtual de Viçosa.....	48
Figura 11 - Comentários da postagem da figura 10 no <i>Facebook</i> do grupo Museu Virtual.....	49
Figura 12 - Comentários da postagem da figura 10 no <i>Facebook</i> do grupo Museu Virtual.....	50
Figura 13 - Comentários da postagem da figura 10 no <i>Facebook</i> do grupo Museu Virtual.....	51
Figura 14 - Comentários do compartilhamento feito por Lucilene Macedo da postagem da figura 10 no <i>Facebook</i> do grupo Museu Virtual.....	52
Figura 15 - Entrada de acesso ao Galpão da feira livre de Ubá.....	62
Figura 16 - Galpão da feira livre de Ubá.....	63
Figura 17 - Estacionamento da feira livre de Ubá.....	63
Figura 18 - Estrutura física da Rádio feira de Ubá, localizada dentro do galpão onde acontece a feira.....	64
Figura 19 - Momento de apresentações culturais na Feira Noturna.....	66
Figura 20 - Início das atividades da Feira Noturna ao redor da Estação Cultural.....	67
Figura 21 - Acesso à Rua Vereador José da Cruz Reis, local previsto para mudança das atividades da Feira Noturna.....	69
Figura 22 - Registro fotográfico de coleta de assinatura na Feira Livre de Viçosa, MG	

do Plebiscito Popular pela redução da energia elétrica e do ICMS da conta de luz.....	85
Figura 23 - Manifestação popular do grupo Levante Popular pela campanha pelas águas e contra o mineroduto da Ferrous em Minas Gerais.....	86
Figura 24 - Divulgação de cartazes do “Todos pela Educação”.....	87
Figura 25 - Mostra científica e cultural em Defesa da Universidade Pública, intitulada Balbúrdia 2019, organizada pelo QLE (Quem Luta Educa).....	87
Figura 26 - I Semana Viçosense de Cultura Popular – Apresentação de grupo de samba de roda na Arena da Feira Livre de Viçosa, MG.....	88
Figura 27 - Apresentação de artista de rua em um dia comum de Feira.....	89
Figura 28 - Zequinha em sua Kombi azul e amigos na Feira Livre de Viçosa, MG, ainda na Praça Silviano Brandão, década de 1970.....	92
Figura 29 - Dendrograma representativo das repartições em classes, porcentagem, frequência das palavras e Qui-quadrado do <i>corpus</i> “Memórias, vivências e o cotidiano da Feira Livre da cidade de Viçosa, MG”.....	101
Figura 30 - Registro da movimentação do horário comercial durante a semana, típica do local onde é realizado a Feira Livre de Viçosa aos sábados, às costas do Colégio de Viçosa.....	108
Figura 31 - Vista da avenida principal onde são instaladas as barracas da Feira Livre de Viçosa em um dia típico da semana, em horário comercial.....	108
Figura 32 - Dia de Feira Livre ao redor do Colégio de Viçosa.....	109
Figura 33 - Movimento de pessoas durante um dia sábado na Feira Livre, próximo ao Colégio de Viçosa.....	109
Figura 34 - Sábado de Feira Livre em Viçosa, após chuva.....	111
Figura 35 - Registro fotográfico da audiência pública.....	118
Figura 36 - Estacionamento com caminhões de mercadorias dos feirantes.....	123
Figura 37 - Vista do estacionamento da parte baixa da Feira Livre de Viçosa, MG.....	124
Figura 38 - Vista da frente da Casinha de Pet da Praça de Alimentação da Feira.....	125
Figura 39 - Fundos da Casinha de Pet da Praça de Alimentação da Feira.....	125
Figura 40 - Coreto da praça de alimentação da Feira Livre de Viçosa, MG.....	127
Figura 41 - Representação da árvore genérica de similitudes do <i>corpus</i> intitulado “Memórias, Vivências e o Cotidiano da Feira Livre da cidade de Viçosa, MG”.....	134
Figura 42 - Nuvem de palavras das “Memórias, vivências e o cotidiano da Feira Livre da cidade de Viçosa, MG”.....	136

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Números, perfil e descrição dos entrevistados.....	18
Quadro 2 - Evolução da população urbana e rural de Viçosa no período de 1960 a 2010.....	37
Quadro 3 - Programa 01.....	146

## **LISTA DE SIGLAS**

ASAV – Associação dos Servidores Administrativos da UFV

CEASA – Central de Abastecimento de Hortifrutigranjeiros

CMCPCAV – Conselho de Cultura e do Patrimônio Cultural e Ambiental de Viçosa

CMDRS – Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais

ESAV – Escola Superior de Agricultura e Veterinária

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PMV – Prefeitura Municipal de Viçosa

QLE – Quem Luta Educa

UFV – Universidade Federal de Viçosa

UNE – União Nacional dos Estudantes

UREMG – Universidade Rural do Estado de Minas Gerais

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>PARTE I.....</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO 1 - ASPECTOS HISTÓRICOS DA FEIRA LIVRE EM DIVERSOS ESPAÇOS E TEMPOS.....</b>	<b>25</b>
1.1 A origem das feiras e sua tradição no Brasil.....	25
1.2 A trajetória da Feira Livre da cidade de Viçosa.....	33
1.3 Ressignificação espacial: a Feira Noturna de Viçosa.....	65
<b>CAPÍTULO 2 - A TERRITORIALIDADE E AS DINÂMICAS ESPACIAIS E SOCIAIS DAS FEIRAS LIVRES.....</b>	<b>72</b>
2.1 A territorialidade e a paisagem das feiras livres.....	73
2.2 A feira enquanto lugar.....	79
2.3 Memória, Identidade e Cultura.....	89
<b>CAPÍTULO 3 - O COTIDIANO E O ENTRELAÇAR DE MEMÓRIAS: VIVÊNCIAS DA FEIRA LIVRE DA CIDADE DE VIÇOSA.....</b>	<b>98</b>
3.1 O cotidiano e os diferentes olhares sobre a Feira.....	99
3.1.1 A memória coletiva em disputa: identidade, pertencimento e resistência.....	102
3.1.2 A qualidade dos alimentos da Feira.....	119
3.1.3 O ecoar de vozes: desafios apresentados à Feira Livre.....	122
3.1.4 A Feira como um ponto de encontro e a atuação dos feirantes.....	129
3.2 A Feira e a Rádio: lugar de encontro e de sociabilidade.....	133
<b>PARTE II.....</b>	<b>139</b>
<b>CAPÍTULO 4 - “AQUI NA FEIRA”.....</b>	<b>140</b>
4.1 Rádio Feira itinerante: proposta de uma experiência de comunicação participativa...	142
4.2 A importância da elaboração dos roteiros de programas com a participação da comunidade.....	145
4.3 Análise de viabilidade.....	147
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>150</b>
<b>FONTES DOCUMENTAIS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>155</b>
<b>ANEXO I – PARECER FAVORÁVEL DO CEP (COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA).....</b>	<b>163</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se dedica a analisar o processo de criação da Feira Livre da cidade de Viçosa, Minas Gerais, bem como a razão pela qual ela permanece como lugar social e cultural significativo para a cidade de Viçosa. A motivação para a realização deste trabalho decorreu do interesse em estudar a Feira enquanto mobilização do direito à cidade e expressão de luta e resistência, e sua permanência ao longo de cinco décadas, mesmo enfrentando todas as mudanças que aconteceram no mercado, na cultura da população e no processo de urbanização da cidade de Viçosa.

O debate sobre as disputas de espaço da Feira, sua longevidade e sua territorialidade foi tema de diferentes estudos acadêmicos, entre eles: a monografia de finalização do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV), intitulada *Feiras Livres: Lugares de sociabilidade. Possibilidade de vida urbana contra a morte da rua em Viçosa, Minas Gerais*, de Nayana Corrêa Bonamichi<sup>1</sup>, sob orientação de José Augusto Martins Pessoa, no ano de 2009; o artigo *Vínculos de Sociabilidade e relações de trocas entre feirantes e de Viçosa, MG*, de Juliana Lopes Lelis *et al.*<sup>2</sup>, publicado no ano de 2009; e a dissertação de mestrado em Economia Doméstica da UFV com o título *Territórios da Informalidade: As diferentes estratégias reprodutivas das famílias inseridas no comércio informal de Viçosa, MG*, de Juliana Lopes Lelis<sup>3</sup>, sob a orientação da professora Neide Maria de Almeida Pinto, no ano de 2011. Todos esses estudos contribuíram para a realização desta pesquisa e serviram como ponto de partida para elaboração do projeto de pesquisa, a fim de que pudéssemos ampliar a discussão, incluindo considerações quanto ao patrimônio cultural, à paisagem, à disputa de espaço e às memórias, e estabelecendo um diálogo entre os campos da História, da Geografia e da Antropologia.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, cujos métodos de coleta de dados foram: pesquisa bibliográfica-documental, entrevista, observação participante, diário de campo e registro fotográfico. Essa opção deu-se por entendermos que esses métodos se complementam e porque a realidade abrangida por eles interagem entre si.

---

<sup>1</sup> BONAMICHI, Nayana Corrêa. **Feiras livres:** lugares de sociabilidade. Possibilidade de vida urbana contra a

<sup>2</sup> LELIS, J. L *et al.* Vínculos de sociabilidade e relações de trocas entre feirantes de Viçosa, MG. **Revista Oikos**, Viçosa, v. 21, p. 46-63, 2010.

<sup>3</sup> LELIS, Juliana L. **Territórios da Informalidade:** As diferentes estratégias reprodutivas das famílias inseridas no comércio informal de Viçosa, MG. 2011. 233f. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Viçosa – UFV. Viçosa, 2011.

Pelas peculiaridades demonstradas sobre o tema, o estudo adotará como delimitação de espaço o local comercial da Feira Livre de Viçosa, realizada aos sábados, às costas do Colégio de Viçosa, e o da Feira Noturna, realizada na Praça Hervé Cordovil/ Estação Cultural, que acontece nas quartas-feiras. Sabemos que na cidade de Viçosa existem outras feiras, como a Quintal Solidário (feira da ASPUV), a feira Agroecológica da Violeira e a feira agroecológica e familiar da comunidade quilombola do Buieié. A Feira Livre de sábado foi escolhida para esta pesquisa devido às suas dinâmicas sociais, culturais e políticas, que ultrapassa décadas, bem como pela diversidade de produtos (hortifrúti, flores, mudas, eletrônicos, acessórios, roupas, calçados, artesanato, lanchonetes, etc.), e também por sua relação com a história da cidade, com a disputa de espaço, sua luta e resistência para manter uma identidade construída no cotidiano marcado pela territorialidade. A Feira Noturna, por sua vez, realizada às quartas-feiras, na praça da Estação Cultural, foi escolhida por representar uma extensão da Feira de sábado, sendo neste estudo considerada uma ressignificação da Feira Livre de Viçosa no centro da cidade. As demais feiras da cidade de Viçosa possuem suas particularidades, construídas na base da agricultura familiar, o que configura uma oportunidade para outros estudos.

O recorte temporal desta pesquisa abarca o período de 1967 até o ano de 2019, pois o primeiro registro oficial de criação da Feira Livre data de 18 de novembro de 1967, conforme se pode verificar na crônica publicada no Jornal *A Cidade*, em 26 de novembro daquele mesmo ano, mediante divulgação da publicação da Lei Municipal nº 487/1967.

O trabalho de campo foi realizado com base no método de observação participante, por meio de visitas às Feiras e conversas com os participantes e feirantes ao longo do ano de 2019. Os autores Stéphane Beaud e Florence Weber<sup>4</sup>, em seu livro *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*, afirmam que o método da observação participante se sustenta sobre o desenvolvimento de três técnicas: perceber, memorizar e anotar, e aconselham a testar as observações através de entrevistas.

A partir da observação participante, tal pesquisa apresentou discussões sobre as motivações que levaram os feirantes a estender suas atividades na Feira ao longo de cinco décadas, mesmo diante de todos os desafios na ocupação do espaço urbano que são apresentados, e quais fatores levam as pessoas a participar das atividades da Feira, em muitos casos, todos os sábados. Também identificamos no processo de criação da Feira Noturna uma

---

<sup>4</sup> BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. 2ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p.97 e 98.

ressignificação da Feira no centro da cidade. Essa descoberta nos levou a aprofundar a pesquisa e a problematizar essa questão, ampliando o campo de estudo.

Partimos da hipótese de que a Feira foi criada com objetivo de abastecer a cidade de Viçosa, em razão do crescimento populacional provocado ao longo da década de 1960, pelo processo de crescimento e desenvolvimento da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) e da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) (que posteriormente veio a se transformar na UFV). Além de participar do abastecimento da cidade, a Feira desenvolve um papel importante na promoção da agricultura familiar, por promover contato direto entre os produtores e a comunidade viçosense, proporcionando a eles condições de comercializarem seus produtos sem atravessadores. Essas condições favorecem a oferta de alimentos frescos, saudáveis, a preços mais baixos que os mercados, ganhando assim a preferência das famílias.

Apesar de todas as mudanças provocadas pelo desenvolvimento urbano da cidade, a persistência, o crescimento e desenvolvimento da Feira se devem ao fato de a relação dos feirantes e das famílias viçosenses ultrapassar o sentido comercial, alcançado afetividade e sociabilidade, com reflexos na sobrevivência da Feira ao longo tempo. Nesse sentido, podemos entender, inicialmente, que a Feira é um lugar sociocultural, por promover a construção de costumes e tradições, além de proporcionar espaço de lazer, atração cultural, socialização da população e troca de saberes.

Os entrevistados foram convidados à medida que a pesquisa se desenvolveu, fosse por sugestão dos participantes, fosse pela escolha da própria autora, seguindo o método da bola de neve. Conforme discute Juliana Vinuto, em seu artigo *A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate aberto*:

A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mãos de documentos ou informativos chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede social, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago/dez. 2014. p. 203.

Ressalta-se que o grupo de pessoas escolhidas para as entrevistas não foi representativo especificamente de uma única classe social, sequer de uma porcentagem da população que permita uma generalização dos resultados obtidos. Além disso, não se pretendeu fixar lugares de fala únicos e imutáveis, pois as formas de pensamento são dinâmicas e as memórias são reconstruídas constantemente.

As entrevistas foram realizadas com fundamento no método da história oral, pois o testemunho oral possibilita conhecer memórias individuais e coletivas. Segundo Paul Thompson<sup>6</sup>, “toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta”. A história oral é caracterizada pela coleta de depoimentos com pessoas que testemunharam o acontecimento dos fatos.

Nesse sentido, realizamos um estudo da Feira a partir da observação participante e do método da história oral. Para tanto, realizamos a observação participante na Feira livre, aos sábados e na Feira Noturna, nas quartas-feiras, no período de março a dezembro de 2019 e onze (11) entrevistas, entre os meses de outubro e novembro de 2019, em diferentes horários e dias da semana, com pessoas que estavam relacionadas com a Feira, sendo que o perfil dos entrevistados foi segmentado da seguinte forma: um produtor rural e feirante, Sérvulo Fialho Resende, que atua na Feira desde 1970; um feirante, José Francisco Vieira, conhecido por Zequinha, um dos primeiros pasteleiros da Feira, que iniciou suas atividades por volta de 1970. Sobre este participante, vale ressaltarmos que, no início, vendia frutas em sua popular Kombi azul, mas que, em 1978, com a mudança da Feira do estacionamento do banco Bradesco para Avenida Santa Rita de Cássia, passou atuar como pasteleiro, sendo amplamente conhecido por seu carisma e tendo, inclusive, recebido homenagens de formandos da UFV no ano de 2008.

Também contribuíram com o estudo dois participantes envolvidos nas questões relativas a manifestações sociais e culturais na cidade, sendo eles: Vanda do Carmo Lucas dos Santos, que é Técnica Administrativa da Universidade Federal de Viçosa e já atuou na Diretoria do Sindicato ASAV (Associação dos Servidores Administrativos da UFV), e Rômulo Nascimento Marcolino, professor e comunicador popular; dois participantes (frequentares da Feira): Fernando Conde Veiga, professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa, o qual já realizou algumas atividades acadêmicas no espaço

---

<sup>6</sup> THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 197.

da Feira e outra participante frequentadora da Feira há cerca de 40 anos, que recebeu o pseudônimo de Jaci, uma vez que não autorizou a sua identificação nesta pesquisa.

Participaram, ainda, dois servidores da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais): Vera Lúcia Rodrigues Fialho, Extensionista do bem estar social II, conhecida entre os feirantes e participantes pela sua atuação junto às famílias da agricultura familiar, e Marcelino Soares, Especialista em Agropecuária, atuante no apoio a produção. Outros dois entrevistados são servidores da Secretaria de Agropecuária e Desenvolvimento Rural da Prefeitura Municipal de Viçosa, sendo eles: Marcos Roberto Fialho, Secretário de Agropecuária e Desenvolvimento Rural de Viçosa, entre os anos de 2013 e 2020, e Erli da Silva Felício que oferece apoio às atividades da Feira desde a década de 1990, atuando no registro da presença dos feirantes e auxiliando nas atividades, como guarda das barracas. Por fim, também contamos com um servidor da Secretaria Municipal de Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes da Prefeitura Municipal de Viçosa, José Mário Rangel, Chefe do Departamento de Patrimônio Histórico, no período de 2016 a 2020.

O quadro 1 apresenta o resumo da caracterização desses entrevistados, descrevendo os respectivos quantitativos, perfil, nome e atuação.

Quadro 1 - Números, perfil e descrição dos entrevistados

<b>Número de entrevistados</b>	<b>Perfil</b>	<b>Nome</b>	<b>Atuação</b>
2	Feirantes	Sérvulo Fialho Resende	Feirante e produtor rural desde a década de 1970
		José Francisco Vieira (Zequinha)	Feirante desde 1970, e um dos primeiros pasteleiros da Feira
2	Participantes envolvidos em manifestações sociais e culturais da cidade	Vanda do Carmo Lucas dos Santos	Técnica Administrativa da Universidade Federal de Viçosa e já atuou na Diretoria do Sindicato ASAV
		Rômulo Nascimento Marcolino	Professor e Comunicador Popular
2	Participantes	Fernando Conde Veiga	Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa
		Jaci (pseudônimo)	Frequentadora da Feira há

			cerca de 40 anos
2	Servidor da EMATER	Vera Lúcia Rodrigues Fialho	Extensionista da EMATER
		Marcelino Soares	Especialista em agropecuária da EMATER
2	Servidores da Secretaria de Agropecuária e Desenvolvimento Rural da PMV	Marcos Roberto Fialho	Secretário de Agropecuária e Desenvolvimento Rural entre os anos de 2013 e 2020
		Erli da Silva Felício	Servidor Municipal que oferece apoio às atividades da Feira desde a década de 1990
1	Servidor da Secretaria Municipal de Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes da PMV	José Mário Rangel	Chefe do Departamento de Patrimônio Histórico, no período de 2016 a 2020
<b>Total de entrevistados</b>			<b>11</b>

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Ao longo da pesquisa, discutimos a Feira enquanto lugar cultural, social e significativo para a comunidade Viçosense. A Feira é, portanto, o elemento central desta pesquisa e através dela foram problematizadas temáticas como territorialidade, paisagem, lugar, memória e identidade no intuito de compreendê-la sob a perspectiva do patrimônio cultural imaterial.

Além disso, com objetivo de analisar o *corpus* textual das entrevistas, organizar os dados textuais, categorizar as entrevistas dos participantes de acordo com a identificação de similaridades de seus relatos, por meio de análise de conteúdo, conforme proposta de Laurence Bardin (2011)<sup>7</sup>, utilizamos o *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). Trata-se de um programa livre, que se ancora no *software* R, e que permite o processamento e as análises estatísticas de textos produzidos.

O método da análise de conteúdo, conforme indica Bardin<sup>8</sup>, consiste na organização da análise, a ser realizada em três fases: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A primeira fase de pré-análise dedica-se à organização do material a ser analisado, realizada por meio de leitura, escolha dos documentos,

<sup>7</sup> BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2011. p. 47.

<sup>8</sup> BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2011. p. 47.

formulação de hipóteses e objetivos, referenciação de índices e elaboração de indicadores e a preparação do material. A segunda fase da exploração consiste em operações de codificação, decomposição ou enumeração para então realizar a categorização. Por último, o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, configura-se a fase em que os resultados são tratados de maneira a serem significativos e válidos.

Em busca de relatos e de memórias, fizemos uso de informações contidas na mídia impressa e nas redes sociais, em conformidade com o recorte temporal estabelecido. Os jornais locais pesquisados foram os jornais *A Cidade* e o *Folha da Mata*. Também realizamos pesquisa nos arquivos públicos da Câmara Municipal de Viçosa e da Prefeitura Municipal de Viçosa, nos quais procuramos, especificamente, as legislações e termos que indicassem e autorizassem as mudanças de local da Feira, porém, não encontramos registros dessas movimentações.

Completamos os métodos mencionados com fotografias coletadas em campo, junto aos entrevistados, no sistema AtoM<sup>9</sup> da UFV, com feirantes e participantes da Feira, bem como no grupo do *Facebook* chamado “Museu Virtual de Viçosa”, no qual também realizamos interações virtuais por meio de uma postagem com o objetivo de encontramos relatos de memórias, lembranças atribuídas a Feira. Nesse ínterim, é importante ressaltar que, de acordo com Christine Hine<sup>10</sup>, por meio da etnografia virtual o pesquisador pode perceber as relações, atividades e compreensões daqueles que estão nesse ambiente. Além disso, elaboramos o mapa “Trajetórias da Feira Livre da cidade de Viçosa, Minas Gerais”, onde foram consultados e utilizados arquivos vetoriais/*shapefiles* de domínio público e o *software* livre e de código aberto QuantumGIS 3.8.3 (2019). Para obter os dados georreferenciados de localidades ou áreas ocupadas pela Feira Livre de Viçosa, foram realizados trabalhos de campo mediante o uso de aparelho GPS - *Global Positioning System* (Sistema de Posicionamento Global).

Tal procedimento metodológico possibilitou a inclusão de dados precisos na elaboração do mapa temático. Após a etapa de coleta de dados, os pontos marcados foram identificados na imagem de satélite disponibilizada através da plataforma de *software* Google Earth e importados para o QGIS. Com uso do *software* apresentado associado ao conjunto de ferramentas específicas, à interface e dados do Google Earth e aos bancos de dados de acesso

---

<sup>9</sup> O sistema AtoM é instrumento de pesquisa que surgiu da parceria entre o Arquivo Central e Histórico da UFV e a Diretoria de Tecnologia da Informação (DTI). O sistema busca difundir o patrimônio arquivístico da UFV, composto por documentos de diversos gêneros (textuais, cartográficos, iconográficos, etc.). Disponível em <http://atom.ufv.br/>

<sup>10</sup> HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. Londres: SAGE Publications, 2000. p. 4.

público, pretendemos tornar acessível e ilustrar – com dados georreferenciados reais – os caminhos percorridos pela Feira Livre da cidade de Viçosa (MG).

Não foi possível identificar no mapa a data ou ano que a Feira mudou da Praça Silviano Brandão (seu local de origem) para a Praça do Rosário, e em seguida para região dos Bancos, passando temporariamente pelo bairro Lourdes e concomitante ao seu funcionamento na Praça Silviano Brandão. Porém, os relatos orais confirmam que, entre os anos de 1967 e 1978, a Feira esteve instalada nesses logradouros.

O trabalho foi dividido em duas partes, sendo a primeira composta pelos capítulos de um a três, e a segunda, pelo capítulo quatro, que trata da proposta do produto. O primeiro capítulo faz referência à feira a partir de uma perspectiva histórica, indicando, os principais locais de destaque das feiras no mundo, e como esses eventos chegaram ao Brasil, suas origens e práticas. Buscamos compreender a feira como patrimônio cultural imaterial, enquanto tradição e lugar cultural. Para isso, utilizamos como referências do estudo da feira as Feiras de Caruaru e de Campina Grande, as quais possuem Registro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN no livro de lugares. Em seguida, apresentamos um breve histórico da cidade de Viçosa, MG, a fim de compreender o contexto em que surge a Feira Livre e a Feira Noturna para, então, focarmos na análise da trajetória da Feira, por meio das percepções, memórias e vivências dos entrevistados.

O segundo capítulo busca compreender as características particulares das feiras que as distinguem do cotidiano nas cidades, sejam elas culturais, econômicas ou sociais. Assim, fizemos uma abordagem ampla dos conceitos de território, territorialidade, paisagem, lugar, memória e identidade, e cultura com o intuito de compreender a ocupação e relações de poder estabelecidas nesses espaços geográficos, bem como a formação da identidade dos grupos.

No terceiro capítulo realizamos a análise do *corpus* textual das entrevistas relacionando as palavras que mais se repetiam e suas proximidades com auxílio do *software* IRAMUTEQ. Foram verificados, também, os entendimentos dos entrevistados acerca das alterações da paisagem, das percepções do lugar e de suas memórias individuais e coletivas.

Por fim, o quarto capítulo, que compõe a segunda parte do trabalho, foi dedicado à aplicação do produto. O curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Mestrado Profissional Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania tem como parte das exigências a elaboração de um produto (proposta de intervenção) que, dialogando com as discussões teórico-metodológicas e apontamentos gerados pelo estudo, possa ser aplicado ao campo de atuação da pesquisa. Nesse sentido, a proposta de elaboração desse produto está articulada com as questões que perpassaram os resultados da pesquisa sobre a Feira enquanto lugar

sociocultural. Essa proposta consiste na elaboração do roteiro piloto para uma temporada de três programas da Rádio Feira Itinerante, com a sugestão de que dois desses programas acontecerem na Feira Livre de sábado e outro na Feira Noturna, na quarta-feira.

Os resultados da pesquisa apontaram que a Feira é um ponto de encontro e um meio de dialogar com a comunidade local, e, portanto, a implementação de uma Rádio Feira Itinerante poderia potencializar essa característica da Feira, além de proporcionar a difusão da cultura local e abrir espaço para apresentação de artistas. A ideia de propor um programa de rádio Feira itinerante como proposta de intervenção desta pesquisa, nasceu da inquietação em sugerir uma ação que viesse ao encontro das críticas e apontamentos encontrados nos resultados da pesquisa e da consulta de trabalhos referentes ao tema rádio, por entender que a rádio é um tipo de mídia presente no cotidiano dos feirantes. Sendo assim, inferimos que a modalidade de rádio, em razão da sua predileção no meio rural, poderia ser uma alternativa.

Em razão disso, iniciamos uma pesquisa sobre a rádio a fim de elaborar o produto. A tese de doutorado de Kátia de Lourdes Fraga<sup>11</sup>, intitulada *O rural em rede: rádio, midiaticização e ruralidade no cotidiano da zona da mata mineira*, publicada em 2018, foi um dos primeiros trabalhos encontrados. Nele, a autora relata o trabalho desenvolvido em um projeto de extensão denominado *Rádio itinerante: Uma mídia comunitária para a valorização da cultura popular e da cidadania* (realizado em Ponte Nova com o grupo afrodescendentes Ganga Zumba, e em Viçosa nas comunidades de São José do Triunfo e Nova Viçosa). Aprofundando a pesquisa, encontramos artigos publicados sobre projetos de extensão referentes à rádio itinerante, sendo eles: *Rádio itinerante cultural Raízes do triunfo: uma mídia alternativa a serviço da cultura popular*<sup>12</sup> e *Entre Sons e gestos: A rádio itinerante cultural Palmares na difusão da cultura afrobrasileira, uma experiência na zona da mata mineira*<sup>13</sup>.

Com base nesses projetos de autoria de Kátia de Lourdes Fraga, professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Viçosa, propusemos o produto

---

<sup>11</sup> FRAGA, Kátia de Lourdes. **O rural em rede: rádio, midiaticização e ruralidade no cotidiano da zona da mata mineira**. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Viçosa – UFV. Viçosa, 2018. p. 10.

<sup>12</sup> FRAGA, Kátia L. *et al.* Rádio Itinerante Cultural Raízes do Triunfo: uma mídia alternativa a serviço da cultura popular. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 13, n. 1. jan./jun. 2013. Disponível em <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/13125/1/artigo2evol13-1.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2021.

<sup>13</sup> FRAGA, Kátia L. *et al.* Entre Sons e gestos: A rádio itinerante cultural palmares na difusão da cultura afrobrasileira, uma experiência na zona da mata mineira. 2009. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR. **Anais** [...], 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1012-1.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2020.

desta pesquisa, qual seja, uma Rádio Feira Itinerante para atender os anseios da comunidade local e a demanda das duas feiras, a princípio abrindo a discussão dos resultados do estudo à comunidade.

Por fim, tecemos algumas considerações finais.

# PARTE I

## **CAPÍTULO 1 - ASPECTOS HISTÓRICOS DA FEIRA LIVRE EM DIVERSOS ESPAÇOS E TEMPOS**

As feiras livres constituem-se manifestações socioeconômicas e culturais que mobilizam as cidades. Apesar de sua função econômica, as feiras têm outras funções sociais e potencializam as redes de sociabilidades e de cultura de uma cidade ou região. Por não constituírem, muitas vezes, espaços potencialmente econômicos e lucrativos, as feiras são negligenciadas pelas políticas públicas. Apesar disso, elas ainda resistem ao tempo, às diferenças e às mudanças de lugares. Ademais, a força de trabalho se mostra ativa nesse lugar, sendo um reduto social dentro da cidade.

Visitando a feira é possível sentir a cidade, pois esse evento mobiliza as pessoas no seu sentido econômico, social e cultural. Podemos perceber na feira o cotidiano da população e a forma como a cidade se movimenta. Ela é carregada de simbologias, de pertencimento de grupos e de apropriação de espaços.

Neste sentido, neste primeiro capítulo faremos uma reflexão sobre a origem das feiras e sua tradição no Brasil, buscando demonstrar o significado da feira em seus diversos campos, seja econômico, social ou cultural. Além disso, discutiremos as práticas de higienização da cidade (que incluem a Feira), bem como analisaremos a trajetória da Feira Livre do município de Viçosa, Minas Gerais, enquanto lugar de sociabilidade, de cultura e de diferentes formas de expressão - uma tradição urbana popular que resiste ao tempo, às mudanças e à modernização da cidade. Outrossim, abordaremos o surgimento e o desenvolvimento urbano da cidade de Viçosa, bem como destacaremos as mudanças de local de funcionamento da Feira ao longo de cinco décadas. Ainda, analisaremos a Feira Noturna de Viçosa como uma expressão e ressignificação da Feira Livre no centro da cidade.

Ao longo deste capítulo, discutiremos o surgimento das feiras, as disputas pelo espaço, a permanência do evento no tempo e nos espaços, seja pela preferência dos fregueses, pelos produtos frescos e baratos, pela forma alternativa de abastecimento alimentar, ou por ser um lugar de sociabilidade, ponto de encontro da comunidade.

### **1.1 A origem das feiras e sua tradição no Brasil**

As feiras livres são atividades comerciais antigas e sua etimologia, conforme aborda Oswaldo Porteila<sup>14</sup>, remete para o termo latino “féria”, ou seja, “dia santo, feriado, dia de descanso” ou “dia de festa dedicado aos deuses”, momento em que os comerciantes vendiam seus produtos ou os excedentes de sua produção próximos ou no entorno das igrejas, instante em que as pessoas aproveitavam as festas religiosas para se reunirem e trocaram mercadorias. Por séculos, a religião andou ao lado do comércio. As pessoas se reuniam em lugares públicos, a fim de venderem suas mercadorias, e, a partir desse momento, o poder público interveio a fim de fiscalizar e cobrar os impostos. Embora seja uma prática social existente até os dias atuais, suas origens são incertas. Alguns estudos indicam a existências dessas atividades entre as civilizações mais antigas, como, por exemplo, as civilizações fenícia, grega, romana e árabe.

Uma das referências mais antigas acerca do surgimento da feira ou mercado é apresentada por Lewis Mumford<sup>15</sup>. Para o autor, as duas formas mais clássicas de mercado são a praça aberta ou bazar coberto e a rua de barracas ou de lojas, que remontam ao ano 2.000 a. C., mas pode ser que antecedam este período na forma mais antiga de supermercado, ou seja, o comércio dentro do recinto dos templos sagrados. Não há dúvida que o mercado surge para regular as trocas, tendo em vista o lucro monetário e acumulação de capital privado.

Na bíblia, livro sagrado dos cristãos, o evangelista João<sup>16</sup> faz referência a atividades típicas de feiras. Relatando a proximidade da Páscoa dos judeus e o caminho de Jesus para Jerusalém, João narra que Jesus encontrou vendedores de bois, ovelhas, pombas e cambistas sentados no Templo de Jerusalém. O evangelista cita elementos que nos levam ao entendimento de que uma feira ou atividade de mercado acontecia no Templo.

De acordo com Jacques Le Goff<sup>17</sup>, no século XII a Igreja Católica revelou-se pouco indulgente com os torneios, condenando as feiras como detestáveis e as chamando vulgarmente de torneios, pois nelas os cavaleiros se reuniam para exibir suas forças e sua impetuosa temeridade. A realização dos torneios data de Inocêncio II, no ano de 1130. Naquele período, a moda dos torneios (feiras) dos cavaleiros explodiu em todo Ocidente, na

---

<sup>14</sup> PORTEILA, Oswaldo. Vocabulário etimológico básico do acadêmico de letras. Universidade Federal do Paraná. **Letras**, Curitiba, v. 33, 1984. p. 111. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/letras/article/download/19320/12605>. Acesso em: 09 out. 2020.

<sup>15</sup> MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. Tradução Neil R. da Silva, 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 86.

<sup>16</sup> BÍBLIA. Português. **Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos**. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008. p. 1.386

<sup>17</sup> CARDINI, Franco. O Guerreiro e cavaleiro. In: LE GOFF, Jacques (org). **O homem medieval**. Lisboa: Presença, 1989. p. 71

Terra Santa das Cruzadas e mesmo no mundo bizantino e islâmico. Assim, as primeiras cidades mercantis resultaram da transformação dessas aglomerações sem função urbana.

Com os burgos surgem as condições para a origem das feiras medievais, motivadas pela intensificação das atividades comerciais e pelo renascimento urbano a partir do século XII, e, posteriormente, pelo surgimento da burguesia e do crescimento demográfico. Neste contexto, as feiras ajudaram a promover transformações na economia, na vida social e na paisagem urbana. As feiras criadas pelos mercadores constituíram-se importantes entrepostos comerciais e centros de desenvolvimento urbano. Elas aconteciam principalmente nos burgos (núcleos populacionais que se localizavam ao redor dos castelos ou ainda uma cidade murada autogovernada), a partir dos quais ocorre a expansão dos núcleos urbanos, sendo necessário serem criados novos muros para acompanhar o crescimento e proteger as atividades comerciais ali presentes. No começo, as feiras medievais exerciam atividades comerciais locais, mas, com o tempo, ganharam uma dimensão geográfica mais ampla, recebendo e comercializando produtos de diferentes partes da Europa, da África e da Ásia.

Henri Pirenne<sup>18</sup>, por sua vez, apresenta o surgimento das feiras na segunda metade da Idade Média, como meio de prover recursos suplementares às cidades, atraindo a elas uma afluência momentânea. Para o autor, a feira não dependia de um lugar onde se estabelecer, pois ela era só um lugar de reuniões para uma clientela dispersa, e sua frequência não estava relacionada com a densidade da população.

De acordo com Henry Lefebvre, foi no final da Idade Média, no Ocidente Europeu, que a mercadoria, o mercado e os mercadores penetraram triunfalmente nas cidades, o que ocasionou uma mudança no espaço urbano. Com isso, “o espaço urbano torna-se o lugar do encontro das coisas e das pessoas, da troca”<sup>19</sup>. Para o autor, o espaço urbano não só projeta as relações sociais, mas também é um lugar onde as estratégias se confrontam e há apropriação por parte dos indivíduos como lugares de sociabilidade e de pertencimento. Le Goff<sup>20</sup> afirma que na Idade Média tanto o mercado quanto a feira ofereciam as mesmas oportunidades de trocas e de transformações.

---

<sup>18</sup> PIRENNE, Henri. **História econômica e social da Idade Média**. 6ª ed. São Paulo: MestreJou, 1982. p. 102.

<sup>19</sup> LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 1999. p. 20.

<sup>20</sup> LE GOFF, Jacques. **Por amor as cidades**. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998. p.33.

Com a expansão marítima os séculos XV e XVI, a tradição das feiras foi levada para as colônias. No Brasil, é importante ressaltar, conforme analisa Luiz Mott<sup>21</sup>, que as trocas de mercadorias já ocorriam entre os nativos, porém, somente no período colonial nasceram as feiras, em razão do crescimento das cidades. Há registros de regimentos ordenando a criação de feiras semanais na América Portuguesa. Nesse sentido, a primeira referência de feira no Brasil data de 1548, quando o rei Dom João III ordenou: “que nas ditas vilas e povoados se faça em um dia de cada semana, ou mais, se vos parecerem necessários, feira [...]”<sup>22</sup>. Apesar da autorização dos monarcas, essas feiras parecem não terem se realizado, se desenvolvendo apenas no século XVII com a intensificação do comércio de gado. De acordo com Eduardo Pazerra<sup>23</sup>, à época existiam dois tipos de feiras – as “feiras de mercado”, como eram denominadas as feiras livres, que ocorriam aos sábados, destinadas a abastecer a população, e a “feira franca” ou “feira de gado”, destinada à comercialização de bens em geral, atraindo compradores de diferentes regiões. A partir do século XIX, as feiras livres estavam instaladas nas ruas, comercializando produtos básicos de alimentação à população de suas comunidades.

Hoje, do norte ao sul do país, podemos encontrar exemplos de feiras que marcam as cidades e refletem a identidade da região, como a Feira da cidade de Caruaru, em Pernambuco, e a Feira de Campina Grande, do Estado da Paraíba, registradas no livro de lugares do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

O segundo bem registrado no livro de lugares do IPHAN, em 2006, foi a Feira da cidade de Caruaru (PE), uma das maiores feiras do Brasil, cujas origens remetem aos primeiros tempos de ocupação da região, constituindo-se um polo de preservação da identidade e de resistências culturais. Os primórdios da feira de Caruaru remontam ao século XVIII, quando boiadeiros, tropeiros e mascates que percorriam o Estado de Pernambuco e pernoitavam na Fazenda Caruaru impulsionaram o surgimento de um comércio de itens e serviços ligados ao gado, o que viria a se transformar na feira. O comércio tomou uma dimensão tal que, no seu entorno, nasceu a cidade de Caruaru, a mais populosa do interior pernambucano, distante 130 quilômetros de Recife. Em dias mais movimentados, a feira chega a superar a faixa de circulação de mais de 100 mil pessoas.

---

<sup>21</sup> MOTT, L.R. de B. **A feira de Brejo Grande**: estudo de uma instituição econômica num município sergipano do baixo São Francisco. 1975. 348 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade de Campinas: Campinas, 1975. p. 309

<sup>22</sup> *Ibidem*.

<sup>23</sup> PAZERRA JR., Eduardo. **A feira de Itabaiana – PB**: Permanência e mudança. Dissertação de Doutorado. Departamento de Geografia, USP, São Paulo, 2003. p. 26

Figura 1 - Feira de Caruaru (PE), ano de 1955



Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)<sup>24</sup>.

Em 1956, os versos do compositor carauense Onildo Almeida sintetizaram para os nordestinos o que representa a feira de Caruaru, uma autêntica realização popular: “a feira de Caruaru, faz gosto a gente vê. De tudo que há no mundo, nela tem pra vendê”<sup>25</sup>.

Em 1957, a canção “A feira de Caruaru” ganhou repercussão nacional na voz do inesquecível “Rei do Baião”, Luiz Gonzaga:

Em 1956, Luiz Gonzaga chegou a Caruaru para se apresentar na Rádio Difusora e escutou “A feira de Caruaru”. Com muito entusiasmo, pediu a Onildo para gravá-la, vendendo em 1957 mais de cem mil cópias. A Feira também se fortalecia, pois, as pessoas iam conferir os itens relacionados na música e reclamavam a ausência de alguns artigos. Com isso, Onildo compôs “A Feira de Caruaru 2”, gravada por Israel Filho, mas a primeira música permaneceu como o hino da feira e da própria cidade<sup>26</sup>.

<sup>24</sup> IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Caruaru. 2013. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/caruaru/historico>, acesso em 09 e outubro de 2020.

<sup>25</sup> ALMEIDA, Onildo. **A feira de Caruaru**. Intérprete: Luiz Gonzaga. 1957.

<sup>26</sup> IPHAN – **Do Dossiê de Registro: Feira de Caruaru**. Brasília: IPHAN, 2006. p. 42.

Figura 2 - Monumento de entrada da Feira de Caruaru que faz referência ao compositor Onildo Almeida e ao Registro de Patrimônio Cultural imaterial Brasileiro concedido pelo IPHAN



Fonte: Pinterest<sup>27</sup>.

Para o IPHAN<sup>28</sup>, a divulgação da música “A feira de Caruaru” ajudou a fortalecer a tradição da feira, que transcende as práticas comerciais e se revela como um lugar de memória, de difusão de saberes que continuam vivos no comércio de gado, nos brinquedos reciclados, nas figuras de barro e outros tantos saberes e fazeres, que sem a dinâmica e o mercado da feira teriam desaparecido.

Neste mesmo sentido se dá a feira de Campina Grande. A história dessa feira se confunde com o surgimento da cidade de Campina Grande, localizada no planalto do Borborema, região de transição entre a zona da mata e os sertões, e antiga passagem obrigatória de viajantes e tropeiros, hoje espaço de circulação de trabalhadores. Antes de tudo, a feira de Campina Grande sempre foi um lugar de resistência. Paralelo ao desenvolvimento econômico da cidade, ela transformou as práticas mercadológicas espalhando-se pelas ruas, modo incompatível com o discurso de conduta e de higiene das autoridades locais, elite e intelectuais. É possível notar nessas práticas de higienização da cidade algumas concepções sociais se referindo à feira como lugar perigoso. Giovanna Araújo, ao analisar as feiras do Brasil e de Portugal, aponta que:

<sup>27</sup> Disponível em: [https://br.pinterest.com/pin/467459636304780689/?autologin=true&nic\\_v2=1a1cdqUmF](https://br.pinterest.com/pin/467459636304780689/?autologin=true&nic_v2=1a1cdqUmF). Acesso em: 10 out. 2020.

<sup>28</sup> *Ibidem*.

[...] a feira é considerada espaço de ‘pobre e de sujeira’, o qual, desde sua formação, sempre foi visto como ‘[...] lugar de marginais, de prostitutas, de jogadores, saltimbancos, ladrões e mendigos’. Entretanto, contrariando essa concepção preconceituosa, nos dois lados do Atlântico, desde os primórdios, foi montada uma estrutura administrativa no entorno das feiras como forma de controle e lucro por parte do Estado, o que evidencia a importância que tais instituições sempre tiveram<sup>29</sup>.

Percebemos, assim, que apesar dessas representações negativas das feiras, elas sempre exerceram um papel fundamental tanto na consolidação das cidades, quanto na movimentação econômica, pois, de certa forma, atendiam aos interesses dos comerciantes, dos usuários dos serviços e do poder público que estabelecia suas normas para arrecadação.

Em Campina Grande houve a tentativa de retirar a feira do centro da cidade, mediante a justificativa de saneamento, higienização de espaços públicos e de combate a condutas como a prostituição. Porém, a feira realocada sempre produzia uma nova centralidade urbana. Para onde ia, acabava por transformar a paisagem local com suas barracas coloridas e mercadorias expostas.

Atualmente, de acordo com o IPHAN, a Feira de Campina Grande é uma das maiores e mais intensas praças comerciais ao ar livre no território brasileiro.

Figura 3 - A feira de Campina Grande na década de 1970



Fonte: CPDOC, Fundação Getúlio Vargas.

---

<sup>29</sup> ARAUJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)**. 2011. 700 f. Tese (Doutorado em Idade Contemporânea (UMINHO) e Doutorado em História Social (UFBA) – Regime de Co-tutela) – Instituto de Ciências Sociais, Departamento de História (Universidade do Minho) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Braga/Portugal, 2011. p.30.

A feira de Campina Grande apresenta forte relação com o espaço urbano, estando no mesmo lugar há mais de sete décadas. Ela é distribuída em nove ruas paralelas e perpendiculares por lotes edificadas de baixa volumetria.

Figura 4 - Movimentação de pessoas na feira de Campina Grande (PB)



Fonte: IPHAN<sup>30</sup>.

Neste trabalho, tratamos as feiras a partir da perspectiva que privilegia o campo de interações sociais, cujo interesse ultrapassa o vender e o comprar. O trabalho de Mott, por exemplo, prioriza essa visão etnográfica. Para ele, “estamos mais interessados em descobrir a relação que existe entre a morfologia da feira e os diversos tipos de interação social que aí se cristalizam”<sup>31</sup>. No meio dessas relações buscamos entender o que leva à permanência dessas feiras no tempo, apesar do desenvolvimento econômico e urbano das cidades, da modernidade e da globalização.

Ao abordar a história das trocas, Fernand Braudel argumenta que são dois os motivos que fizeram a tradição comercial da feira ultrapassar séculos. Sendo eles, “o frescor dos gêneros perecíveis que fornece, trazidos diretamente das hortas e dos campos das cercanias”, e pelos “seus preços baixos, pois esse mercado elementar, [...] é a forma mais direta, mais

<sup>30</sup> Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pb/noticias/detalhes/5357/feira-de-campina-grande-pb-completa-dois-anos-como-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em: 10 out. 2020.

<sup>31</sup> MOTT, L.R. de B. *Op. cit.* p. 66-67.

transparente de troca”<sup>32</sup>. Além disso, Braudel destaca a relevância das feiras e dos mercados, como espaços utilizados pelo homem para a troca e para vida social:

Frequentada em dias fixos, a feira é um natural centro da vida social. É nela que as pessoas se encontram, conversam, se insultam, passam das ameaças às vias de fato, é nela que nascem incidentes, depois processos reveladores de cumplicidade, é nela que ocorrem as pouco frequentes intervenções da ronda, espetaculares, é certo, mas também prudentes, é nela que circulam as novidades políticas e as outras<sup>33</sup>.

Concordando com Braudel, Araújo<sup>34</sup> destaca que as feiras são lugares privilegiados, em que se desenvolve uma série de sociabilidades. As feiras são, muitas vezes, pontos de encontro de amigos, local elegido para os mais variados atos da vida social. Assim, enquanto centro de vivências sociais da comunidade, as feiras deixam suas marcas nas ruas dos centros urbanos, se configuram como um espaço de sociabilidade e afetividade e, por isso, mantêm um sentido de permanência no tempo e de identidade. Dessa forma, a partir do estudo das interações sociais que são construídas nesse lugar que é a Feira, buscamos entender sua relação com o desenvolvimento e com as transformações urbanas da cidade, bem como a construção da identidade de grupos.

## 1.2 A trajetória da Feira Livre da cidade de Viçosa

Antes de adentrar no debate sobre a trajetória da Feira Livre, é necessário conhecer um pouco da história da cidade de Viçosa, em um recorte temporal maior, a fim de que possamos descrever o cenário que aponta para a origem desse fenômeno. Tal discussão será feita a partir de trabalhos acadêmicos e narrativas de memorialistas que descrevem a construção da cidade e suas transformações.

Situada entre as serras da Mantiqueira, Caparaó e Piedade, na Zona da Mata Mineira, Viçosa faz limite ao norte com os municípios de Teixeiras e de Guaraciaba; ao Sul, com Paula Cândido e Coimbra; a leste, com Cajuri e São Miguel do Anta; e a oeste, com Porto Firme, conforme dados do IBGE<sup>35</sup> (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

---

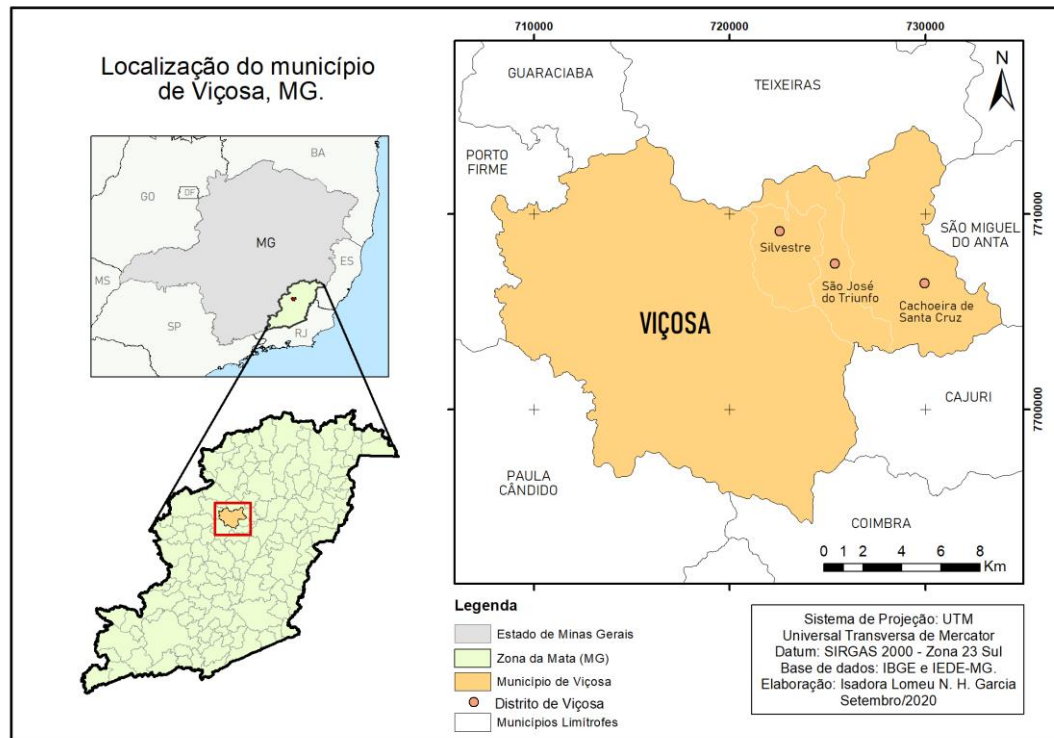
<sup>32</sup> BRAUDEL, Fernand. **O jogo das trocas**. Civilização matéria, economia e capitalismo: século XV-XVIII. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 15.

<sup>33</sup> *Op. cit.* p. 16.

<sup>34</sup> ARAUJO, Giovanna de Aquino Fonseca. *Op. cit.* p. 90.

<sup>35</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vicosa/historico>. Acesso em: 10 out. 2020.

Figura 5 - Mapa de localização do município de Viçosa-MG



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Viçosa teve sua origem a partir da construção de uma ermida, sendo a construção dessa capela o agente ou causa que propiciou o povoamento inicial da futura sede da freguesia de Santa Rita do Turvo. O primeiro traçado urbano de Viçosa se deu em 1800, quando um dos moradores do povoado, o Padre Francisco José da Silva, recebeu autorização do Frei Cipriano de São José, então Bispo da Diocese de Mariana, para edificar a ermida dedicada à Santa Rita, santa de sua devoção, e isso contribuiu para que o povoado recebesse o nome de Santa Rita. A ermida foi construída na região atual da Rua dos Passos, seguindo as orientações emanadas do arcebispo<sup>36</sup>.

Segundo Geraldo Browne Ribeiro Filho<sup>37</sup>, as primeiras edificações de Viçosa foram construídas próximas de uma pequena capela na atual Rua dos Passos. No início do século XIX iniciou-se a construção de uma nova ermida, então perto de onde se encontra a atual matriz de Santa Rita. A construção desse novo edifício foi o segundo marco importante para consolidação do povoado, pois as festas religiosas movimentavam atividades comerciais,

<sup>36</sup> FERREIRA, Jurandir Pires. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro, IBGE, RJ, 1959. XXVII Volume. p. 426-427.

<sup>37</sup> RIBEIRO FILHO, Geraldo Browne. **A formação do espaço construído: cidade e legislação urbanística em Viçosa, MG**. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) UFRJ, 1997. p. 97

atraindo a população rural. A partir daquele momento é possível observarmos que emergiram na cidade condições propícias para o desenvolvimento de atividades comerciais peculiares de feiras, uma vez que esses pontos de comércio tendem a se instalar em um lugar central de fácil acesso à população - e muitas vezes ao redor de igrejas, em razão das festas populares, já que é um local que apresenta maior fluxo de pessoas. A população rural, por sua vez, aproveitava as festas religiosas para se reunirem e trocarem suas mercadorias. Logo, desde os primórdios da cidade de Viçosa, observamos traços de atividades comerciais típicas de feira. Nesse sentido, a escolha dessa nova área para construção da segunda ermida fomentou a ocupação do entorno e transformou-se na localização mais importante e populosa do arraial.

Segundo Maria do Carmo Tafuri Paniago<sup>38</sup>, a cidade de Viçosa, cujo povoado se constitui em começos do século XIX, exercia o papel de abastecimento e de fornecimento de alimentos para as regiões de mineração no final do século XVII e início do século XVIII. Com a queda da mineração por volta de 1830, a região intensificou a atividade cafeeira, provocando uma redistribuição demográfica na Zona da Mata. Segundo Paniago, na década de 1880, Viçosa já se destacava na produção do café e, por esse motivo passou a integrar a rede ferroviária com a chegada da Estrada de Ferro Leopoldina *Railway*. A presença da ferrovia trouxe um sentido mercantil e de prestação de serviço para a cidade. Junto da ferrovia surgiram também as fábricas de tecidos e ocorreu um salto de crescimento populacional em razão do intercâmbio com outras cidades, principalmente com a então capital da época, Rio de Janeiro. Na divisão administrativa de 1891, o povoado passa a ser denominado e Viçosa. Este nome teria sido dado em homenagem ao bispo de Mariana, Dom Viçoso, porém Paniago<sup>39</sup> contesta essa versão, dizendo que o nome teria sido dado pelos portugueses em homenagem à vila Viçosa, sua terra natal.

Desde a década de 1920, o espaço urbano da cidade é marcado por um novo período de transformação, pois ocorrera o surgimento de duas instituições que impulsionaram a expansão urbana: em 1926 houve a inauguração da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) e do Patronato Agrícola Arthur Bernardes. Ambas as obras foram idealizadas por Arthur da Silva Bernardes, então Presidente da Província de Minas Gerais. A criação das instituições foi vista como uma estratégia para fortalecer o Estado diante dos aspectos econômicos e políticos do Estado São Paulo.

---

<sup>38</sup> PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa**: retratos de uma cidade. São Paulo: Scortecci Editora, 2001, p. 23-24.

<sup>39</sup> *Ibidem*.

A construção da ESAV, bem como seu desenvolvimento e expansão, proporcionaram um crescimento urbano acelerado ao município, e a partir de então o cotidiano da cidade passou a se relacionar com o cotidiano da Instituição, usufruindo os viçosenses dos benefícios e conflitos decorrentes dessa relação. Rapidamente, a ESAV se tornou um grande centro de educação e referência na região e no Estado de Minas Gerais. Tendo em vista o crescimento da escola, em 1948 o governo do Estado a transformou em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), então composta pela ESAV, pela Escola Superior de Ciências Domésticas, pela Escola de Especialização e pelo Serviço de Extensão e Serviço de Experimentação e Pesquisa. Com o desenvolvimento e a estruturação de cursos, a UREMG se consolidou e motivou o governo a federalizá-la, em 1969, passando a ser conhecida por Universidade Federal de Viçosa, UFV.

Dessa forma, conforme destaca Ribeiro Filho, estaria concluído o processo de construção e de desenvolvimento do que o autor denomina de “quatro cidades de Viçosa”:

A primeira cidade se refere à cidade patrimônio, devido ao traçado urbano planejado pela Igreja, materializado em um conjunto de terras doadas a Igreja por um ou mais fazendeiros. A segunda seria a cidade ferroviária, dada a construção do ramal da ferrovia, possibilitando um acréscimo nas trocas comerciais, exportação agrícola, expansão do capital e intercâmbio cultural, assim como, integrando novas áreas ao processo produtivo, tanto rurais como urbanas. A última refere – se à cidade universitária, mediante a construção da ESAV. Obstante as três cidades já mencionadas, Ribeiro Filho (1997) destaca o surgimento de uma quarta cidade, materializada após década de 60, chegando até os dias atuais, mediante a expansão das atividades da Universidade, proporcionada pela sua federalização<sup>40</sup>.

A partir da federalização, o crescimento populacional da cidade tornou-se cada vez mais significativo, pois a demanda por moradias na região central e nas proximidades da UFV cresceu e provocou a supervalorização do setor da construção civil e dos terrenos. Em 1960, a população do município constituía-se, em maioria, rural, pois dos seus 21.120 habitantes, 11.778 encontravam-se na zona rural e apenas 9.342 na zona urbana. Entre 1970 e 2010, a população viçosense praticamente triplicou, passando de 25.784 habitantes para 72.220, segundo o último levantamento censitário realizado pelo IBGE.

Além disso, destacamos a movimentação da população rural para a zona urbana na década de 1970, já que a representatividade da população rural passa de 55,7% para 19,40% e

---

<sup>40</sup> RIBEIRO FILHO. Geraldo Browne, 1997 *apud* PAULA, Karine de Almeida. **Urbanização, atividade imobiliária e adensamento urbano nos bairros Centro e João Braz em Viçosa (MG)**. 101f. Monografia de conclusão do Bacharelado em Geografia. Departamento de Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2011. p.27.

chega em 2010 a 6,8%. Esses números não incluem a população flutuante do município que, atualmente, conta com cerca de 20.000 pessoas, em maioria estudante<sup>41</sup>.

Quadro 2 - Evolução da população urbana e rural de Viçosa no período de 1960 a 2010

Anos	População					
	Urbana		Rural		Total	
	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%
1960	9.342	44,3	11.778	55,7	21.120	100
1970	17.0000	65,9	8.784	19,40	25.784	100
1980	31.179	80,9	7.507	10,10	38.686	100
1991	46.456	89,90	5.202	7,8	51.658	100
2000	59.792	92,20	5.062	7,6	64.854	100
2010	67.305	93,2	4.915	6,8	72.220	100

Dados: IBGE: Retrato social de Viçosa V<sup>42</sup>.

Segundo Letícia Honório, em sua dissertação de mestrado com o título *A produção do espaço em uma cidade universitária: o caso de Viçosa, MG*, a federalização da UREMG e ampliação do número de vagas dos cursos oferecidos pela UFV desencadearam esse processo de crescimento populacional. Para a autora, ao assumir a “função de cidade universitária”, Viçosa passou a sofrer um inchaço demográfico, bem como uma especulação imobiliária em sua área central e um crescimento desordenado de seu espaço urbano, “sendo a segregação espacial a maior marca desse processo”<sup>43</sup>.

No entanto, Walkíria Maria de Freitas Martins, em sua dissertação de mestrado intitulada *A pena e o compasso: Políticas Públicas Patrimoniais e a Produção da Paisagem Urbana de Viçosa – MG, entre 1980 e 2010*, ao estabelecer relações de memória e identidade, levanta a ideia de um discurso reducionista ao atribuir unicamente às três instituições (ESAV, UREMG e UFV) o crescimento demográfico da cidade:

Não pretendemos negligenciar os possíveis efeitos que a UFV possa ter provocado em Viçosa, a partir da década de 1970. No entanto, é importante ressaltar que, antes dela, também a ESAV e a UREMG - que são instituições distintas entre si e não um simples somatório institucional - certamente tiveram também, alguma influência sobre a cidade. Ainda assim, tomar as três instituições como únicas causadoras das mudanças ocorridas em Viçosa

<sup>41</sup> CRUZ, T. A. (Coord.). **Retrato social de Viçosa V**. Viçosa, MG: Census, 2014. 91p.

<sup>42</sup> *Op. cit.*

<sup>43</sup> HONÓRIO, Letícia. **A produção do espaço em uma cidade universitária: o caso de Viçosa, MG**. Dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. p. 71.

ao longo do século XX e no início do XXI, pode ser considerada uma visão reducionista<sup>44</sup>.

Nota-se que Martins defende a ideia de que a ESAV e a UREMG também tiveram influência nesse processo de transformação da cidade, mas que, além disso, outros fatores também podem ter influenciado nas mudanças que ocorreram na cidade ao longo do século XX e XXI. A partir disso, verificamos que o desenvolvimento e o crescimento da UREMG geraram demandas sociais na cidade, entre elas, a necessidade de uma feira.

Nesse âmbito, a Feira Livre de Viçosa tem origem no ano de 1967, às vésperas a federalização da UREMG e de seus impactos, ou seja, o ano de 1969. Dessa forma, podemos entender que o surgimento da Feira se articula com o crescimento populacional e com o desenvolvimento da cidade desencadeado ao longo da década de 1960, tendo como finalidade a função de proporcionar o abastecimento da cidade.

A federalização da UREMG em 1969 foi um momento importante para a cidade de Viçosa, pois colaborou para avanços e para o processo de urbanização da cidade. A chegada de mais estudantes, professores e outros profissionais provocou o desenvolvimento da construção civil e a dinamização econômica, especialmente no setor de prestação de serviços. Nesse sentido, observamos que os impactos da federalização foi um dos fatores que influenciaram a consolidação e permanência da Feira na cidade, principalmente na década de 1980, momento em que a Feira se instala na Avenida Santa de Cássia, local onde permaneceu por trinta anos, ganhou força, cresceu e desenvolveu. Apesar do crescimento demográfico da cidade proporcionar um ambiente favorável para a emersão da Feira, o mesmo fator gerou problemas na instalação da Feira no centro da cidade, pois novas demandas e interesses surgiram, como a necessidade de organização do trânsito, o acesso ao *campus* da UFV, e a valorização do mercado imobiliário.

Em 2006, as inquietações e os questionamentos acerca da permanência da Feira Livre de Viçosa na Avenida Santa Rita de Cassia se acirraram devido à emergência de uma intensa valorização imobiliária na cidade. Um dos fatores que colaborou para o crescimento do mercado imobiliário foi a implantação do Programa de Apoio a Planos de Restruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) pelo governo federal, que objetivou duplicar a oferta de vagas ao ensino superior. Assim, a Prefeitura lançou o projeto “Feira de cara nova”

---

<sup>44</sup> MARTINS, Walkíria Maria de Freitas. **A pena e o compasso:** Políticas Públicas Patrimoniais e a Produção da Paisagem Urbana de Viçosa – MG, entre 1980 e 2010. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016. p. 20

para propor a transferência da Feira Livre da Avenida Santa Rita para uma área localizada às costas do Colégio de Viçosa.

Nessa perspectiva, Karine de Almeida Paula<sup>45</sup>, no trabalho de monografia de conclusão do bacharelado em Geografia, nomeado por *Urbanização, atividade imobiliária e adensamento urbano nos bairros Centro e João Braz em Viçosa (MG)*, ao analisar o processo de crescimento urbano do município de Viçosa, enfatiza o processo de verticalização que vem ocorrendo em algumas localidades do município nos últimos anos, em decorrência da proximidade com a UFV, portanto, áreas de maior especulação imobiliária. A autora destaca três ruas da região central da cidade, sendo elas: Avenida Santa Rita de Cássia, Rua Gomes Barbosa e Rua dos Estudantes como as de maior especulação imobiliária. É justamente nessa área central da cidade elencada por Paula que a Feira se instala entre os anos 1978 e 2010.

Nesse sentido, ao longo da discussão da trajetória da Feira é possível observarmos a disputa de espaço, lutas e resistência dos feirantes e das famílias viçosenses em prol de mantê-la em funcionamento e preservar essa tradição urbana na cidade. No ano de 2010, a Feira foi transferida para a parte de trás do Colégio de Viçosa, mudança de local que desencadeou um processo de ressignificação da Feira no centro da cidade. Em 2017 foi criada a Feira Noturna, realizada às quartas-feiras na praça da Estação Cultural. A partir da apresentação dos elementos de formação urbana da cidade de Viçosa, focaremos, então, nossa discussão na instalação da Feira Livre na cidade.

\*\*\*

Sobre a história da Feira, pode ser dito que o primeiro registro oficial que marca o surgimento da Feira Livre de Viçosa data de 18 de novembro de 1967<sup>46</sup>, criada com a finalidade de abastecer a cidade com gêneros alimentícios pelo então prefeito da época, Geraldo Lopes de Faria, mediante publicação da Lei Municipal nº 487/1967.

Neste contexto, surge a Feira como uma atividade de utilidade pública, abrindo espaço para o comércio direto entre produtores rurais e consumidores. Apesar de ter como origem o foco na atividade comercial, ao longo do tempo, a Feira transcendeu essa esfera resultando em um lugar de manifestação cultural e social da comunidade, um espaço expressivo de sociabilidade.

---

<sup>45</sup> PAULA, Karine de Almeida. *Op. cit.* p.40-41.

<sup>46</sup> Informação disponível na crônica publicada no Jornal **A Cidade**, em 26 de novembro de 1967.

Figura 6 - Registro fotográfico da Feira Livre na década de 1970, na praça Silviano Brandão ao lado da Matriz Santa Rita de Cássia



Fonte: Acervo pessoal de José Mário Rangel, cartões postais de 1970.<sup>47</sup>

A paisagem registrada pela fotografia permite observar a aglomeração de pessoas que a Feira causava desde seus primórdios. José Mário Rangel, Chefe do Departamento de Patrimônio Histórico, da Secretaria Municipal Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes de Viçosa, a partir da análise das construções presentes ao redor da Praça Silviano Brandão, afirma que a fotografia data da década de 1970. A Praça Silviano Brandão foi o primeiro logradouro da Feira e, nessa época, um pequeno grupo de feirantes participava daquele comércio, muitos dos quais traziam do campo suas mercadorias em charretes e carroças para serem comercializadas na cidade.

A importância dessa imagem se deve ao fato de congelar no tempo as memórias e as vivências da Feira desde o seu início e permitir visualizar o cotidiano da população na cidade. De acordo com Ana Fani Alessandri Carlos<sup>48</sup>, o contato cotidiano com o outro implica na descoberta de modos de vida, problemas e perspectivas comuns. A cidade é fruto dessas relações sociais e, assim, o movimento urbano é formado de inúmeras teias de relações que, sobrepostas e conectadas, dependem da troca. A experiência do outro se torna evidente e depende do encontro para que a vida urbana aconteça. Por outro lado, o cotidiano produz, junto com a identidade, a consciência da desigualdade e das contradições nas quais se edifica a vida humana.

<sup>47</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/jmario.rangel>. Acesso em: 29 ago. 2020.

<sup>48</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8 ed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2007a. p. 87

As falas de José Mário Rangel, associadas à fotografia acima, demonstram um pouco do cotidiano da população e esse olhar da paisagem da Feira ainda em seu início, na década de 1970. Nesse sentido, José Mário Rangel relata suas lembranças de infância ao frequentar a Feira junto com sua mãe:

Conheço a Feira desde menino, quando pequeno minha mãe me levava à Feira, ela ainda era na **Praça Silviano Brandão**, do lado da Igreja Matriz ali, tinha umas barraquinhas amarelinhas, com lona amarela, e sempre aos sábados a gente comprava verduras, legumes, desde menino, me lembro de 1979 pra cá, e lembro dela ali. Depois foi para **Avenida Santa Rita** e ficou muito tempo lá. **Teve uma época que ela funcionou lá na região dos bancos**<sup>49</sup>.

No trecho da entrevista,<sup>50</sup> José Mário destaca a Praça Silviano Brandão como o local de origem da Feira e enfatiza a sua atividade na região dos bancos e na Avenida Santa Rita. Constatamos por meio das entrevistas que diversos foram os lugares pelos quais a Feira passou na cidade, durante suas cinco décadas de funcionamento.

De acordo com Sérvulo Fialho Resende<sup>51</sup>, produtor rural e feirante desde a década de 1970, a Feira iniciou suas atividades na Praça Silviano Brandão, em 1967. O entrevistado relata que seu tio, já falecido, Vicente Fialho, foi um dos feirantes que faziam parte de um pequeno grupo de pessoas que iniciaram os trabalhos da Feira Livre de Viçosa. Paralelo a esse trabalho, tentaram implementar uma feira itinerante que, a princípio, funcionou ao lado da cooperativa de leite, no bairro de Lourdes, às terças-feiras, mas conta que esta durou cerca de dois meses apenas. Em seguida, por causa de reclamações e conflitos, a Prefeitura transferiu a Feira da Praça Silviano Brandão para a Praça do Rosário<sup>52</sup>, local que a acolheu por pouco tempo; logo a direcionaram novamente para perto do Banco Bradesco, porém, continuaram as reclamações.

---

<sup>49</sup> Trecho da entrevista de José Mário Rangel, Chefe do Departamento de Patrimônio Histórico, da Secretaria Municipal Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes. Duração de 33min45s. Data: 15 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>50</sup> Os entrevistados serão identificados e tratados pelo nome, conforme autorização concedida a esta autora. Somente para um dos entrevistados será utilizado o pseudônimo, nesse caso Jaci.

<sup>51</sup> Trecho da entrevista de Sérvulo Fialho Resende. Duração de 26min54s. Data: 02 de novembro de 2019. Viçosa, MG.

<sup>52</sup> Não encontramos registros de data e ano em que a Feira foi transferida da Praça Silviano Brandão para Praça do Rosário e posteriormente para a região dos bancos. Porém, os relatos orais confirmam a instalação da Feira nesses logradouros. Sabemos que entre os anos de 1967 e 1978 a Feira funcionou na Praça Silviano Brandão (seu local de origem) e concomitante no bairro de Lourdes ao lado da cooperativa de leite (nas terças-feiras, por cerca de 2 meses). Em seguida, passou a funcionar na Praça do Rosário, e depois na região dos Bancos, especificamente, no estacionamento do Banco Bradesco. Em 1978 foi transferida para a Avenida Santa de Cássia.

Em 1978, a Prefeitura Municipal de Viçosa (PMV) decidiu transferir a Feira para a avenida Santa Rita de Cássia, local onde ficou instalada por trinta anos. O movimento cresceu e ganhou força nesse local, porém, em decorrência da especulação imobiliária e das práticas de higienização da cidade, em 23 de janeiro de 2010 a Feira foi conduzida para as costas do Colégio de Viçosa, onde é realizada até hoje.

Em 19 de abril de 2017, a Feira voltou a acontecer no centro da cidade, na Praça Hervé Cordovil, ao redor da Estação Cultural, nos dias de quarta-feira, agora como Feira Noturna, uma extensão da Feira de sábado para os dias de quarta-feira. Tal questão aponta para uma ressignificação da ocupação do território no centro da cidade. Isso, certamente, é uma maneira de demonstrar o sentido que a Feira tem para a comunidade, reforçando a ideia de apropriação e pertencimento.

Por sua vez, o feirante José Francisco Vieira, conhecido por Zequinha, destaca o funcionamento da Feira na Praça Silviano Brandão, no estacionamento do Banco Bradesco e na Avenida Santa Rita de Cássia:

Quando a Feira era no Bradesco eu não podia entrar, aí eu ficava do lado de fora e vendia mais barato que os caras tudo. Eu tinha facilidade para comprar, **a Feira começou na praça, depois foi para o estacionamento do Bradesco e lá ficou muito pouco tempo, depois ela foi para Santa Rita** onde ficou uns 30 anos [...] <sup>53</sup>.

Vera Lúcia Rodrigues Fialho, extensionista de bem estar social da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais) de Viçosa, lembra de suas visitas à Feira quando ainda acontecia na Praça Silviano Brandão, mas argumenta que esse comércio cresceu e se desenvolveu, ganhando a força de um movimento social organizado representativo, nas suas atividades da Avenida Santa Rita de Cássia. A entrevistada ainda fala sobre outro momento forte de tensão que foi a saída da Feira da Praça Silviano Brandão, seu local de origem:

Me lembro dela! Ela ainda estava na praça Silviano Brandão, era umas quatro barraquinhas, eu morava na descida da rua dos passos e íamos lá comprar, eu lembro que quando saiu dali para ir para a Avenida Santa Rita já tinha umas 12 barracas, **foi a mesma confusão**, uma guerra o pessoal não

---

<sup>53</sup> Trecho da entrevista de José Francisco Vieira (Zequinha). Duração de 31min33s. Data: 16 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

queria porque ali era mais central e ela ficou ali muito tempo, **mas ela cresceu mesmo na avenida Santa Rita.**<sup>54</sup>

No mapa a seguir, nomeado por “A trajetória de lugares da Feira Livre de Viçosa, MG”, podemos observar a movimentação das atividades da Feira pelos lugares da cidade citados pelos entrevistados, ora tentando contornar problemas com o trânsito, barulho, aglomerações, lixo produzido, ora resistindo às exigências das especulações do mercado imobiliário da cidade. Ressaltamos que o mapa foi elaborado com base nas memórias dos entrevistados, abarcando todos os lugares que foram mencionados pelos participantes. Além disso, buscamos registro de autorização de funcionamento da Feira nos arquivos da Prefeitura Municipal de Viçosa, a fim de obter mais informações sobre os locais, sequência e tempos, porém, nada foi encontrado.

---

<sup>54</sup> Trecho da entrevista de Vera Lúcia Rodrigues Fialho, Extensionista bem estar social II da EMATER. Duração de 46min57s. Data: 09 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

Figura 7 - Mapa “A trajetória de lugares da Feira Livre da cidade de Viçosa, MG”



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Em um tom saudosista, o feirante e produtor rural Sérvulo Fialho Resende lembra o início da Feira, ainda com um grupo de seis feirantes, entre eles, seu tio Vicente Fialho:

Eu conheço a Feira desde quando comecei a fazer a Feira com meu tio. Não tinha caminhonete nem carro naquela época, e eu trabalhava de sócio com ele. Ele já é falecido. Quando criou a feira, a gente entregava no supermercado, era sócio com ele, tinha dois empregados... eu produzia e ele vendia, e sábado eu estava na Feira era o ano de 1975, plantava tomate, cebola, repolho, baroa. **Na Feira eu vendia a sobra, a Feira era para gente se divertir no final de semana.** Eu gostava muito, eu ficava na roça a semana inteira, só no sábado que eu vinha na cidade para a Feira. Meu tio que trazia, aí ele entregava no mercado, na Universidade, Colégio de Viçosa... era muita quantidade. Então, nós éramos sócios, aí o chefe da Emater convidou a gente para ir para a Feirinha. **Começamos em 6 pessoas,** e com o tempo eram 15, 20. **Aí depois que mudou a Feira para a Santa Rita foi que veio o pessoal de fora, de outras cidades.** [...] Meu tio Vicente Fialho, irmão de meu pai, comprou a picape para trazer os produtos para a Feira, mas no início começamos de charrete, cavalo, e trazia 10 caixas de tomate, e chovia, não tinha estrada... usava carro de boi e saímos entregando tomate. Depois, comecei a produzir baroa e com 2 anos compramos uma caminhonete, e aí foi cebola cabeça... **Meu tio chegou a ganhar medalha de prata de maior produtor, mas era eu quem produzia**<sup>55</sup>.

É importante destacar a ênfase que Sérvulo dá ao ofício de feirante enquanto uma prática de diversão e entretenimento. Assim é interessante pensar o ofício do feirante enquanto aquele que comercializa mercadorias e disponibiliza para a mesa das famílias os alimentos frescos e de qualidade. Esses profissionais costumam ter uma rotina de trabalho exaustiva, mas, mesmo assim, trabalham com alegria, fazendo do ofício uma prática de diversão. Sérvulo, em seu depoimento, diz que vendiam as sobras da produção do campo na Feira, e a partir disso podemos entender que a Feira é um lugar no qual podemos pensar a cidade, o que se produz, o excedente da produção da região, bem como as práticas da culinária, as reivindicações e a manifestação da população, assim como a arte e a música. Outro fato importante é a tensão entre o ofício de feirante e de produtor rural, uma vez que são atuações diferentes. Por um lado, temos aqueles que produzem, ou seja, o produtor rural; por outro, o que comercializa, o feirante.

Sérvulo atua simultaneamente nos dois ofícios, mas seu tio, Vicente Fialho, apenas comercializava. Por isso, o entrevistado conta aborrecido que seu tio ganhou da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais) a medalha de

---

<sup>55</sup> Trecho da entrevista de Sérvulo Fialho Resende. Duração de 26min54s. Data: 02 de novembro de 2019. Viçosa, MG.

prata de maior produtor rural, enquanto, na verdade, ele apenas comercializava os produtos que Sérvulo produzia.

O entrevistado ainda considera a instalação da Feira na Avenida Santa Rita como o marco central de desenvolvimento da Feira. A Avenida Santa Rita de Cássia foi o local que até os dias de hoje abrigou a Feira Livre pelo maior período, qual seja, trinta anos. A nostalgia dos feirantes e participantes em relação aos tempos de funcionamento da Feira nessa avenida é notável. O local é cercado pelos símbolos e vivências que cada um tem para contar.

Figura 8 - Cotidiano da Feira Livre na Avenida Santa Rita de Cássia



Fonte: Página Museu Virtual de Viçosa, MG no *Facebook*<sup>56</sup>.

---

<sup>56</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/groups/museuvirtualvicosa/?post\\_id=595953557093067](https://www.facebook.com/groups/museuvirtualvicosa/?post_id=595953557093067). Acesso em: 01 jul. 2020.

Figura 9 - Barracas de pastel na Feira Livre na Avenida Santa Rita de Cássia



Fonte: Página Museu Virtual de Viçosa, MG no *Facebook*<sup>57</sup>.

Mediante esse contexto, com intuito de atrair pessoas interessadas em relatar suas memórias individuais sobre a Feira, realizamos uma publicação na página do *Facebook*, no grupo Museu Virtual de Viçosa, que possui atualmente cerca de 15.600 membros, segundo Arthur Lobo<sup>58</sup>, um dos administradores da página, cuja finalidade é a de resgatar a história de Viçosa. Nesse grupo, fotos antigas, atuais e históricas relacionadas à cidade são compartilhadas pelos membros. Assim, escolhemos esse grupo virtual para postagem da publicação, visto a importância do Museu Virtual de Viçosa enquanto espaço de troca de conhecimento, lembranças e recordações.

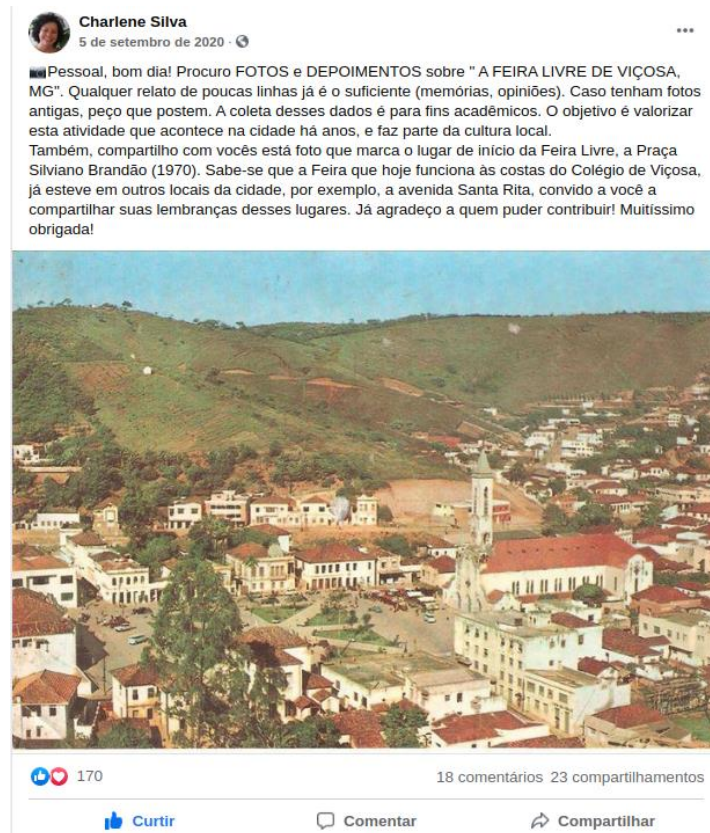
A publicação da Figura 10, entre os dias 05 de setembro e 19 de maio de 2021, rendeu 170 curtidas, 18 comentários e 23 compartilhamentos, que renderam outros 11 comentários.

---

<sup>57</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/groups/museuvirtualvicosa/?post\\_id=595953557093067](https://www.facebook.com/groups/museuvirtualvicosa/?post_id=595953557093067). Acesso em: 01 jul. 2020.

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/museuvirtualvicosa/announcements>. Acesso em: 12 out. 2020.

Figura 10 - Postagem da publicação no *Facebook* do grupo Museu Virtual de Viçosa



Fonte: Página Museu Virtual de Viçosa, MG no *Facebook*<sup>59</sup>.

Nas Figuras de 11 a 14 observamos alguns dos comentários dos membros dos grupos e dos compartilhamentos.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/museuvirtualvicosa/permalink/3451388874882840>. Acesso em: 12 out. 2020.

Figura 11 - Comentários da postagem da figura 10 no *Facebook* do grupo Museu Virtual

Todos os comentários ▾



**Adriana Gonçalves**  
Neste próprio grupo você encontra fotos da feira livre. Se eu encontrar, vou te marcar lá.

1

[Curtir](#) · [Responder](#) · [Compartilhar](#) · 36 sem



**Wesley Felyp**  
acho q tenho

1

[Curtir](#) · [Responder](#) · [Compartilhar](#) · 36 sem



**Selma Bezerra**  
la na av. Sta Rita. Meu colega Hélio do Cooperativismo comercializa alimentos.

1

[Curtir](#) · [Responder](#) · [Compartilhar](#) · 36 sem



**Copiadora Souza**  
Saudade da feira na avenida Santa Rita.

1

[Curtir](#) · [Responder](#) · [Compartilhar](#) · 36 sem



**Charlene Silva** Autor  
A foto da Praça Silviano Brandão que marca o início da Feira foi identificada pelo memorialista **J Mário Rangel**. De acordo com ele a foto é da década de 1970, e ao lado da matriz está o registro das primeiras barracas da Feira.

Editado

[Curtir](#) · [Responder](#) · [Compartilhar](#) · 36 sem



**Denise Maria Costa Costa**  
**Charlene Silva** isso mesmo era na década de 1970 ao lado da matriz.

1

[Curtir](#) · [Responder](#) · [Compartilhar](#) · 36 sem

Fonte: Página Museu Virtual de Viçosa, MG no *Facebook*<sup>60</sup>.

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/museuvirtualvicosa/permalink/3451388874882840>. Acesso em: 12 out. 2020

Figura 12 - Comentários da postagem da figura 10 no *Facebook* do grupo Museu Virtual



Fonte: Página Museu Virtual de Viçosa, MG no *Facebook*<sup>61</sup>.

<sup>61</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/museuvirtualvicosa/permalink/3451388874882840>. Acesso em: 12 out. 2020.

Figura 13 - Comentários da postagem da figura 10 no *Facebook* do grupo Museu Virtual



The image shows a vertical list of six comments on a Facebook post. Each comment includes a profile picture, the user's name, the text of the comment, and interaction options (Curtir, Responder, Compartilhar) and a timestamp. The comments are as follows:

- Lêda Papa**: Eu fui muito na feira com minha mãe. Adorava comprar um feijão que vendia lá. Ele era vermelhinho. (1 like)
- Ludymila Souza**: up. (36 sem)
- Cida Sant Ana Margotto**: Ac. (36 sem)
- Roberto Carlos Dutra**: Feira quando era na Avenida Santa Rita, era muito melhor. Atualmente, da impressão que ela ficou bem reduzida. (1 like)
- Regina Fontes**: Gostava de levar meu filho a feira para ver as galinhas, pintinhos, coelhos e outros animais que vendiam por lá, nessa época era na Av. Santa Rita. (1 like)
- Joao Luis Abreu Leite**: Em 1998, na Avenida Santa Rita, logo no início dela: garapa e pastelão rs. (34 sem)

Fonte: Página Museu Virtual de Viçosa, MG no *Facebook*<sup>62</sup>.

<sup>62</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/museuvirtualvicosa/permalink/3451388874882840>. Acesso em: 12 out. 2020.

Figura 14 - Comentários do compartilhamento feito por Lucilene Macedo da postagem da figura 10 no *Facebook* do grupo Museu Virtual

**Charlene Silva** ▸ Museu Virtual - Viçosa MG  
5 de setembro de 2020 · 🌐

📷 Pessoal, bom dia! Procuo FOTOS e DEPOIMENTOS sobre " A FEIRA LIVRE DE VIÇOSA, MG". Qualquer relato de poucas linhas já é o suficiente (memórias, opiniões). Cas... **Ver mais**


👍 Você e outras 4 pessoas 5 comentários

---

👍 Curtir      💬 Comentar      ➦ Compartilhar

---

Ver mais 4 comentários



**Claudio Paulon de Carvalho**

Eu morava na rua Santana e minha mãe D. Lica, gostava muito de plantas e flores... Por várias vezes eu levava plantas e flores no carrinho de mão pra serem vendidas na feira livre na Pça Silviano Brandão... Lembro muito da Kombi de pastel do Zequinha...

Curtir · Responder · 36 sem 👍 1

Fonte: *Facebook* de Lucilene Macedo<sup>63</sup>.

Percebemos, nas conversas, a partilha saudosista de muitas memórias individuais relacionadas à Feira Livre, ainda na Avenida Santa Rita de Cássia. Os comentários também trazem informações importantes dos primórdios da Feira, na Praça Silviano Brandão, como, por exemplo, o início da prática do comércio de flores, relatado por Claudio Paulon de Carvalho, e a confirmação da época da fotografia da Figura 6, na década de 1970, destacada por Denise Maria Costa.

A tradição do pastel da Feira também é lembrada nos comentários e a citação do nome do pasteleiro Zequinha chama atenção pelo seu carisma de feirante. O imaginário social se referindo à Feira como lugar perigoso também pode ser observado nos comentários de Bruno Duarte. Apesar dessas representações negativas, a Feira revela-se, a partir desses comentários, um lugar fundamental na movimentação econômica da cidade, como também um espaço de lazer e entretenimento para a comunidade. Nesse âmbito, é importante destacar alguns dos comentários que referem a esse comércio como ponto de encontro e espaço de lazer, a

<sup>63</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/lu.macedocosta>. Acesso em: 12 out. 2020.

exemplo de Regina Fontes, que lembra os passeios com seu filho na Feira para ver as galinhas, coelhos, pintinhos e outros animais; João Luis Abreu Leite e Augusto Faria, que falam da tradição da garapa e do “pastelzão”; Lêda Papa, que conta sobre a preferência de sua mãe pelo feijão “vermelhinho”, comercializado na Feira; e Natália Proença, que atribuiu à Feira o sentido de ponto de encontro, e afirmou que o lugar era uma referência de encontro de seus familiares que, muitas vezes, só se viam aos sábados naquele local.

Walkíria Maria de Freitas Martins relata algumas memórias e reflexões em relação à Feira Livre, feita pelos participantes durante uma visita conduzida pela autora aos patrimônios culturais da cidade, em outubro de 2015:

Alguns apontamentos feitos pelos cursistas chamaram a atenção, como os referentes à Feira Livre realizada por pequenos produtores e artesãos de Viçosa, aos sábados, na área externa do Colégio de Viçosa [...] A primeira visita foi à área externa do Colégio de Viçosa, aproveitando para analisá-lo como patrimônio de Viçosa e, ao mesmo tempo, refletir sobre a Feira Livre que atualmente é cogitada pelo CMPCAV para um possível registro de bem imaterial do Município, segundo informações do Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico da PMV da cidade. **Segundo, nos foi relatado por alguns cursistas, os moradores da “Santa Rita” não gostavam da realização da Feira, principalmente pelo barulho, interrupção do trânsito e sujeira que ela provocava durante todas as manhãs de sábado. Entretanto, na opinião de alguns cursistas, a transferência da Feira Livre da Avenida Santa Rita para a área externa do Colégio de Viçosa, localizada no final da Rua Gomes Barbosa, na divisa entre o Centro e o Bairro Bom Jesus, teria afastado muitos antigos frequentadores, sobretudo alunos da UFV. Os cursistas mencionaram a importância da interação entre o urbano e o rural proporcionado pela Feira e também a presença de algumas barracas comercializando brinquedos, eletroportáteis e outros objetos importados, o que foi considerado uma espécie de “invasão” ao sentido “original” da Feira. Também foi mencionada a antiga discussão em Viçosa, acerca do melhor local para a realização da Feira Livre, e das consequências de ela ter sido retirada de uma área mais central da cidade, na Avenida Santa Rita.**<sup>64</sup> (Grifos nossos).

O relato dos participantes, além de considerar as diversas questões em relação à mudança da Feira Livre da Avenida Santa Rita, também falam acerca das barracas que comercializavam brinquedos, eletroportáteis e outros objetos, considerando esta atividade uma invasão à proposta daquele comércio. Porém, a Feira, entre tantos sentidos, também carrega a referência de território da informalidade. Nesse sentido, Juliana Lopes Lelis, por sua vez, argumenta que o território da informalidade se configura como um espelho das relações

---

<sup>64</sup> MARTINS, Walkíria Maria de Freitas. *Op. cit.* p. 244-245. (Grifo nosso).

estabelecidas no cotidiano das atividades informais<sup>65</sup>. A informalidade tem sido uma alternativa encontrada pelas pessoas para manterem o sustento de suas famílias. Muito presente nos centros urbanos, elas constroem no cotidiano da cidade relações sociais e espaciais que demarcam territórios. Nesses espaços, muitos são os comerciantes que se instalam em busca de geração de renda. No caso das feiras, os trabalhadores informais, ou seja, sem vínculo empregatício, buscam alternativas de comercializar eletrônicos, roupas e acessórios. Logo, o que se pode inferir sobre isso é que a presença desses diferentes grupos de comerciantes na Feira reflete o cenário econômico do país, a ausência de políticas públicas e o crescente desemprego.

Com intuito de conhecer um pouco mais da dinâmica da territorialidade<sup>66</sup> da Feira, foi entrevistado Fernando Conde Veiga, professor do Departamento de Geografia da UFV. Nesse trecho, o participante fala sobre a importância da Feira enquanto geração de renda para esses vendedores informais: “[...] **onde tem o pessoal que vende CD, meia, que são bem esses produtos que não têm a ver com o território, não são produtos de base local, mas o espaço da Feira é um espaço público e também entendo que seja uma geração de renda[...]**”<sup>67</sup> (Grifos nossos).

Nesse sentido, Juliana Lopes Lelis<sup>68</sup> analisa que as modificações no cenário econômico e na vida da população fizeram emergir, ao longo dos anos de atividade da Feira, diferentes perfis de trabalhadores. Assim, ela, que inicialmente foi criada para abastecer a cidade com produtos de hortifrúti, passa a ser ocupada por camelôs, vendedores ambulantes, atravessadores e comerciantes informais, em busca de geração de renda.

Ao questionar os entrevistados sobre os motivos que os levaram a frequentar a Feira, estes destacaram o desejo de valorizar o trabalho dos produtores da região, amizades, lazer, ponto de encontro, o frescor dos alimentos e os preços baixos.

José Mário Rangel argumenta que a Feira é um ponto de encontro. Para ele, muitas são as pessoas que vão ali para se encontrar com amigos, enquanto outras vão para “pechinchar” e comprar as mercadorias com preços baixos:

---

<sup>65</sup>LELIS, Juliana L. *Op. cit.* p. 15

<sup>66</sup>Para Saquet (2013, p.129), “a territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas (...) resultado e determinante do processo de cada território (...), revelando a complexidade social, e ao mesmo tempo, as relações de domínios de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico”.

<sup>67</sup>Trecho da entrevista de Fernando Conde Veiga. Duração de 28min11s. Data: 04 de novembro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>68</sup>LELIS, Juliana L. *Op. cit.* p. 77.

**A Feira é um ponto de encontro;** vão ali para ver pessoas, não é só para comprar, não... eu mesmo já fui muitas vezes para ver, a gente sabe que dia de sábado a atividade de lazer das pessoas é a Feira. Vou lá ver as coisas como que está, às vezes nem compro, vou para ver os amigos, encontrar gente que a gente não vê há muito tempo. **Tem gente que vai “pechinchar”, compra as coisas baratinhas no final de Feira.** Tenho uns amigos que fazem isso e aprendi alguma coisa com eles, às vezes está no final e o feirante está doido para vender o produto, para não voltar com ele pra casa, aí tem a turma do fim de Feira. Vou lá para comer um pastel, conversar, às vezes até de madrugada, 4 ou 5 da manhã... vou à Feira comer um pastel e tomar uma cachacinha, e acha muita gente lá. [...] Eu particularmente compro o **biscoito papa ovo de Porto Firme... é o melhor que existe**, sou fiel; às vezes compro queijo, tem muitos produtos repetidos, **compro palmito do Sérgio Pinheiro que é exclusivo**, muito queijo... de vez em quando aparece algumas coisas diferentes, pimenta biquinho sempre gostei de comprar muito. Acho muito bom os produtos, e o preço não faz muita diferença não, vou lá pelo lazer mesmo, não é muito mais barato que o supermercado. [...] Compro muito na roça, nas vésperas da Feira, os feirantes na sexta à noite já vendem... às vezes compro lá na Colônia mais em conta que aqui na Feira, **eles já vêm vendendo no caminho, tudo fresquinho** no caminho. Já comprei almeirão desse tamanho assim, grandão... o pessoal da Piúna principalmente... compro deles, os produtos são muito bons<sup>69</sup>.

Por sua vez, Jaci conta sobre sua preferência pelo frescor dos alimentos da Feira, a diversidade dos produtos e a valorização do trabalho dos produtores da região. Para ela, esses são os fatores que a motivam a frequentar a Feira todos os sábados, há quarenta anos:

**Eu gosto de comprar os produtos mais novos**, [que] foram colhidos ontem. Então, no sábado, eu compro aqueles produtos que considero que foram colhidos no dia anterior, e produtos também de pessoas que plantam na redondeza. Esses produtores nossos e muitos deles a gente já conhece há muitos anos e já tenho confiança naqueles produtos... por exemplo, o queijo que a gente compra já conheço quem é o produtor. As flores, que gosto muito de comprar, sempre de um produtor que me serve muito bem. Eu conversei com ele, bato papo, **eu encontro também pessoas** que estão vendendo seus produtos. Alguns deles já foram meus colegas de infância, e isso me leva à Feira, porque além da gente comprar esses produtos que foram colhidos no dia anterior, a gente conhece os produtores, estabelece um vínculo com eles, valoriza os produtos da região. Sempre tem um doce, um queijo, uma linguiça, bolo, rosca, e são produtos mais caseiros, então, a gente vai valorizando também os produtos aqui da região e as pessoas que fazem, pois é uma fonte de renda para eles e ficam motivados a produzir aqueles produtos sempre de melhor qualidade. A gente olha e vê que o produto foi feito com muito cuidados, tem uma boa apresentação, então eu acho que **é uma maneira da gente valorizar também nossos produtores da redondeza.**<sup>70</sup>

---

<sup>69</sup> Trecho da entrevista de José Mário Rangel, Chefe do Departamento de Patrimônio Histórico, da Secretaria Municipal Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes. Duração de 33min45s. Data: 15 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>70</sup> Trecho da entrevista de Jaci (pseudônimo). Duração de 19min14s. Data: 29 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

Concordando com José Mário Rangel e Jaci, Vanda do Carmo Lucas dos Santos, servidora técnico-administrativa da UFV e ex-presidente do Sindicato dos Servidores Administrativos da UFV (ASAV), também destaca a Feira enquanto um evento que agrega as pessoas e valoriza os produtores da região. A entrevistada destaca que existem opções mais fáceis para comprar como mercados e sacolão, porém, enquanto tradição, a Feira continua ultrapassando os anos e o tempo com sua realização:

A Feira, para mim, tem mais um **caráter de agregar as pessoas**, ver gente, de ver conhecidos, porque hoje **têm muitas opções até mais fáceis para comprar, como mercados, sacolão**. Então, as pessoas vão mais pela tradição, pelo ambiente, pelo local, para conversar com outras pessoas. É um quintal da casa da gente, ali vemos gente que a gente não vê há muito tempo, então muita gente vai ali pra isso, fazer sua compra direto com o produtor. **É importante essa valorização do comércio da região**, algumas pessoas têm essa consciência, ou por causa do preço, mas também tem esse sentido de conversar, vê pessoas<sup>71</sup>.

Nesse sentido, Fernando Conde Veiga fala sobre a importância de valorizar o trabalho dos produtores. Ele diz que duas questões o levam à Feira: uma, política, e outra, econômica; no âmbito político, prefere comprar direto dos produtores para fortalecer o comércio local sem intermediários, a fim de que o dinheiro fique no território e potencialize o desenvolvimento da região; e na questão econômica por encontrar produtos mais em conta. Além disso, destaca a preferência pelos produtos da época e agroecológicos vendidos na Feira:

Uma questão política e econômica que estão relacionadas que me levam à Feira. **Econômica porque tem produtos que são mais em conta**, mas, sobretudo, a política pela possibilidade de comprar as vezes dos produtores, de fortalecer um vínculo de comércio mais próximo da cidade sem intermediários, porque você tem mercados de pessoas e gente da região, mas você tem um mercado que esse lucro não fica na cidade, ele vai para outros municípios, outros estados, enfim é um dinheiro que não fica retido no território. **Então, essa dimensão política de potencializar, ajudar e fortalecer um circuito mais curto que é o grande ponto decisivo de ir a Feira** e tem as coisas **também dos produtos de época**. De vez em quando, a gente acha coisas que vão moldando nossa cozinha. Eu gosto muito de cozinhar, então, a gente vai moldando a culinária da casa pela oferta sazonal, das estações, das épocas. Eu costumo comprar, queijo, cebola e tomate... agora, por exemplo, esse final de semana tinha um abacate muito bonito lá, aí comprei um, nem sei o que vou fazer com ele, se uma vitamina, mas

---

<sup>71</sup> Trecho da entrevista de Vanda do Carmo Lucas dos Santos. Duração de 13min46s. Data: 30 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

estava com a cara muito boa... sobretudo queijo, tem uma banca lá de uma família com uma variedade de queijo e no caso de **açougue do Nei da Violeira** tem uns defumados que são muito bons, e tem **um Sr. que vende feijão** que tem uma variedade boa de feijão, e feijões novos para fazer caldo. [...] Tem uma **rede raízes da mata que são os agroecológicos que têm certificação**. Quando eu vou comprar a cebola, eles têm aquelas cebolas com cachos, a cenoura costuma a vir com folha, eles têm um perfil mais da agroecologia... Quando eu vejo cartaz com rede raízes da Mata, eu também dou preferência, porque é gente que não usa agrotóxicos ou que uso em quantidade menor. Os produtos são mais saudáveis<sup>72</sup>.

Completando sua discussão sobre valorizar os produtores da região, Fernando Conde Veiga faz uma referência ao poema “Açúcar”, de Ferreira Gullar, uma contribuição da arte para os debates sociais, como podemos observar:

O branco açúcar que adoçará meu café  
Nesta manhã de Ipanema  
Não foi produzido por mim  
Nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro  
E afável ao paladar  
Como beijo de moça, água  
Na pele, flor  
Que se dissolve na boca. Mas este açúcar  
Não foi feito por mim.

Este açúcar veio  
Da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,  
Dono da mercearia.  
Este açúcar veio  
De uma usina de açúcar em Pernambuco  
ou no Estado do Rio  
E tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana  
E veio dos canaviais extensos  
Que não nascem por acaso  
No regaço do vale.  
Em lugares distantes, onde não há hospital  
Nem escola,  
Homens que não sabem ler e morrem de fome  
Aos 27 anos  
Plantaram e colheram a cana  
Que viraria açúcar.

---

<sup>72</sup> Trecho da entrevista de Fernando Conde Veiga. Duração de 28min11s. Data: 04 de novembro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

Em usinas escuras,  
Homens de vida amarga  
E dura  
Produziram este açúcar  
Branco e puro  
Com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.<sup>73</sup>

O entrevistado destaca a preocupação do poeta em compreender de onde vem o açúcar que adoça o seu café pela manhã. Após uma reflexão sobre a cadeia de produção, o poeta chega à conclusão de que aquele açúcar veio das mãos daqueles que plantaram e colheram a cana:

Tem uma poesia de Ferreira Gullar que se chama Açúcar. Na poesia, ele vai na lanchonete por causa de um copo de café e lá ele pega o açúcar e começa a adoçar o café e pergunta: Onde esse açúcar foi feito? Ele não foi feito na lanchonete, ele veio da mercearia, mas ele não foi feito na mercearia, ele veio do canavial não sei aonde, ou seja, ele vê **a cadeia de produção**. Então, esse foi um exercício que fiz com os alunos... agora não me lembro direitinho, mas temos uma variedade grande de sujeitos que estavam a bastante tempo, outros que estavam a pouco, gente envolvida diretamente com a produção do que está vendendo, isso já ajuda a entender o comportamento dos sujeitos da Feira como produtores não somente como vendedores. Você vai no supermercado você encontra só vendedores, **you não tem produtor ali, ninguém ali produz o que está vendendo, são trabalhadores do comércio** e na Feira você consegue essa interação entre a produção e a circulação da venda que é o começo do consumo. A hortaliça que eu compro ali é o começo do meu consumo, o produtor está presente no processo inteiro.<sup>74</sup>

Assim, percebemos a importância que Fernando Conde Veiga atribui a esse contato direto com os produtores na Feira. Dentro desse contexto, destacamos a função social e de utilidade pública que a Feira realiza, dando oportunidade aos produtores de apresentarem seus produtos à comunidade. Diversas são as vantagens apresentadas na compra direta com o produtor, seja a possibilidade de conhecer a origem dos produtos, como são produzidos, seja a oportunidade de adquirir alimentos mais frescos e comprar por preços mais em conta, fortalecendo, assim, a economia local.

Rosilene Bernardes, na monografia intitulada *Ampulheta Urbana: uma análise da construção da UFV e de sua influência na des(construção) da cidade de Viçosa, MG através das transformações no tempo e no espaço*, afirma que a Feira é fundamental para promover a

<sup>73</sup> GULLAR, Ferreira. **O açúcar**. Toda poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

<sup>74</sup> Trecho da entrevista de Fernando Conde Veiga. Duração de 28min11s. Data: 04 de novembro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

renda dos produtores, que já há algum tempo vem perdendo espaço para suas vendas devido à instalação das redes de supermercado e lojas especializadas em hortifrutigranjeiros:

Em relação aos produtos vendidos nas feiras, tão fundamentais para a renda dos produtores rurais, estes a cada dia vêm perdendo o seu espaço devido à grande oferta dos supermercados e das lojas especializadas em hortifrutigranjeiros, geralmente abastecidas pelo CEASA e com mercadorias em promoção<sup>75</sup>.

Por seu turno, Vera Lúcia Rodrigues Fialho, extensionista da EMATER, em trecho de sua entrevista, destaca a importância econômica da Feira para manutenção da renda de muitas famílias:

Para 90% dos agricultores a Feira não é complementação de renda, a Feira é a renda e dali que eles tiram o sustento da propriedade. Às vezes um ou outro comercializam no mercado, mas a Feira é o carro chefe, alguns tem aposentadoria rural, um salário-mínimo, mas a Feira é significativa e faz a diferença<sup>76</sup>.

Podemos verificar, com base no depoimento de Vera Lúcia, que a Feira é responsável pela renda e sobrevivência de muitas famílias, destacando-se o trabalho do produtor local para fortalecer a economia do território. Esses produtores contribuem em grande escala com a produção alimentar, de forma a disponibilizar a comercialização de alimentos saudáveis em cadeias curtas. A constante ênfase ao trabalhador da cidade acaba por ofuscar o trabalho do produtor local, porém, esses profissionais são de extrema importância para minimizar os impactos ambientais, atender às necessidades de consumo da população local e contribuir para uma melhor dinâmica social e econômica.

Os entrevistados também registraram as ações sociais que são realizadas pelos feirantes junto às pessoas carentes que frequentam o final da Feira em busca de doação de sobra de alimentos, bem como a troca de mercadoria que realizam entre eles.

Vanda do Carmo Lucas dos Santos conta suas idas à Feira ainda quando criança, à procura de doações de alimentos:

---

<sup>75</sup> BERNARDES, Rosilene. **Ampulheta Urbana**: uma análise da construção da UFV e de sua influência na des(construção) da cidade de Viçosa, MG através das transformações no tempo e no espaço. 2013. Monografia de conclusão do Bacharelado em Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2013. p. 37.

<sup>76</sup> Trecho da entrevista de Vera Lúcia Rodrigues Fialho, Extensionista bem estar Social II da EMATER. Duração de 46min57s. Data: 09 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

Eu morava no bairro Bom Jesus quando era pequena, por volta dos 10 anos, e eu mesma ficava com os colegas. Era uma população pobre e não tinha acesso a muita coisa, então, ficávamos ali recolhendo o resto de Feira... ficávamos ali brincando, esperava a Feira terminar e alguns feirantes doavam o tomate que não ia voltar com ele, a verdura, fazia aquela distribuição e aqueles alimentos serviam para matar a fome mesmo. Eu vivenciei isso e vários colegas do bairro, chegávamos em casa com várias sacolas abarrotadas de alimentos que vinham das sobras da feira. E eu ainda vejo isso hoje, inclusive pessoas que conheço da Nova Viçosa... já vi eles lá recolhendo. Inclusive, vi um dos feirantes, o “Mamão”, empregando um deles e achei aquilo bacana... não sei se continua, mas acho legal essa oportunidade. Então, isso acontece nos bastidores<sup>77</sup>.

Vanda do Carmo destaca essas ações de solidariedade como os bastidores da Feira, uma realidade que poucas pessoas conhecem. Ela relata um dos feirantes empregando um dos jovens que ficam na redondeza, à espera das doações. Esses relatos de solidariedade existem com frequência também nos dias de hoje. Erli da Silva Félix, servidor municipal da Secretaria de Agropecuária e Desenvolvimento Rural de Viçosa, que acompanha o final da Feira auxiliando os feirantes, diz que sempre existiu essa prática de doação de alimentos:

Vou embora depois que terminar tudo, porque tenho que guardar a barraca. As pessoas são muito solidárias, ajudam a desmontar a barraca. É muito comum as pessoas carentes passarem após o final... as pessoas pegam... Todo sábado tem, sempre teve essa cena ... entre 11:30 ao 12:00 aparece muita gente, o “Mamão” (feirante) sempre deixa separado ali, separam, toda vida foi assim, sempre aconteceu<sup>78</sup>.

Vera Lúcia Rodrigues Fialho, por sua vez, fala da organização dessas doações e da experiência de grupo que os feirantes vivem na Feira:

Sim, o Marcos Roberto está querendo fazer uma campanha, a modelo da Quintal Solidário. Eles deixam um local lá onde o feirante que puder doar alguma coisa, e depois eles levam para alguma Instituição. É uma experiência que a Secretaria de Agricultura achou interessante para lidar com as sobras, seja para o lar dos velhinhos... e eles trocam entre eles também. Não conseguiram vender tudo, eles trocam entre eles. Inclusive, quando estou falando em reunião de experiência grupal, eu falo com eles que eles já têm essa vivência. Eles são amigos mesmos<sup>79</sup>.

---

<sup>77</sup> Trecho da entrevista de Vanda do Carmo Lucas dos Santos. Duração de 13min46s. Data: 30 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

<sup>78</sup> Trecho da entrevista de Erli da Silva Félix, Servidor Municipal da Secretaria de Agropecuária e Desenvolvimento Rural de Viçosa, MG. Duração de 12min25s. Data: 10 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

<sup>79</sup> Trecho da entrevista de Vera Lúcia Rodrigues Fialho, Extensionista bem estar Social II da EMATER. Duração de 46min57s. Data: 09 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

A entrevistada destaca a troca de mercadoria que os feirantes fazem entre si no final da Feira e também a organização das doações que a Secretaria de Agricultura realiza com intuito de fazer com que elas cheguem às pessoas e instituições que mais precisam.

Marcos Roberto Fialho<sup>80</sup>, Secretário Municipal de Agropecuária e Desenvolvimento Rural de Viçosa, fala sobre a importância dessa organização das doações e demonstra preocupação com a sobra dos produtos no final da Feira:

Estamos tratando com os feirantes um projeto para cuidar das sobras da feira para poder atender instituições de caridade e iremos montar uma estrutura para atender, até porque esse final de Feira está sendo muito mais demorado que nos anos anteriores. Por exemplo, na Santa Rita, estamos preocupados com a situação. O feirante vem com a expectativa de comercializar toda sua produção, mas quando chega às 12h e ele não consegue vender, precisa dar um destino para ela. Essa procura do final de Feira, ou seja, as pessoas deixarem para o final para adquirir um produto gratuito nos preocupa e por isso estamos pensando em um trabalho diferente para não penalizar o produtor. A questão social é importante, a gente vê que o município tem setores periféricos com dificuldade nutricional... então queremos levar algo da feira para eles e também melhorar para o produtor, pois não é de interesse que o produtor financie esse programa. Estamos entendendo que o final de feira tem feito o produtor perder a receita. O público que podia comprar um pé de alface por R\$ 1,00 vem no final para levar os produtos gratuitamente. Parece que a população começou a entender que o final da Feira é um descarte. Assim, quando chega as 10 ou 11 horas, o produtor quer ir embora para negociar a sua mercadoria nos supermercados. Precisamos melhorar a estrutura para que o produtor não deixe de vir fazer a Feira. A maioria do público tem um perfil de baixa renda, e na Feira encontram produtos com melhores preços que o supermercado. Quando a população começa a vir no final da Feira, com saída de produtos gratuitamente, o produtor é penalizado<sup>81</sup>.

Para o entrevistado, as sobras no final da Feira é motivo de preocupação para os feirantes, que investem na produção dos alimentos e precisam criar estratégias para a venda, caso no sábado a Feira não dê resultado. Nesse sentido, a Secretaria de Agricultura busca implementar melhorias para o escoamento dessa produção, e uma delas foi a criação da Feira Noturna nas quartas-feiras, que se configura mais uma oportunidade para o produtor realizar a venda da sua produção.

---

<sup>80</sup> Marcos Roberto Fialho foi Secretário de Agropecuária e Desenvolvimento Rural de Viçosa no período de 2013 a abril de 2020. Em outubro de 2020 foi eleito vereador do município de Viçosa, MG.

<sup>81</sup> Trecho da entrevista de Marcos Roberto Fialho, Secretário Municipal de Agropecuária e Desenvolvimento Rural. Duração de 53min 17s. Data: 07 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

Nessa perspectiva da comercialização da produção, Sérvulo Fialho Resende<sup>82</sup>, feirante e produtor rural, diz que é unânime entre os feirantes a opinião de que, quando a Feira estava instalada na Avenida Santa Rita de Cássia, eles vendiam mais que às costas do Colégio de Viçosa, e que, nos dias de hoje, a Feira Noturna, nas quartas-feiras, tem resultado melhor de vendas do que a Feira de sábado.

Na Zona da Mata mineira uma das Feiras destacada pelos feirantes em relação ao seu potencial de vendas e estrutura física se trata da feira de Ubá. Para alguns feirantes, é a melhor da região. Muitos são os produtores que participam de outras feiras durante a semana, visitando outros municípios e vivendo experiências diferentes em outros lugares.

A feira de Ubá é vista como referência entre os feirantes pelo volume das vendas, bem como pela localização, no centro da cidade, e instalações, pois se trata de um galpão adequado para a recepção dos feirantes. Nas Figuras de 15 a 18 observamos um pouco da estrutura física onde a feira de Ubá se realiza.

Figura 15 - Entrada de acesso ao Galpão da feira livre de Ubá



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

---

<sup>82</sup> Trecho da entrevista de Sérvulo Fialho Resende. Duração de 26min54s. Data: 02 de novembro de 2019. Viçosa, MG.

Figura 16 - Galpão da feira livre de Ubá



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Figura 17 - Estacionamento da feira livre de Ubá



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Figura 18 - Estrutura física da Rádio feira de Ubá, localizada dentro do galpão onde acontece a feira



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Percebe-se que a feira de Ubá, diferentemente da Feira Livre de Viçosa, destaca-se pela estrutura de suas instalações, oferecendo aos participantes amplo estacionamento, e aos feirantes, a estrutura de alvenaria para exposição das mercadorias, bem como a rádio feira para difusão das informações necessárias. O galpão coberto oferece proteção nos dias de chuva ou calor. Além disso, os comerciantes que participam da Feira Livre de Viçosa e da feira de Ubá comparam o volume de venda e dizem que as da feira de Ubá superam as de outras feiras da Zona da Mata Mineira. Logo, a feira de Ubá desempenha um papel importante na região, por oferecer uma estrutura física adequada ao trabalho e um mercado potencial de vendas.

Em Viçosa, com intuito de melhorar o escoamento da produção dos feirantes e potencializar as vendas, a Prefeitura Municipal de Viçosa promoveu, em 2017, a abertura da Feira Noturna, no centro da cidade, às quartas-feiras. De acordo com os feirantes participantes, foi uma estratégia, cujos resultados constituíram-se positivos, auxiliando no escoamento da produção.

### 1.3 Ressignificação espacial: a Feira Noturna de Viçosa

A Feira Noturna de Viçosa teve início em 18 de abril de 2017, acontecendo às quartas-feiras, de 17 às 20h, na Praça Hervé Cordovil, em frente à Estação Cultural. Cerca de quarenta e cinco feirantes expõem seus produtos, entre eles, produtores rurais da agricultura familiar e artesãos de Viçosa. Os produtos comercializados nessa Feira são diversos e típicos da região, como: verduras, frutas, legumes, queijos, pastel, ovos e artigos de artesanato. As edições da Feira são marcadas por apresentações culturais, promovidas pela Secretaria de Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes de Viçosa. A Feira Noturna foi criada como uma extensão da Feira de sábado, tanto que para participar dela o feirante deve pertencer à cidade de Viçosa e ser ativo na Feira aos sábados. Além disso, nessa ocasião só é permitido a participação dos produtores da agricultura familiar e artesãos.

Marcos Roberto Fialho<sup>83</sup> conta sobre os motivos que levaram à criação da Feira Noturna: de acordo com ele, os produtores rurais de Viçosa trouxeram uma demanda à Secretaria de Agropecuária e Desenvolvimento Rural, pois a concentração de produtos que sobravam da Feira de sábado era muito grande e isso demandava outra forma para negociar as mercadorias. A Prefeitura Municipal de Viçosa, então, decidiu criar uma alternativa para esse produtor, estendendo a realização da Feira para mais um dia na semana. Para tanto, fizeram um estudo de mercado e concluíram que nas segundas-feiras e quintas-feiras acontecia o abastecimento dos supermercados com as mercadorias vindas do CEASA (Central de abastecimento de hortifrutigranjeiros) e que havia uma lacuna de alimentos frescos nos dias de quarta-feira. Assim, escolheram esse dia para realização da Feira e o período da noite, pois durante o dia seria difícil conseguir a liberação do espaço em razão do trânsito. Dessa forma surgiu a Feira Noturna, com a finalidade de equilibrar as vendas e diminuir as perdas dos produtores. Para criar um espaço de socialização e atrair o público, foi elaborado o “Festfeira”, que se trata de apresentações culturais de artistas da cidade - evento que era realizado na Feira de sábado no coreto.

---

<sup>83</sup> Trecho da entrevista de Marcos Roberto Fialho, Secretário Municipal de Agropecuária e Desenvolvimento Rural. Duração de 53min 17s. Data: 07 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

Figura 19 - Momento de apresentações culturais na Feira Noturna



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

De acordo com o relato dos feirantes, as vendas da Feira Noturna são melhores que a Feira de sábado. Para Marcos Roberto Fialho, 85%<sup>84</sup> das mercadorias ofertadas nos dias de quarta-feira chegam a ser vendidas.

Sobre a participação do público que frequenta as Feiras, Vera Lúcia Rodrigues Fialho diz que, para ela, há aqueles que frequentam as duas, mas considera que em sua maioria são públicos diferentes:

[...] uma Feira não atrapalha a outra, **são públicos distintos**. Não estou me referindo à questão social, estou me referindo ao perfil de estudantes, dona de casa, família... você chega na Feira Noturna por volta das 18 e 18:30 a quantidade de gente do ponto de ônibus que passa na feira e com a sacolinha para pegar o ônibus e ir embora pra casa. Mas vejo pessoas que vem nessa Feira e na outra. Tem pessoas que frequenta as duas, mas percebe que são perfil de pessoas diferentes. Encontro na Feira da estação muitas amigas da minha mãe que me falam “**isso aqui é bom demais**”! Saem, vão comprar alguma coisinha... tem muito idoso ali passeando na feira, crianças que saem no colégio e vão comer pastel e o pessoal que trabalha no comércio, que passa compra e já sai. Inclusive, os feirantes falam que economicamente para eles a Feira de quarta-feira está melhor, do que a lá de cima. Porque muita gente que ia lá cima passou a ir na quarta-feira e quem não ia no Colégio de Viçosa no sábado de jeito nenhum passou a ir na de quarta-feira. Quem trabalha fora, no comércio, não tem como ir a Feira no sábado, então teve esse fator facilitador<sup>85</sup>.

<sup>84</sup> Disponível em: <https://www.vicosamg.gov.br/detalhe-da-materia/info/feira-noturna-completa-1-ano-de-funcionamento/41147>. Acesso em: 11 set. 2020.

<sup>85</sup> Trecho da entrevista de Vera Lúcia Rodrigues Fialho, Extensionista bem estar Social II da EMATER. Duração de 46min57s. Data: 09 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

Pelo relato de Vera Lúcia, podemos verificar que a Feira Noturna tem um ritmo diferente da Feira de sábado, cercada pela rotina comercial. É frequentada pelas pessoas que saem do trabalho; pelas crianças ao término das aulas, junto aos seus pais, que vão busca-las; pelos idosos que se sentem atraídos pelas apresentações culturais; e pelas pessoas que estão no ponto de ônibus próximo à Feira. Logo, torna-se um evento que segue um ritmo marcando a paisagem e o cotidiano da cidade em um dia de quarta-feira.

Figura 20 - Início das atividades da Feira Noturna ao redor da Estação Cultural



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Rômulo Nascimento Marcolino, professor e comunicador popular, traz uma reflexão sobre o movimento das pessoas na Praça Hervé Cordovil durante a Feira Noturna:

A Feira da Estação está no círculo histórico, [de] casarões, a própria Estação Hervé Cordovil, o espaço que a Feira está entre a linha férrea. Na Feira livre do final de semana, você tem movimento de pessoas, mas o ritmo é mais lento, aí quando você vem para a praça da estação, a sensação é **que tudo acontece muito rápido**, por isso a questão do cotidiano. Você vê as pessoas passando, os carros, o ponto de ônibus, as pessoas preocupadas com horário... então elas vão fazer a compra de olho no horário do ônibus que

passará daqui a pouco. As pessoas estão cansadas porque trabalharam ou estudaram o dia inteiro... Essa ideia de uma coisa mais efêmera, já a do final de semana as pessoas tem um tempo maior para passar nas barraquinhas, é um passeio programado<sup>86</sup>.

Para Rômulo Nascimento Marcolino, a Feira Livre de sábado funciona como um passeio programado, enquanto que a Feira Noturna acompanha a rotina da cidade, em que tudo acontece muito rápido. É interessante perceber que, mesmo em ritmos diferentes, ambas as Feiras são momentos de confraternização e de socialização para os participantes.

Apesar do sucesso das vendas reconhecido pelos feirantes, da praticidade de comprar alimentos frescos oferecida para a comunidade, e de o público marcar presença nas apresentações culturais, o espaço físico da Feira entra em disputa novamente. Muitas são as discussões em torno do deslocamento da Feira Noturna.

Nesse sentido, Marcos Roberto Fialho fala sobre a posição da atual administração municipal quanto à mudança do local da Feira e dos problemas que emergem quanto ao trânsito na cidade:

Na verdade, o problema de veículos sempre existiu. Hoje, a Feira lá embaixo está no melhor espaço para o feirante que é a Estação Cultural. O que acontece é que a demanda de veículo tem ficado cada vez maior no horário de pico, aí todo problema que acontece se recai sobre a feira. Essa passou a ser a leitura da população. Às vezes, o problema não é a Feira porque na terça e quinta têm também problemas no trânsito. Então, vamos tentar trabalhar o novo espaço, já temos os recursos direcionados para que possamos enviar o feirante para um local com melhorias, com prazo melhor de comercialização, dias diferenciados. Estamos estudando toda uma frente de trabalho, [pois] não queremos tirar o produtor de um espaço, onde ele de fato consegue ter uma receita considerável, para outro local onde ele não terá mesma produção<sup>87</sup>.

De acordo com Marcos Roberto, a Prefeitura Municipal de Viçosa trabalha em prol de um novo espaço adequado para os feirantes. A pressão em relação ao trânsito da cidade é constante, mas esses problemas também acontecem em dias em que não ocorre a Feira, ou seja, trata-se de uma disputa de espaço.

---

<sup>86</sup> Trecho da entrevista de Rômulo Nascimento Marcolino. Duração de 35min2s. Data: 29 de outubro de 2019. Viçosa, MG

<sup>87</sup> Trecho da entrevista de Marcos Roberto Fialho, Secretário Municipal de Agropecuária e Desenvolvimento Rural. Duração de 53min 17s. Data: 07 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

A construção desse espaço destinado à Feira Noturna foi anunciada pelo Prefeito Ângelo Chequer, em entrevista coletiva, no dia 16 de agosto de 2019, conforme registro do *Jornal Folha da Mata*:

O prefeito de Viçosa, Ângelo Chequer, informou em entrevista coletiva, no último dia 16, que em breve o município terá um novo espaço para a realização das feiras livres. O novo local deverá reunir comerciantes de diversos segmentos na rua vereador José da Cruz Reis, próximo a Praça Paulo Mário Del Giudice no centro. De acordo com o prefeito, os proprietários da Drogaria Araújo demonstraram interesse em investir no local, que para muitos é considerado uma área morta, servindo apenas como estacionamento de veículos. A empresa deve apresentar um projeto à PMV (Prefeitura Municipal de Viçosa) que contemplará a construção de espaço cultural, banheiros e também paisagismo [...]. A Feira com a participação dos produtores rurais realizada às quartas-feiras, na Praça Hervé Cordovil, também será transferida para o local<sup>88</sup>.

Figura 21 - Acesso à Rua Vereador José da Cruz Reis, local previsto para mudança das atividades da Feira Noturna



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Nesse mesmo sentido, Rômulo Nascimento Marcolino fala um pouco sobre essa disputa de espaço e possíveis formas para deliberar sobre esses conflitos:

**A cidade é um espaço de disputa** e o lugar que se escolhe para funcionar certos eventos também passa por essa disputa. Em Viçosa, a especulação do

<sup>88</sup> *Folha da Mata*. Edição número 2625, de 29 de agosto de 2019. Ano LV. p. 04

mercado imobiliário é muito forte e aí parece que pesa um pouco mais sobre esses debates certas discussões dos grupos dos especuladores imobiliários, que acham que a Feira desvaloriza seus terrenos, apartamentos e tem outras disputas políticas de querer apresentar a cidade de forma ordenada, com certas questões do que seja ordem. A gente sabe que **Viçosa tem uma circulação de veículos muito alta em relação a cidades de mesmo porte**, então, muitas vezes, na hora de justificar a mudança acaba-se colocando a **questão do trânsito como bode expiatório** para justificar de forma mais técnica. Então, não pode fechar o trânsito, mas o principal é ouvir todas as partes, os agentes envolvidos, o poder público, feirantes, moradores do entorno, pessoas que frequentam, acho que tem que tentar ouvir todas as partes, abrir para o debate. **A Feira como espaço de encontro tem pessoas que têm interesses diferentes, e ver qual o sentido da Feira**<sup>89</sup>.

Para Rômulo Nascimento Marcolino, a cidade enquanto espaço de disputa, sempre terá questões como essas para deliberar. Ao trazer essa interpretação a respeito da disputa de espaço, o entrevistado abre uma discussão sobre a democratização do uso dos espaços públicos. A ocupação dos espaços públicos torna a cidade mais viva e mais democrática quando esses, no caso da Feira Noturna, trazem consigo a realização de atividades culturais, promovem o encontro das pessoas, e ajudam a moldar o perfil da cidade e a melhorar a qualidade de vida.

José Mário Rangel, por sua vez, fala sobre a reação do trânsito nos dias da Feira Noturna: “Deu muito certo, mas atrapalha o trânsito nas quartas-feiras; bom seria se fizesse um calçadão... ainda acabava com isso, que a praça é do povo”<sup>90</sup>. O participante defende a criação de um calçadão onde poderia ser estabelecida a Feira. A cidade de Viçosa é tão cheia de carros, que falta espaço para pessoas; logo, carece de locais públicos onde todos possam ocupar e circular.

Aline Soares Martins<sup>91</sup>, em sua dissertação de mestrado com o título *Cidade em Movimento: Um estudo sobre as significações da paisagem do centro urbano de Viçosa, MG, por meio de memórias, representações e vivências (1916-2018)*, afirma que diversas são as opiniões sobre a utilização desses espaços. Há aqueles que se preocupam com o embelezamento, a racionalização e a higienização do centro da cidade, e outros que defendem a permanência de características antigas e restauração como uma forma de valorização. Em

---

<sup>89</sup> Trecho da entrevista de Rômulo Nascimento Marcolino. Duração de 35min2s. Data: 29 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>90</sup> Trecho da entrevista de José Mário Rangel, Chefe do Departamento de Patrimônio Histórico, da Secretaria Municipal Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes. Duração de 33min45s. Data: 15 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

<sup>91</sup> MARTINS, Aline Soares. **Cidade em Movimento: Um estudo sobre as significações da paisagem do centro urbano de Viçosa, MG, por meio de memórias, representações e vivências (1916-2018)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa – UFV, Viçosa, 2018. p. 26.

meio a tantas opiniões e divergências na utilização da área do centro, instala-se a Feira Noturna, promovendo a interação da comunidade com esses patrimônios culturais presentes no centro histórico da cidade, como a estação cultural, o balaústre e os casarões, cercando o espaço, pois, com seus traços de sociabilidade e afetividade, e transformando a paisagem da cidade.

Nesse contexto, observamos que a Feira promove uma requalificação do uso desse espaço público, dando a ele um novo sentido. As pessoas ocupam a região da praça da estação, circulam pelo centro histórico, e aquele lugar, que em dias comuns da semana é marcado pelo trânsito intenso de veículos, recebe, nos dias da Feira Noturna, um novo significado: transfigura-se num lugar de encontro, de lazer, de arte e música. O lugar passa a ter um novo sentido porque as barracas, o encontro das pessoas, o cheiro e os sons marcam a paisagem do local nos dias de Feira de Noturna.

De acordo com Martins<sup>92</sup>, a ideia que as pessoas têm de paisagem ainda está bastante relacionada às concepções antigas ou à paisagem natural. A revitalização/requalificação, por sua vez, é concebida como modernização, planejamento ou embelezamento do ponto de vista arquitetônico. Porém, a requalificação se refere a um conjunto de ações que permite a um determinado espaço nova eficiência, novo sentido em uso, promovendo melhorias no espaço e em seu entorno.

---

<sup>92</sup> *Ibid.*, p. 40

## **CAPÍTULO 2 - A TERRITORIALIDADE E AS DINÂMICAS ESPACIAIS E SOCIAIS DAS FEIRAS LIVRES**

Um estudo sobre as características culturais, econômicas e sociais das feiras livres requer, preliminarmente, uma abordagem dos conceitos de territorialidade, território, paisagem, lugar, memória, identidade e de cultura para compreensão da ocupação e das relações de poder estabelecidas nesses espaços geográficos, bem como a reflexão sobre a formação das identidades dos grupos e do desdobramento das feiras enquanto bens culturais. As feiras possuem características particulares que as distinguem do cotidiano nas cidades, seja pela sua forma de mercado, por representar um ponto de encontro, seja por modificar a paisagem do local, ressignificando os espaços que ocupa.

Assim, a paisagem que se expressa durante o funcionamento das feiras livres tem a característica da sociabilidade, haja vista que as ruas, praças e avenidas são transformadas por esses eventos, acontecendo uma alteração material e simbólica desses espaços, onde podemos observar relações de amizade, lazer, trabalho, cultura. A rua, a avenida e as praças são lugares públicos que acolhem esses eventos e conversas, e que pouco a pouco vão fazendo parte das memórias e dos bens culturais das cidades. A ocupação desses territórios nunca é aprovada por todos, já que os grupos sociais possuem interesses diversos na utilização desses lugares e isso acarreta em disputas e negociações.

De maneira objetiva, é possível compreendermos as paisagens como tudo aquilo que podemos ouvir, sentir, observar, visualizar ou cheirar em um determinado espaço. Dessa forma, percebemos que as feiras proporcionam uma modulação diferente da paisagem, seja pelo cheiro do pastel, seja pela reunião dos amigos, pela troca de saberes, pela culinária, ou pelo ponto de encontro. São esses fatos que modificam o território e tornam a experiência de estar ali singular para cada participante.

As feiras, enquanto atividades de utilidade pública, proporcionam também a interação entre o campo e a cidade, fazendo com que os produtos cheguem frescos nas mesas das famílias, e assim cumprindo com seu papel social e auxiliando no abastecimento das cidades. Por promover a interação entre os fregueses, feirantes e amigos, elas constituem-se como uma tradição popular urbana, um ponto de encontro, e por isso são também um lugar de sociabilidades. Desses encontros e desencontros são produzidas as memórias que, como um quebra-cabeça, vão construindo as trajetórias desses eventos e seus participantes, fazendo com que permaneçam no tempo.

## 2.1 A territorialidade e a paisagem das feiras livres

Neste tópico pretendemos discutir o conceito de territorialidade, território e paisagem, bem como relacionar essas definições às feiras livres. A paisagem cultural das feiras nos permite conceber o território de forma distinta do cotidiano. Esses eventos, com suas características singulares, transformam o espaço urbano das cidades, permitindo aos indivíduos inserir seus traços nesses lugares, seja pela sua forma de se expressar, seja pela maneira de sentir, locomover ou ocupar o espaço. Nesse sentido, ocorre a formação de uma paisagem diferenciada, que transmite diversas mensagens pela imagem, pelo cheiro, pelo sentir, pelas lembranças e pelo afeto. Logo, essas ações representam símbolos de apropriação do território, sendo a alteração dessa paisagem um dos principais resultados da territorialidade estabelecida.

Paul Claval<sup>93</sup>, em sua obra *A Geografia Cultural*, afirma que a paisagem pode ser entendida na sua relação com os dinamismos culturais. Nesse contexto, as concepções sobre paisagem compreendidas neste trabalho estão diretamente relacionadas às percepções humanas, ou seja, o foco de análise não será somente a interação do homem com a natureza, mas também, na forma como a paisagem foi percebida, interpretada e como os marcos e significados foram construídos nela. Para o autor supracitado, a paisagem pode ser também considerada um conjunto de memórias, significados, sentimentos presentes tanto no imaginário individual como no coletivo. A paisagem cultural expande o significado da fala do homem e expressa o seu ser, deixando de ser concebida apenas como um dado objetivo e passando a considerar os elementos que ultrapassam o olhar, como as sensações vividas e sentidas pelo observador. Assim, valoriza os aspectos subjetivos da relação das pessoas com o ambiente.

Por sua vez, Denis Cosgrove<sup>94</sup>, em sua obra *A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas*, elabora uma discussão sobre distintas abordagens do conceito de paisagem e afirma que o modo de concebê-la já não é mais o mesmo que predominou nos estudos clássicos de Geografia, pois o observador agora é compreendido como um ser carregado de emoções que interferem na leitura que ele faz do meio. A paisagem, portanto, pode ser entendida como um texto repleto de simbolismos e sujeito a

---

<sup>93</sup> CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999. p. 89.

<sup>94</sup> COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p.103

distintas interpretações. Assim, qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura, apesar de muitas vezes essa transformação não estar visível, seja para um membro do grupo ou para um estranho.

Ademais, pressupondo que a paisagem é uma representação cultural, construída pelo imaginário dos atores sociais, faz-se necessário compreender quais são os atributos simbólicos que atuam na representação de um dado território. A partir disso, será possível identificar os elementos transmissores não apenas de memória e de identidade, mas de relações de sociabilidades, resistências, lutas e disputas dos/pelos espaços, símbolos e relações que marcam a territorialidade.

Dessa forma, não podemos reduzir as projeções da cultura na paisagem apenas nas questões estéticas e no campo material; é preciso considerar as diversas interpretações lançadas sobre ela, seja verbal, sentimental ou visual, que, tanto quanto a estética, são observadas no território. Consequentemente, ao pensarmos uma feira que acontece em determinada rua, devemos levar em consideração os elementos físicos formadores da paisagem, como as casas ao redor, a pavimentação da rua, as barracas, o estacionamento, etc. No entanto, não podemos restringir nossa observação a elementos materiais, pois é necessário identificar os elementos intangíveis, como a sonoridade, o cheiro, as cores, os olhares, a “falazada”, enfim, há muitas abstrações na paisagem.

Por oportuno, é importante salientar a perspectiva de Jean Marc Besse<sup>95</sup>, em seu livro *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*, especialmente o capítulo “A Fisionomia da Paisagem, de Alexander von Humboldt a Paul Vidal de La Blache”, sobre as dimensões da paisagem:

Mesmo sendo a paisagem uma dimensão do visível, esta paisagem é o resultado, o efeito, ainda que indireto e complexo, de uma produção. A paisagem é um produto objetivo, do qual a percepção humana só capta, de início, o aspecto exterior. Há como que um “**interior**” da paisagem, uma substância, um ser da paisagem que só deixa ver seu exterior. É, aliás, isto que dará, aos olhos de certos geógrafos, o limite da abordagem paisagística. Ao mesmo tempo, a intenção e a esperança científica do geógrafo consistem em tentar ultrapassar esta superfície, esta exterioridade, para captar a “verdade” da paisagem<sup>96</sup>.

---

<sup>95</sup>BESSE, J. M. A Fisionomia da Paisagem, de Alexander von Humboldt a Paul Vidal de La Blache. In: BESSE, J. M. *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução: Vladimir Bartolini. São Paulo: Perspectiva, 2006a. p. 61-62.

<sup>96</sup>*Ibid.* p. 65. (Grifo nosso).

Para Jean Marc Besse, perceber a paisagem de forma humanizada não se trata de negar o visível, mas de atribuir à paisagem uma experiência sensível. A paisagem seria, portanto, um conjunto de signos que se busca aprender a decifrar, num esforço de interpretação, que vai além da fruição e da emoção. Para esse autor, a paisagem é, de maneira geral, uma construção cultural e não um objeto físico; por isso, não deve ser confundida com o ambiente natural.

Nesse mesmo sentido, Ulpiano T. Bezerra de Meneses afirma que o homem e a paisagem são indissociáveis. Para esse autor, a identidade não é pressupor uma harmonia capaz de produzir, por sua própria força, unidade e solidariedade. Ao contrário, a instrumentalização da paisagem como vetor de identidade, muitas vezes, fez-se no conflito<sup>97</sup>. Uma característica importante de ser ressaltada no campo de estudo desses conflitos é a relação da cultura com o poder, retratando as relações de dominação e opressão que se reproduzem na paisagem estabelecendo as memórias de grupos dominantes para sociedade. Segundo Cosgrove:

Um grupo dominante procurará impor sua própria experiência de mundo, suas próprias suposições tomadas como verdadeiras, como a objetiva e válida cultura para todas as pessoas. O poder é expresso e mantido na reprodução da cultura. Isto é melhor concretizado quando menos visível, quando as suposições culturais do grupo dominante aparecem simplesmente como senso comum. Isto é, às vezes, chamado de hegemonia cultural. Há, portanto, culturas dominantes e subdominantes ou alternativas, não apenas no sentido político, mas também em termos de sexo, idade e etnicidade<sup>98</sup>.

Assim, no tocante às feiras, a paisagem, as memórias e as narrativas mostram esse aspecto interior, que se configuram nos traços peculiares de interpretação, nos conflitos e disputas que abarcam uma série de significados, sobretudo, um olhar sobre essa paisagem. Juliana Lopes Lelis<sup>99</sup>, em seu artigo *Vínculos de Sociabilidade e relações de trocas entre feirantes de Viçosa, MG*, afirma que a feira é um lugar que possui diferentes representações sociais e significados, uma vez que ali estão diversos tipos de sujeito. De acordo com a autora, as feiras fazem parte de aptidões culturais, pois se referem às tradições, aos costumes, aos hábitos e às formas comerciais antigas, que se destacam pela manutenção e reprodução das relações sociais. Para a referida autora, as relações de troca entre os comerciantes e seus fregueses, e as relações de confiança e reciprocidade entre eles, marcam as afinidades

---

<sup>97</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org). Turismo e Paisagem. São Paulo: Contexto, 2002, p.36 e 41.

<sup>98</sup> COSGROVE, Denis. *op cit.*, p. 104-105.

<sup>99</sup> LELIS, J. L et al. *op cit.*, p. 06.

estabelecidas por esses grupos. Nesse sentido, grande parte das pessoas que frequentam a feira não busca nesse local apenas a compra de produtos, mas também um lugar de encontro.

Podemos observar que a paisagem urbana na qual estão inseridas as feiras produz opiniões variadas para o público que vivencia o seu cotidiano nesses espaços. A paisagem, ainda assim, pode ser percebida na harmonia entre os objetos articulados e interpretada por diferentes olhares. Os conceitos de paisagem, território e territorialidade se apresentam relevantes para a compreensão dos acontecimentos que emergem nesse evento, já que a feira é realizada em um território e, nesse, é constituída uma paisagem marcada pela territorialidade que se ali estabelece.

Para Marcelo Lopes de Souza, o território é “fundamentalmente definido e delimitado por e a partir de relações de poder”<sup>100</sup>, - uma interpretação fortemente política. No entanto, não é apenas o território que pode ser concebido com a ideia de poder, mas também se deve compreender que o poder só se exerce com referência a um território. Para o referido autor, o poder é exercido em um grupo social com conexão a um espaço<sup>101</sup>. Assim, podemos dizer que o território, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas o tradicional “poder político”, que diz respeito tanto ao sentido concreto de dominação quanto ao sentido mais simbólico de apropriação.

Para Lefebvre<sup>102</sup>, a apropriação e a dominação do território possuem sentidos diferentes. A apropriação é um processo carregado de marcas do “vivido”, enquanto a dominação está vinculada ao valor de troca. Ora, a apropriação implica em ritmos de tempos, símbolos e práticas em um determinado território. Nesse contexto, a territorialidade se estabelece no local e, a partir de então, no cotidiano, onde as identidades dos grupos são construídas.

Marcos Aurélio Saquet<sup>103</sup>, em seu livro *Abordagens e concepções de território*, afirma que a territorialidade pode ser vista como o acontecer de todas as atividades cotidianas. Ela é múltipla e com isso os territórios também o são, revelando a complexidade social e as relações de domínio dos indivíduos. A territorialização significa que os atores sociais deixam suas marcas físicas e simbólicas sobre esse espaço. Sendo assim, será por meio da territorialidade que o espaço e, conseqüentemente, o território constituído terão suas

---

<sup>100</sup> SOUZA, Marcelo Lopes. O território: Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E. de et al. (orgs): **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 78.

<sup>101</sup> SOUZA, Marcelo Lopes. **Os Conceitos fundamentais da pesquisa sócio espacial**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2018. p. 87.

<sup>102</sup> LEFEBVRE, H. **La Production de l'Espace**. Paris: Anthropos, 1974. p. 411 e 412

<sup>103</sup> SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. 3ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013, p. 129.

identidades e os seus aspectos culturais, como símbolos e valores, que conectam os sujeitos e criam a sensação de pertencimento a um grupo.

Nesse sentido, Saquet afirma que a territorialidade “corresponde às ações humanas, ou seja, a tentativa de um indivíduo ou grupo para controlar, influenciar, ou afetar objetos, pessoas e relações numa área delimitada”<sup>104</sup>. A territorialidade propõe ao indivíduo o sentido de pertencimento, a vivência, o que corresponde ao poder exercido envolvendo as relações econômicas e sociais, indivíduos e grupos. Dessa maneira, efetiva-se em todas as relações cotidianas e, por isso, a partir dela podemos pensar a identidade dos grupos. Isso acontece porque o indivíduo ou um determinado grupo de pessoas, ao se apoderar de um local, formaliza um território.

Nesse caso, o espaço se torna um território desde que seja ocupado por uma relação social de comunicação, no qual seus atores se concentram e vivenciam-no em um determinado período de tempo. Para Raffestin, em seu livro *Por uma geografia do poder*, a territorialidade reflete “a multidimensionalidade do ‘vivido’ territorial pelos membros de uma coletividade”<sup>105</sup>. Assim, no caso das feiras, para formalizar-se ali um território, é necessário que os atores sociais apoderem do local, seja ele uma rua ou uma avenida. Mas, para que este território possa existir como tal, é necessário um esforço constante dessas pessoas para a sua instalação e manutenção ao longo do tempo. Dessa forma, Raffestin acrescenta ainda que a territorialidade pode ser definida como:

(...) um fenômeno de comportamento associado à organização do espaço em esferas de influência ou em territórios nitidamente diferenciados, considerados distintos e exclusivos, ao menos parcialmente, por seus ocupantes ou pelos que os definem<sup>106</sup>.

Para Raffestin, o território é uma produção a partir do espaço construído pelo homem, logo, toda construção da realidade é instrumento de poder. O sistema territorial é conformado por representações territoriais, e essas representações são baseadas nos atores que territorializam e fazem parte desta representação, os quais produzem o território e formam a territorialidade.

---

<sup>104</sup> SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M; SPOSITO, E. **Território e territorialidades, teorias processos e conflitos**. 2ªed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015. p. 82.

<sup>105</sup> RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993. p. 158.

<sup>106</sup> *Ibid.*, p.159

Diante do exposto, verificamos que as feiras perpassam por problematizações acerca do território e da territorialidade, originados das disputas pelo espaço e da memória coletiva. As feiras tomam posse dos espaços públicos, sejam ruas ou avenidas, praças, e instalam ali contatos comerciais e afetivos. Essas relações, muitas vezes, não são bem-vistas e aprovadas por quem está de fora, ou tem interesse diferente ao uso do espaço.

Para Ana Fani Carlos<sup>107</sup>, em seu livro *O lugar no/do mundo*, a feira dá à rua um sentido de mercado, aquele vinculado à troca com destino, que reúne pessoas e ocupa as calçadas com os camelôs. Logo, estamos tratando de uma mudança de nicho de mercado quando a feira é alocada em outra localidade, e, por isso, a preocupação dos feirantes com suas vendas e sobrevivência de seus negócios. Assim, é possível perceber que o processo de territorialização ou desterritorialização do espaço público envolve sempre as relações de poder, tensão e conflitos sobre o pertencimento e disputas relacionadas a quem tem ou não direito a territorialidade.

Entretanto, podemos pensar que esses atores sociais estão sempre sujeitos à coerção em relação a essa territorialidade, sobretudo, por não serem proprietários das áreas. Apesar disso, eles ocupam esses espaços públicos, transformando-os de uma rua ou avenida comercial em um espaço de lazer, um ponto de encontro, um local de trabalho. Todas essas dinâmicas advêm da complexidade dos interesses das pessoas que territorializam determinado espaço. Ana Fani Carlos discute, ainda, que o ato de territorializar é apenas uma das tantas atividades que a sociedade exerce sobre o espaço que, muito embora seja alvo da normatização e conseqüente privatização, deixa brechas para que também se possa, através dele, “vislumbrar a possibilidade de pensar o homem por inteiro em sua dimensão humana e social que se abre também para o imprevisto, criando cada vez mais novas possibilidades de resistir/intervir no mundo de hoje”<sup>108</sup>.

Assim, podemos verificar que as paisagens do nosso cotidiano estão cheias de significados. No caso da feira, a paisagem é carregada de um sentimento de pertencimento, resistência, luta e disputa de espaço que se instala na sociedade, que marca a territorialidade. Essa forma de mercado, que é a feira, resiste ao tempo e aos conflitos, graças ao esforço de feirantes que praticam o ofício seja por tradição familiar, pelos desdobramentos de significados que a feira remete a comunidade, seja para geração de renda e sustento de famílias.

---

<sup>107</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur edições, 2007b. p. 53.

<sup>108</sup> *Ibid.*, p.13

Nesse sentido, Milton Santos traz o conceito dos “homens lentos”<sup>109</sup>, se referindo àqueles habitantes das grandes cidades que, em suas práticas do cotidiano, resistem contra as condutas impostas pela globalização e pelo capitalismo, muitas vezes situada no uso de espaços públicos. O autor se refere à lentidão como um elemento de resistência e, para ele, a força é dos lentos e não dos que detêm a velocidade. Essa marca da resistência é típica das questões que envolvem as relações de poder. Nas diversas formas de dominação presentes nas relações sociais, em se tratando das feiras, que é um movimento social organizado, esses atores sociais carregam essa marca da resistência por ocuparem o território e defenderem seu espaço nas ruas e avenidas das cidades.

## 2.2 A feira enquanto lugar

O conceito de lugar é essencial para compreendermos a feira como um espaço cultural e social, já que o lugar se relaciona com as ideias de memória, identidade, sociabilidade e afetividade. As vivências do lugar vão se configurando em memória, seja individual ou coletiva, dando significado aos lugares. Nos lugares, as pessoas deixam marcas e sinais, constituindo-os como locais carregados de significados. Essa apropriação simbólica e afetiva do espaço foi desenvolvida consistentemente por Yi-Fu Tuan. Para este autor, o lugar é, muitas vezes, utilizado como sinônimo de território, através da “topofilia”, que significa o “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. Para Tuan, o lugar tem o significado de uma localização de lealdade apaixonada, de definição e significado<sup>110</sup>.

Para Marcelo Lopes de Souza<sup>111</sup>, território e lugar são conceitos distintos, ainda que no senso comum possam ser tratados como sinônimo. O poder se coloca em primeiro plano no conceito de território; já o conceito de lugar está mais relacionado ao das identidades, trocas simbólicas e intersubjetividades envolvidas na construção de sentidos e imagens sobre o lugar, que é considerado como espacialidade vivida e percebida, dotada de significado.

Por muito tempo, o lugar foi analisado na Geografia a partir da perspectiva de local, região e espacialidade, ideia especialmente representada na teoria do geógrafo francês Vidal de La Blache, designando uma simples referência de localização em sentido escalar, sem muita intencionalidade do que está implicado na compreensão desse termo. Entretanto, com

---

<sup>109</sup> SANTOS, Milton. MetrÓpole. A força dos fracos é seu tempo lento. In: **Técnica, espaço e tempo**. Globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Editora Hucitec, 1994. p. 80.

<sup>110</sup> TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980. p.5.

<sup>111</sup> SOUZA, M. L. **Os Conceitos fundamentais da pesquisa sócio espacial**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2018. p. 115.

as especificidades e a complexidade do mundo atual, os lugares não mais se limitam a essa análise, mas convivem dialeticamente com realidades do mundo que se materializam nos diferentes lugares devido à globalização da economia.

De acordo com Souza, apesar da existência de várias acepções da palavra “lugar” em que se considere o âmbito da conceituação socioespacial, há um sentido que vem se afirmando mais especificamente a partir da década de 1970 e que será abordado nesta pesquisa: “O lugar como um espaço percebido e vivido dotado de significado, e com base no qual desenvolvem-se e extraem-se os sentidos de ‘lugar’ e as ‘imagens de lugar’”<sup>112</sup>.

Nas experiências socioespaciais, por meio das vivências de cada lugar, as construções geográficas vão se configurando como memória que se constrói coletivamente, dando expressão aos lugares. Historicamente, a necessidade de marcar os lugares e deixar sinais que permitissem ao ser humano voltar, bem como estabelecer relação entre o lugar e a experiência vivida ali, além de traçar caminhos para diferentes lugares, dá origem à necessidade de elaborar mapas e outras representações cartográficas. O lugar, portanto, relaciona-se à própria configuração histórica da Geografia como prática social, como necessidade humana.

Nesse contexto, percebemos o lugar como a articulação entre as relações sociais estabelecidas entre as pessoas e os elementos que compõem esse espaço, e não como uma localização física ou representação cartográfica. Dessa forma, podemos dizer que o lugar é um espaço fundamental para construção da sociabilidade e de extrema relevância social. Assim, segundo Milton Santos, lugar é “condição e suporte das relações globais”<sup>113</sup>. Ana Fani Alessandri Carlos complementa, afirmando que lugar é:

Produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida<sup>114</sup>.

As feiras enquanto espaço físico imbuído de significado cultural e social são um produto das relações humanas e são marcadas por memórias, pelo lugar vivido, ou por elementos que proporcionaram vivências e experiências marcantes, cultivadas na memória: sejam eles as mercadorias comercializadas, a prática comercial, a relação das pessoas ou

---

<sup>112</sup> **Ibid.** p. 114.

<sup>113</sup> SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. 7ªed. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2005. p. 156.

<sup>114</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Op. cit.*, 2007a. p. 22.

aquilo que passa despercebido, mas que faz parte do cotidiano da feira. Podem até mesmo ser marcadas também pelo invisível, como afirma Michel Certeau, em seu livro *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, pois, muitas vezes, “o que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível (...)”<sup>115</sup>.

Jaci, uma de nossas entrevistadas nesta pesquisa, diz em um trecho de seu depoimento que a Feira é um lugar de encontro: “a Feira não é somente um lugar que a gente vai fazer compra, é um local que vamos encontrar pessoas, conversar com os amigos, vai bater um papo”<sup>116</sup>. Destaca-se assim a característica de sociabilidade e afetividade que esses lugares possuem.

Complementando a percepção de Jaci quanto a Feira carregar uma marca de lugar de encontro, Erli da Silva Felício, Servidor Municipal da Secretaria de Agropecuária e Desenvolvimento Rural de Viçosa, que acompanha e oferece apoio à realização da Feira Livre de Viçosa, argumenta que: “O povo vai ali passear, visitar a praça, conversar, é muita gente que vai passear e não compra nada, a Feira é um **lugar que as pessoas se encontram**”<sup>117</sup>. Nota-se que tanto Jaci quanto Erli se atentaram para a importância da Feira enquanto lugar de encontro, bate-papo e lazer. É importante refletirmos sobre essas visões, pois elas colocam em questão o debate sobre a ocupação e utilização social desses espaços públicos.

A Feira se fez esse lugar de encontro, de convergência de memórias, portanto, um polo de preservação de memórias, de identidades e de resistência culturais. No trecho do depoimento de Vanda do Carmo Lucas dos Santos, a participante afirma que a Feira é um lugar que remete ao passado, contudo mencionou também as seguintes memórias e vivências:

A Feira, ela me remete às tradições antigas, você vê a máquina de café, o fubá de moinho d'água, coisas que no dia a dia mais moderno você não vê em qualquer lugar. E ali o passado é muito presente, quando a gente vê coisa que a gente comeu quando era pequena, remete ao passado e desperta minhas memórias<sup>118</sup>.

Percebemos a importância que Vanda do Carmo atribui às mercadorias comercializadas na Feira e à simplicidade desses produtos. Ela constrói uma narrativa de que as mercadorias a fazem se lembrar de algo esquecido, como as memórias de infância e o sabor

---

<sup>115</sup> CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.31

<sup>116</sup> Trecho da entrevista de Jaci (pseudônimo). Duração de 19min14s. Data: 29 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

<sup>117</sup> Trecho da entrevista de Erli da Silva Felício, Servidor Municipal da Secretaria de Agropecuária e Desenvolvimento Rural de Viçosa, MG. Duração de 12min25s. Data: 10 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>118</sup> Trecho da entrevista de Vanda do Carmo Lucas dos Santos. Duração de 13min46s. Data: 30 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

da comida. Nessa perspectiva, a Feira a remete às tradições antigas. Podemos inferir que as feiras possuem elementos que funcionam como suporte de memória, ou lugar de memória, a exemplo das mercadorias que reportam às tradições antigas - uma anacronia no tempo, como a máquina de moer o café e o fubá de moinho d'água citado na narrativa de Vanda do Carmo, que são elementos que não compõem mais o cenário moderno.

A música gravada por Luiz Gonzaga, em 1957, “A feira de Caruaru”<sup>119</sup>, traz uma reflexão importante sobre as mercadorias comercializadas na feira. A letra da canção diz em seu refrão que “De tudo que há no mundo nela tem para vender”, e esse “tudo” é que ativa esse lugar de memória. “Tudo” se encontra ali: as comidas consideradas típicas, as tradições e as mercadorias que fazem as pessoas voltarem às suas lembranças de infância ou de algum momento vivido, ou seja, lembram de algo esquecido (rememoram). Esses lugares de memórias, conceito utilizado por Pierre Nora<sup>120</sup>, assumem importantes significados por fazerem parte da construção da memória coletiva e da identidade social de um grupo. Assim, temos que a sociedade não se constrói apenas pela natureza orgânica, mas pelas suas memórias.

Até a instalação dos mercados e redes de supermercados nas cidades, as feiras funcionavam como central de abastecimento. Com a vinda e crescimento dos mercados, elas passam a ser consideradas como uma forma anacrônica do varejo. Apesar disso, vemos que a permanência das feiras no tempo fez com que elas adquirissem outros significados para além do que elas foram concebidas, como, por exemplo, lugar de encontro, troca de saberes e lazer. Mateus de Moraes Servilha e Sheila Maria Doula, no artigo *O Mercado como um lugar social: as contribuições de Braudel e Geertz para o estudo socioespacial de mercados municipais e feiras*<sup>121</sup>, afirmam que as feiras, da mesma forma que os mercados municipais, são espaços de enorme importância para a vida social e cultural, em especial nas cidades de pequeno porte, como um lugar, entre outras coisas, de reprodução de relações e práticas sociais; construção de valores comunitários; formação, e ao mesmo tempo encontro, de diferentes grupos sociais; manifestações de artistas populares (como escritores de cordel, sanfoneiros e violeiros); encontro de famílias de diferentes comunidades rurais (que muitas vezes podem se ver apenas nos dias de feira); confraternização entre trabalhadores(as) rurais

---

<sup>119</sup> ALMEIDA, Onildo. **A feira de Caruaru**. Intérprete: Luiz Gonzaga. 1957.

<sup>120</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 13.

<sup>121</sup> SERVILHA, Mateus de Moraes; DOULA, Sheila Maria. O Mercado como um lugar social: as contribuições de Braudel e Geertz para o estudo socioespacial de mercados municipais e feiras. **Revista Faz Ciência**, v. 11, n. 13, 2009. p. 141.

aposentados(as); trocas de produtos sem atravessadores; e vida comercial estruturada no sentimento de ajuda mútua (mais do que no de concorrência). Nesse sentido, podemos entender que a feira é um lugar a partir do qual podemos pensar a cidade, o cotidiano da população, as relações sociais a produção e o excede, a cultura, a culinária e as tradições.

Já Moraes e Araújo, no artigo denominado *Territorialidades e sociabilidades tecidas na feira livre da cidade de Caicó*, destacam as feiras como lugar de sociabilidades vivenciadas que se levanta em meio ao cotidiano da população, reproduzindo as interações sociais e capitalistas. Para esses autores, é no cotidiano da população que se instalam as feiras, trazendo tradições passadas e um lugar de sociabilidade que difere do ambiente ao redor, ora remetendo ao passado, ora perpetuando traços socioculturais:

Nesses espaços das conversas, das tradições, dos encontros, das transgressões, das experiências, das compras, vendas e permutas, das jocosidades, das performances corporais e orais, enfim, das cores, odores e sonoridades que se misturam e se dissolvem, inúmeras pessoas efetuam as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana. Dessa maneira, a feira se institui, antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos<sup>122</sup>.

Por se tratar de um espaço público aberto, a feira também é palco para manifestações públicas e apresentações culturais de grupos diversos. Se, por um lado, os feirantes zelam pela feira por uma questão econômica e de sobrevivência, por outro, há também aqueles que ocupam a feira para fomentar atividades socioculturais e educativas. Para Vanda do Carmo Lucas Santos, a Feira é um espaço estratégico para divulgação de reivindicações das entidades sindicais:

Quando eu estava na Diretoria da ASAV (Associação Sindical dos Servidores Administrativos da UFV), a Feira era uma estratégia de divulgação, **da mesma forma que a rádio**, que o calçadão, são pontos que, por causa da diversidade e também porque são muitos os servidores que participam da Feira, estudantes, professores, então uma forma de divulgação é a Feira Livre... panfletar na Feira. Além disso, já vi em questões eleitorais os candidatos irem a Feira, fazendo corpo a corpo, **porque é ali que encontramos pessoas de todos os bairros**, dependendo do caso é mais fácil

---

<sup>122</sup> MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. **Territorialidades e Sociabilidades na Feira Livre da Cidade de Caicó (RN)** - Instituto de Geografia da UFRN, 2006. p. 267. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15406/8704>. Acesso em: 23 set. 2020.

encontrar o fulano na Feira do que na casa dele, tem casos assim. Então, as entidades sindicais usam muito esse recurso<sup>123</sup>.

A partir desse relato podemos compreender a Feira como um importante espaço público, democrático, lugar de encontro e também um ambiente propício para manifestações políticas, artísticas e exercício da cidadania. Assim, verificamos a multiplicidade de funções desse lugar, já que interesses diversos são buscados ali, seja o encontro, a compra e venda, o passeio, a cultura, a pesquisa, a política ou a cidadania, enfim, um espaço aberto para manifestações populares. Vanda do Carmo ainda compara o espaço de divulgação da Feira com a rádio. Observamos que essa referência se dá pela característica de ponto de encontro, de lugar de diálogo que tanto a Feira quanto a rádio têm para comunidade.

Rômulo Nascimento Marcolino se posiciona em acordo com Vanda do Carmo Lucas dos Santos e complementa destacando a Feira como local importante para dialogar com a comunidade, tornando-se um lugar privilegiado e escolhido por diversos grupos:

Outro dia até postei na rede social do meu *Facebook* uma foto de 2013, quando a gente estava fazendo uma votação coletando assinaturas e votos no plebiscito popular pela redução de energia elétrica e também do ICMS da conta de luz. Aí escolhemos a Feira Livre **como espaço importante para dialogar com a população sobre aquele tema**. Pois é um espaço que a gente tem uma boa representatividade de pessoas da cidade e diversas regiões da cidade, que se encontram na Feira Livre. Então, nós fizemos esse plebiscito, campanha pelas águas também, de fazer um ato na Feira Livre. Já teve atos de fazer a concentração na Feira Livre e depois descia para o centro da cidade. Então, tenho percebido que tanto na política quanto no espaço cultural a Feira tem sido um **espaço privilegiado por diversos grupos, eles têm escolhido a Feira para fazer esse tipo de intervenção**, acredito muito que enxergam na Feira como se um local que tem uma boa representatividade da população viçosense e isso facilita o contato<sup>124</sup>.

Na Figura 22 podemos observar a participação da comunidade e o momento de coleta de assinatura na Feira Livre de Viçosa, durante o Plebiscito popular pela redução da energia elétrica e do ICMS da conta de luz, citado pelo entrevistado e concomitante o funcionamento das barracas dos feirantes.

---

<sup>123</sup> Trecho da entrevista de Vanda do Carmo Lucas dos Santos. Duração de 13min46s. Data: 30 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>124</sup> Trecho da entrevista de Rômulo Nascimento Marcolino. Duração de 35min2s. Data: 29 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

Figura 22 - Registro fotográfico de coleta de assinatura na Feira Livre de Viçosa, MG do Plebiscito Popular pela redução da energia elétrica e do ICMS da conta de luz



Fonte: Acervo pessoal de Rômulo Nascimento Marcolino, 19 de outubro de 2013<sup>125</sup>.

Nesse cenário, é relevante pensar na interpretação de Rômulo Nascimento Marcolino, de que diversos grupos escolhem a Feira para realizar suas intervenções e divulgar seus trabalhos, pois encontram nesse lugar um espaço adequado para dialogar com a comunidade. Nesse sentido, destacamos algumas das intervenções realizadas pelos grupos Levante Popular da Juventude<sup>126</sup> e pelo QLE (Quem luta educa),<sup>127</sup> como ilustram as fotos de um dos integrantes desses coletivos, Vinicius Vieira.

Em 2016, o grupo Levante Popular ocupou as ruas da Feira de Viçosa com sua manifestação e teatros pela campanha pelas águas e contra o mineroduto da Ferrous em Minas

<sup>125</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/romulo.n.marcolino/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

<sup>126</sup> O Levante Popular é um coletivo, que surgiu em 2006, e que tem participação de estudantes que propõem a luta de massas em busca da transformação estrutural da sociedade.

<sup>127</sup> O QLE (Quem Luta Educa) é um movimento de estudantes, professores, membros de representações sociais, sindicais e religiosos, que surgiu em 2017, com objetivo de lutar contra as reformas da previdência e outras pautas do governo Temer.

Gerais. A mobilização utilizou desse instrumento para se posicionar contra o discurso desenvolvimentista propagado pela mineradora.

Figura 23 - Manifestação popular do grupo Levante Popular pela campanha pelas águas e contra o mineroduto da Ferrous em Minas Gerais



Fonte: Acervo pessoal de Vinicius Vieira, em 2016.

Em maio de 2019, quem ocupou as ruas da Feira foi o “Tsunami da educação”, movimento convocado pela UNE (União Nacional dos Estudantes). Os atos foram realizados pelo QLE (Quem luta educa), em defesa da educação pública no país e contra a reforma da previdência do governo Bolsonaro.

Figura 24 - Divulgação de cartazes do “Todos pela Educação”



Fonte: Acervo pessoal de Vinicius Vieira, em maio de 2019.

Na Figura 25, observamos registro de momentos em que os estudantes vão à Feira oferecer serviços de saúde à comunidade, como a medição de pressão arterial, como forma de protesto e em defesa da Universidade Pública.

Figura 25 - Mostra científica e cultural em Defesa da Universidade Pública, intitulada Balbúrdia 2019, organizada pelo QLE (Quem Luta Educa)



Fonte: Acervo pessoal de Vinicius Vieira, em maio de 2019.

Assim, temos que, além do lugar da Feira Livre ser utilizado para manifestações, intervenções e reivindicações, bem como comunicação com a comunidade, também é possível vivenciar nesse espaço momentos culturais. No caso da Feira Livre de Viçosa, o espaço no qual é realizado a Feira conta com um coreto para apresentações culturais e usos diversos da população. Nesse local são realizadas apresentações de grupos culturais.

Figura 26 - I Semana Viçosense de Cultura Popular – Apresentação de grupo de samba de roda na Arena da Feira Livre de Viçosa, MG



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Na Figura 26 é possível observar o registro de um desses momentos, a apresentação cultural durante a I Semana Viçosense de Cultura Popular, realizada pela Secretaria de Municipal de Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes da PMV (Prefeitura Municipal de Viçosa).

Figura 27 - Apresentação de artista de rua em um dia comum de Feira



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Já a cenas das Figuras 26 e 27 revelam não apenas a presença de elementos populares no cotidiano de uma feira livre, mas mostram também a possibilidade de grupos, artistas de rua, com interesses diversos, realizarem encontros festivos, exercendo espontaneamente formas de sociabilidade.

Dessa forma, as manifestações culturais constituem lugares férteis que oferecem aos indivíduos oportunidades de participarem das feiras no contexto sociocultural em que vivem. Por meio da cultura, o indivíduo se revela, pois ela influencia a identidade dos grupos justamente por englobar as práticas sociais que compõem o cotidiano.

### 2.3 Memória, Identidade e Cultura

Neste subitem pretendemos realizar uma discussão sobre a associação entre memória, identidade e cultura, direcionando as análises para as feiras livres como produtoras de relações sociais, movimento de resistência, luta e constante disputa de espaço.

Ao analisar as questões referentes à memória, Pierre Nora destaca que “a memória enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”<sup>128</sup>. Dessa forma, podemos dizer que a memória não existe por si só: ela necessita do concreto, do lugar para se propagar.

<sup>128</sup> NORA, Pierre. *Op. cit.*, p. 9.

Pierre Nora destaca também a importância dos sujeitos para a transmissão dessas memórias: “menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória”<sup>129</sup>. Para criar e recriar a memória, é necessária a atuação dos atores sociais. Nessa dinâmica, a memória está constantemente se formando e evoluindo. O sujeito é o responsável pela transmissão dessas memórias, que em alguns momentos são lembradas e em outros, esquecidas. A seleção ocorre de acordo com os interesses, as relações de poder e os sentimentos de pertencimento que cercarem as questões do momento. Dessa forma, a memória é objeto e instrumento de luta social e sedia diversos interesses de grupos em detrimento de outros.

A memória tem uma natureza fundante na identidade individual construída e legitimada no cotidiano. As disputas de memórias têm um apelo forte nas apropriações patrimoniais, e assim a memória satisfaz a exigência de distinção social. Nesse âmbito, a sociedade não se constrói apenas pela natureza orgânica, mas pelas suas memórias. Da entrevista de Sérvulo Fialho Resende, por exemplo, podemos destacar as memórias e a narrativa de descontentamento do feirante com a mudança da Feira Livre de Viçosa da Avenida Santa Rita para as proximidades do Colégio Viçosa em 2010:

Lá na Avenida Santa Rita a Feira era boa, vendia mais que aqui. Demos bobeira, entramos no fórum, fizemos abaixo assinado... mas a turma concordou, eu bati o pé não queria sair, **lutei para ficar lá**, mas não teve jeito. Aqui no Colégio Viçosa não está ruim, mas faltam barracas, chove e enche de terra <sup>130</sup>.

De acordo com entrevistado acima citado, os feirantes enfrentaram muitas resistências com relação à ocupação do espaço, até porque a cidade passava por um crescimento urbano e a disputa por espaços com o mercado imobiliário se tornou evidente. Assim, cada grupo defendia seu interesse, e, por isso, versões e pontos de vistas diferentes são narrados.

Para Maurice Halbwachs<sup>131</sup>, as memórias são construídas pela experiência e vice e versa. A experiência é uma relação que se constrói com o externo. Nessa relação, tanto a memória quanto a experiência seguem se reformulando, se transformando à medida que são vividas. A memória é uma representação do passado e, como tal, ela é consciente. Logo, a memória só é memória se formos capazes de transmitir e narrar aos outros. A posição do

<sup>129</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>130</sup> Trecho da entrevista de Sérvulo Fialho Resende. Duração de 26min54s. Data: 02 de novembro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>131</sup> HALBWACHS, Maurice. A memória Coletiva e a memória individual. In: **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2005. p. 33.

indivíduo é particular e no grupo essa experiência converge para um ponto comum. Duas premissas são colocadas pelo autor: a primeira é que raramente as pessoas participam do mesmo grupo ao mesmo tempo e a segunda é de que a participação no interior dos grupos muda de acordo com o indivíduo. As lembranças podem pertencer a um mesmo grupo, ligadas uma a outra e apoiadas de certo modo uma sobre a outra.

Ainda tratando das memórias de Sérvulo Fialho Resende, o participante relata os momentos de luta dos envolvidos na criação da Feira, como seu tio, Vicente Fialho, que fazia parte do grupo com cerca de seis produtores rurais que deram início à Feira de Viçosa, em 1967. Ele conta que seus familiares e os demais produtores enfrentaram muitas dificuldades, e que a Feira iniciou e suspendeu suas atividades por várias vezes, até que a EMATER ofereceu apoio aos produtores e ajudou esse comércio a se consolidar:

Foi muita luta. Quando cheguei na Feira, em 1975, ela já tinha começado umas três vezes e parado. Nós recomeçamos e não paramos. Essa Feira foi criada antes de mim, meu tio que já faleceu e José Alves começaram, mas não deu certo no primeiro momento, depois iniciamos o trabalho lá e foi pra frente. Meu tio e outros feirantes começaram, mas não ia pra frente, aí o pessoal da Emater entrou no meio, convidou a gente e aí que firmou. A Emater dava assistência na horta, ajudava, dava muda pra gente plantar. A sobra da produção, vendíamos na Feira<sup>132</sup>.

Luiz José Arruda Alves, conhecido por Tilú, é filho de José Alves, citado por Sérvulo como um dos fundadores da Feira, no livro *Um minuto de Silêncio: Homenagem Póstuma a Antônio Chequer*, de Antônio Oliveira de Melo (Tonymello). Tilú relata ter participado com seu pai do início da Feira na Praça Silviano Brandão:

Conheci Antônio Chequer ainda adolescente (15 anos), quando eu e meu pai, com nosso velho caminhão, vendíamos frutas e verduras que trazíamos do nosso sítio (morávamos na roça), ao lado do hoje Santuário Santa Rita de Cássia. Aos poucos formamos nossa clientela, o negócio deu certo e começou a crescer<sup>133</sup>.

Zequinha, pasteleiro, por sua vez, possui algumas recordações do início da Feira Livre na Praça Silviano Brandão. Feirante carismático, foi lembrado por cinco dos onze entrevistados que participaram como a personalidade da Feira. Zequinha já foi homenageado

---

<sup>132</sup> Trecho da entrevista de Sérvulo Fialho Resende. Duração de 26min54s. Data: 02 de novembro de 2019. Viçosa, MG.

<sup>133</sup> MELLO, Antônio Oliveira. **Um minuto de silêncio: homenagem póstuma a Antônio Chequer**. Viçosa: Folha de Viçosa, 2000. p. 98.

pela Comissão de Formatura da Universidade Federal de Viçosa<sup>134</sup>, em 2008, pelo seu carisma com os fregueses:

Comecei na Feira na Praça Silviano, não me lembro o ano. O Prefeito era Cesinha, era década de 1970, e um dia ele chegou na Feira e me disse "Você que é o atrevido da Feira?". Depois ele me deu um alvará para trabalhar de vendedor ambulante. Quando a Feira era no Bradesco, eu não podia entrar, aí eu ficava do lado de fora e vendia mais barato que os caras tudo. Eu tinha facilidade para comprar, comecei na praça, depois fui para o estacionamento do Bradesco e lá ficou muito pouco tempo, depois ela foi para Santa Rita, onde ficou uns 30 anos. Eu vendia laranja, manga, pêra, maçã, abacaxi e melancia. Como eu já tinha trabalhado em uma pastelaria e estava começando a ter um problema na perna de carregar peso, aí optei pelo pastel. Na praça só tinha pastelaria ao lado da casa do biscoito, mas era comércio, não era feirante. Na Feira na praça eu vendia mamão, laranja, limão. **Na Santa Rita surgiu a tradição dos pasteleiros**, antes tinha o Toninho e depois eu, só nós dois, depois vieram os outros<sup>135</sup>.

Figura 28 - Zequinha em sua Kombi azul e amigos na Feira Livre de Viçosa, MG, ainda na Praça Silviano Brandão, década de 1970



Fonte: Acervo pessoal de Zequinha, década de 1970.

<sup>134</sup> Jornal da UFV. Ano 36. 25 de julho de 2008. Edição especial. Disponível em: <http://www.dci.ufv.br/wp-content/uploads/jornalFormaturaJulho2008.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2020.

<sup>135</sup> Trecho da entrevista de José Francisco Vieira (Zequinha). Duração de 31min33s. Data: 16 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

Na Figura 28 podemos observar o feirante em sua tradicional Kombi, na cor azul, fazendo venda de frutas na Feira Livre de Viçosa, em frente ao Santuário Santa Rita de Cássia. Zequinha inicia seu trabalho na Feira vendendo frutas, mas, tão logo a Feira chega à Avenida Santa Rita de Cássia, ele, com seu jeito empreendedor, vê oportunidade de trabalhar com a venda de pastel e de caldo de cana. No relato de Zequinha observamos um marco importante, o surgimento da tradição do pastel da Feira, ainda na Avenida Santa Rita de Cássia.

A memória evocada nos trechos das entrevistas quanto à Feira leva em consideração não apenas os espaços pelos quais ela já se instalou, mas a luta pela sua permanência nas ruas, a funcionalidade de abastecimento da cidade, a sociabilidade, as tradições, a construção da identidade. Dessa forma, a memória é constituinte do sentimento de identidade tanto individual quanto coletiva. Nesse ínterim, o discurso de memória de um grupo é de suma importância, já que se refere à continuidade e a coerência desse grupo. As memórias são lembranças múltiplas e, a partir dessas narrativas, somos capazes de nos localizar no tempo.

Nesse sentido, Tzvetan Todorov<sup>136</sup> destaca que a memória tem uma dimensão libertadora e, ao mesmo tempo, opressora, a depender do uso da seletividade. Para o autor, a memória é um fenômeno de luta, sendo evidente que grupos e Estados são capazes de esconder a memória dentro de um campo social de memória. O bom uso dela depende da disposição com o passado, pois a memória tem um lugar de justificativa da vida moderna.

Paul Ricoeur<sup>137</sup>, por sua vez, analisa que a memória coletiva tem uma força fundamental para construção da identidade. Segundo esse autor, a identidade coletiva atua em nós individualmente, e isso nos mostra a força que o patrimônio tem para servir como movimento econômico e social. A memória coletiva é um dos alicerces da identidade, portanto, não basta que um discurso seja considerado autêntico apenas no caráter pessoal; ele necessita também de uma confirmação social. A memória é fruto de uma ação intencional e fornece a identidade. Nesse âmbito, a memória traumática muitas vezes está silenciada atuando no subterrâneo<sup>138</sup>. A cultura marca as semelhanças e diferenças entre os indivíduos e a identidade dos grupos passa a ser pensada por meio dessas referências, que são construídas e selecionadas pelos atores sociais.

---

<sup>136</sup> TODOROV, Tzvetan. **Abusos da memória**. Espanha: Ariela, 1995. p. 26.

<sup>137</sup> RICOEUR, Paul. Memória pessoal, memória coletiva. In: **A memória, história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p.105-150.

<sup>138</sup> *Ibid.*, p. 108

Para Joel Candau<sup>139</sup>, a identidade é uma construção social que, de uma certa maneira, sempre está acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o outro. Assim, a cultura enquanto parte dessa construção social está relacionada com toda e qualquer ação humana sobre a natureza, logo, a experiência vivida pelos indivíduos são, portanto, resultado e produtos dessas ações. Dessa forma, a cultura pode ser vista sob diversos aspectos, desde o econômico até o social e o político. Por isso, possui diversas dimensões conceituais.

Nessa perspectiva, é importante discutir o conceito de cultura proposto pelo antropólogo Clifford Geertz. Para ele, a cultura é uma teia de significados tecida pelo homem e que orienta a existência humana. Essa teia se refere a um sistema de símbolos que interage com os indivíduos em uma ação recíproca. Conhecer o homem e a cultura é buscar compreender essa teia de significados, a qual orienta o modo de pensar, sentir e agir. Assim, não há consenso dentro da cultura, podendo haver grupos que interpretam o mundo de forma diferente. Outrossim, Geertz define cultura como:

(...) um sistema ordenado de significados e símbolos em cujos termos os indivíduos definem seu mundo, revelam seus achados e fazem seus julgamentos, **um padrão de significados, transmitidos historicamente**, incorporados em formas simbólicas por meio dos quais os homens comunicam-se, perpetuam-se, desenvolvem seu conhecimento sobre a vida e definem sua atitude em relação a ela<sup>140</sup>.

Para o autor, a cultura está constantemente em construção, perpetuando-se e desenvolvendo-se; logo, cabe aos atores sociais elaborarem os significados culturais. Vale ressaltar que, por existir trocas entre as culturas, elas estão sujeitas a alterações, e a conviver com as diferenças, de modo que o consenso dentro da cultura, portanto, não é unânime. É no cotidiano da sociedade que a cultura se manifesta, com todas as suas normas, regras e leis, comportamentos e valores. Verificamos, assim, que é a cultura o que nos permite diferenciar os grupos sociais.

A partir desse conceito de cultura é possível analisar as feiras como manifestação de um grupo social, bem como assimilar o processo de trocas culturais que acontece nesses lugares. As feiras livres, por serem consideradas parte da cultura popular, constituem-se um espaço de resistência cultural às consequências do processo de globalização. Apesar de existirem outras formas de mercado, a feira permanece na memória dos indivíduos revelando

---

<sup>139</sup> CANDAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 2, 2009-2010, p. 45.

<sup>140</sup> GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011. p. 50. (Grifo nosso).

a sua importância para a sociedade, seja pelo seu significado cultural, seja pelo social ou de utilidade pública. As feiras, enquanto cultura popular, conferem vida às ruas e avenidas da cidade, e fazem parte do cotidiano da comunidade, sobrevivendo à dinâmica da cidade contemporânea.

Michel de Certeau considera, em seu livro *A invenção do cotidiano: Artes de Fazer*, que “para que haja cultura não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza”<sup>141</sup>. Dessa forma, podemos dizer que toda atividade humana pode ser cultura, mas ela não é necessariamente reconhecida como tal se não houver significado para aqueles que a realizam. É importante observar os significados que a Feira tem para seus atores sociais, bem como as identidades que são construídas e legitimadas no seu cotidiano - nesse lugar social a partir do qual podemos pensar a cultura local.

No trecho retirado do depoimento da entrevista de Fernando Conde Veiga, podemos observar esse lugar vivido que a Feira proporciona à cidade, os traços culturais da localidade, o modo de pensar e agir da comunidade, bem como suas práticas e regras sociais:

Agora, comparando a Feira de Viçosa com algumas feiras do norte de Minas, do Jequitinhonha, eu já vi feiras que **têm a presença mais marcante da cultura local**, não sei se um traço do norte de Minas e do Jequitinhonha. Conheço umas oito ou dez feiras, dia de sábado se organiza tudo e tal, são feiras que identifico uma manifestação cultural local, mais presente, mas talvez seja um traço de lá. E não é simplesmente você ter alguém com o violão cantando, música né? O modo de falar, as conversas, os casos estão mais presentes... você tem o comércio junto com a cultura. A Feira de Viçosa, quando comparada com essas feiras, ela tem menos. Tem uma feira no espinhaço meridional que ali pra cima da região metropolitana de Belo Horizonte, em um município chamado Jaboticatubas, que ela é uma associação que organiza, então, você tem os feirantes, pastel, garapa, hortifrúti, e produtos à venda. Tem o pessoal vendendo bordado, artesanato, e por aí vai... todo sábado tem apresentação musical que vai de 11h às 13h, um forrózinho, o pessoal da cidade, e de 8h às 10h tem oficinas ensinando utilizar produtos da feira, como uso medicinais, uso estético, cosméticos, receitas de culinária. Eu gosto muito de pequi que não tem para esse lado, é típica de cerrado, e cheguei lá e recebi uma aula de pequi de vários modos de preparo e eu, para mim, antes era só tira gosto e fazer o arroz com pequi. Então, é uma feira que carrega a tradição do conhecimento... Era uma coisa muito simples, levavam dez a vinte carteiras da escola com todo cuidado, quando tinha mais gente pegava uma caixinha de som e microfone, então termos de estrutura e equipamento não era uma coisa cara, tem feiras que conseguem juntar essa variedade de elementos: O comércio, a cultura,

---

<sup>141</sup> CERTEAU, Michel. *Op cit.*, p.142,

conhecimento e essa coisa espontânea que é as pessoas se encontrarem que é uma delícia, meninada correndo, cachorro... é tudo bom demais!<sup>142</sup>.

Ao comparar as feiras que acontecem no norte de Minas e do Jequitinhonha com a Feira de Viçosa, Fernando Conde aponta que essas feiras têm uma presença mais marcante da cultura local. O entrevistado destaca que, nas conversas, nos casos e na programação da feira é possível observar a presença forte da cultura regional, do conhecimento e do comércio. Ele também destaca a feira de Jaboticatubas em Minas Gerais, em que a presença da cultura popular também pode ser reconhecida, seja nas receitas da culinária, seja na divulgação dos ingredientes da região como o pequi, ou por meio de danças, músicas, artesanatos, enfim, traços culturais que identificam a população local, suas preferências, modo de agir e viver. Do relato de Fernando Conde também é possível ressaltar as diferentes formas de expressão da cultura, especialmente quando ele faz a comparação entre as feiras, atribuindo a diferença delas às questões regionais.

Por outro lado, Vanda do Carmo Lucas dos Santos também destaca essa marca da cultura popular na Feira de Viçosa: “A Feira também tem um ponto de vista do turismo. Eu, por exemplo, gosto de trazer pessoas de fora que vêm à minha casa para conhecer a Feira, porque é a ‘cara’ de Viçosa e região”<sup>143</sup>.

Para essa entrevistada, a Feira tem a “cara” de Viçosa e região, ou seja, existe nesse lugar práticas culturais que revelam aos visitantes a identidade dos grupos. Mesmo que não sejam muito expressivas, como destacado por Fernando Conde, a cultura local está presente, revelando-se aos visitantes pelo modo de agir, pensar e pelas preferências da comunidade. A partir da Feira podemos conhecer um pouco da cidade, seja pela música ou pelas mercadorias típicas da culinária mineira, pela forma de expressão, pelo linguajar das pessoas que circulam nesse espaço e pela troca de saberes. Por essa razão, há uma preocupação em preservar essas memórias, a fim de que não se percam as referências da identidade dos grupos.

De acordo com Michel Pollak<sup>144</sup>, a memória hegemônica é o resultado de um processo de disputa social e cultural sobre o significado do que se passa. No contexto da Feira, percebemos essa disputa pela memória coletiva, mas as referências escolhidas para designar a identidade local também atravessam esse processo. Desse modo, as memórias são pontos de

---

<sup>142</sup> Trecho da entrevista de Fernando Conde Veiga. Duração de 28min11s. Data: 04 de novembro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>143</sup> Trecho da entrevista de Vanda do Carmo Lucas dos Santos. Duração de 13min46s. Data: 30 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

<sup>144</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 3.

referência para a construção da identidade dos grupos. Por sua vez, as lembranças, enquanto fonte de memória coletiva, auxiliam e sustentam as identidades, por permitirem a narrativa de uma consciência histórica que situa o indivíduo e mantém viva a representação simbólica que constrói a identidade dos grupos.

### CAPÍTULO 3 - O COTIDIANO E O ENTRELAÇAR DE MEMÓRIAS: VIVÊNCIAS DA FEIRA LIVRE DA CIDADE DE VIÇOSA

A Feira Livre de Viçosa realiza um papel importante não só na área socioeconômica, como também na reafirmação de culturas, de modo que as experiências trocadas e vividas nesse lugar se transformam em um modo de vida, uma identidade do grupo. Nesse sentido, a Feira é considerada um ponto de encontro pelos entrevistados, indicando que não se trata apenas de trocas comerciais ou de um lugar de aglomeração de pessoas, mas também de desenvolvimento de relações sociais, troca de saberes, lazer, ação do produtor rural e prática do ofício de feirante. A Feira é um espaço por meio do qual podemos pensar a cidade de Viçosa: a cultura local, as tradições, a culinária, o que se produz e o excedente de produção da região, as pautas e reivindicações da população local, bem como as políticas públicas.

Nesse ínterim, pretendemos, neste capítulo, realizar a análise dos depoimentos das entrevistas, entrelaçando as memórias e as vivências dos participantes, assim como refletir sobre o cotidiano da Feira. A partir desses resultados, discutiremos as palavras que mais se repetiram nas respostas, por meio do método de análise de conteúdo, proposto por Laurence Bardin (2011)<sup>145</sup>.

Para o processamento dos dados, utilizamos o *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). Trata-se de um programa livre que se ancora no *software* R e que permite o processamento e análises estatísticas de textos produzidos. Foi desenvolvido por Ratinaud (2009), na língua francesa, mas atualmente possui tutoriais completos em outras línguas. De acordo com Camargo e Justo<sup>146</sup>, o *software* IRAMUTEQ possibilita diversos tipos de análise, desde a mais simples a mais complexa, organizando os dados textuais com um maior rigor estatístico e assim possibilitando categorizar as entrevistas dos participantes de acordo com a identificação de similaridades de seus relatos.

O *corpus* foi elaborado a partir da transcrição dos depoimentos de onze entrevistas. O perfil dos entrevistados foi segmentado da seguinte forma: um produtor rural e feirante, Sêrvulo Fialho Resende, que atua na Feira desde 1970; um feirante, José Francisco Vieira, conhecido por Zequinha, um dos primeiros Pasteleiros da Feira, que iniciou suas atividades na

---

<sup>145</sup> BARDIN, Laurence. *Op cit.*, p.47

<sup>146</sup> CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, [s.l.], v. 21, n. 2, 2013, p. 516. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v21n2/v21n2a16.pdf>. Acesso em: 05 set. 2020.

Feira por volta de 1970, e no início vendia frutas em sua popular Kombi azul, vindo, posteriormente, em 1978, com a mudança da Feira do estacionamento do banco Bradesco para Avenida Santa Rita de Cássia, a atuar como pasteleiro. Conhecido pelo seu carisma de feirante, Zequinha recebeu homenagens de formandos da UFV no ano de 2008. Outros dois entrevistados são servidores da Secretaria de Agropecuária e Desenvolvimento Rural da Prefeitura Municipal de Viçosa, sendo eles: Erli da Silva Felício, que oferece apoio às atividades da Feira desde a década de 1990, atuando no registro da presença dos feirantes e auxiliando nas atividades, como a guarda das barracas; e Marcos Roberto Fialho, Secretário de Agropecuária e Desenvolvimento Rural de Viçosa, entre os anos de 2013 e 2020; dois servidores da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais): Vera Lúcia Rodrigues Fialho, extensionista bem estar social II, conhecida entre os feirantes e participantes pela sua atuação junto às famílias da agricultura familiar, e Marcelino Soares, especialista em agropecuária, atuante no apoio a produção. Também foram entrevistados dois participantes envolvidos nas questões relativas à manifestação social e cultural na cidade, sendo eles: Vanda do Carmo Lucas dos Santos, técnica administrativa da Universidade Federal de Viçosa, que atuou na Diretoria do Sindicato ASAV (Associação dos Servidores Administrativos da UFV); e Rômulo Nascimento Marcolino, professor e comunicador popular. Ainda, participaram dois frequentadores da Feira: Fernando Conde Veiga, Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa, que já realizou algumas atividades acadêmicas naquele espaço; e uma frequentadora da Feira há cerca de 40 anos, que recebeu o pseudônimo de Jaci, não sendo autorizada a sua identificação nessa pesquisa. Por fim, participou também um servidor da Secretaria Municipal de Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes da Prefeitura Municipal de Viçosa, José Mário Rangel, Chefe do Departamento de Patrimônio Histórico, no período de 2016 a 2020. Os resultados serão apresentados e discutidos a seguir, com o auxílio das técnicas de classificação hierárquica descendente, análise de similitudes e nuvem de palavras.

### **3.1 O cotidiano e os diferentes olhares sobre a Feira**

A análise do *corpus* intitulado por “Memórias, vivências e o cotidiano da Feira Livre da cidade de Viçosa, MG” se dá mediante a transcrição dos depoimentos de onze entrevistas, separadas em quatrocentos e sessenta e oito ST’s (segmentos de textos), com aproveitamento de trezentos e noventa e dois ST’s, ou seja, (83,76%) do total de palavras, o qual foi equiparado por meio de classificações hierárquicas descendentes de segmentos de texto de

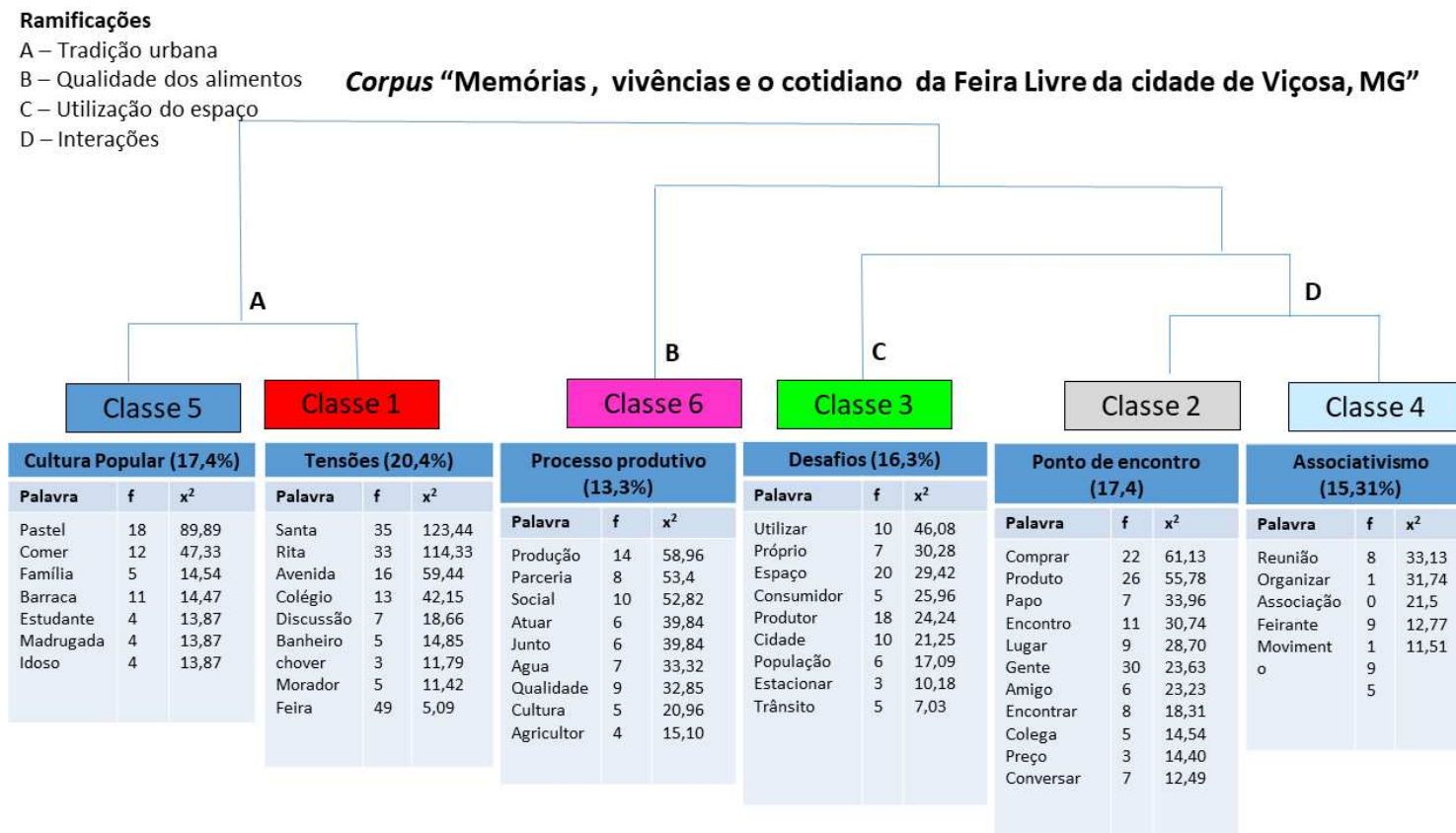
tamanhos diferentes, indicando o grau de semelhança no vocabulário dos seis temas resultantes. Emergiram 16.655 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 1930 palavras distintas e 899 com uma única ocorrência.

O conteúdo analisado foi categorizado em seis classes, sendo: Classe 1, com oitenta ST's (20,4%); Classe 2, com sessenta e oito ST's (17,4%); Classe 3, com sessenta e quatro ST's (16,3%); Classe 4, com sessenta ST's (15,3%); e Classe 5, com sessenta e oito ST's (17,4%). As classes se encontram divididas em quatro ramificações (A, B, C e D). A associação da palavra com a classe foi evidenciada pelo Qui Quadrado ( $X^2$ ), que, de acordo com Dancey e Reidy<sup>147</sup>, testa uma hipótese nula de que determinada palavra não tem relação com uma determinada classe. Se o p-valor for maior que o nível de significância ( $\alpha=0,05$ ), aceita-se tal hipótese. Nesse sentido, considerou-se somente o  $X^2 > 3,80$  e p-valor  $< 0,05$ .

---

<sup>147</sup> DANCEY, C. P.; REIDY, J. **Estatística Sem Matemática para Psicologia: Usando SPSS para Windows**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 152

Figura 29 - Dendrograma representativo das repartições em classes, porcentagem, frequência das palavras e Qui-quadrado do *corpus* “Memórias, vivências e o cotidiano da Feira Livre da cidade de Viçosa, MG”



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A partir do “*corpus*” gerado pelo IRAMUTEQ, foi possível nomear as quatro ramificações e as seis classes com base nas respostas que foram associadas a cada uma delas. A apresentação dos resultados está conforme a ordem e a divisão que emergiram após o processamento das entrevistas, buscando respeitar a classificação hierárquica descendente realizada com o apoio do *software*.

### **3.1.1 A memória coletiva em disputa: identidade, pertencimento e resistência**

A ramificação A, denominada “Tradição Urbana”, que explica 41,8% do total do *corpus* textual, é composta pela Classe 1 nomeada por “Tensões” e pela Classe 5, intitulada “Cultura popular”, com 20,4% e 17,4% de explicação do total do *corpus*, respectivamente. Essa ramificação emerge como foco principal para apresentação do cotidiano dos feirantes, das memórias e das vivências dos entrevistados a respeito da Feira. Iniciaremos a análise pela Classe 1, da ramificação (A), nomeada por “Tensões”, que trata das mudanças de locais de funcionamento da Feira e contém as percepções dos entrevistados quanto à disputa de espaço, reivindicações, tensões e melhorias. Nessa classe, as palavras que tiveram mais frequência e apresentaram associações entre si foram: “Avenida”, “Santa”, “Rita”, “Colégio”, “discussão”, “banheiro”, “chover”, “morador” e “Feira”.

Conforme abordado no Capítulo 1, a Feira Livre de Viçosa nasceu em 1967, na Praça Silviano Brandão, se deslocando posteriormente por diversos lugares da cidade. Entre eles, os entrevistados destacaram a Avenida Santa Rita de Cássia. As palavras destacadas no Dendrograma da classe 1, “Avenida”, “Santa” e “Rita”, demonstram o saudosismo dos entrevistados, da época que a Feira funcionava na Avenida Santa Rita, ao passo em que as palavras “Colégio” e “discussão” já trazem as marcas da tensão e dos conflitos da alteração do local da Feira para as costas do Colégio de Viçosa.

A Avenida Santa Rita foi o local onde a Feira permaneceu por mais tempo, trinta anos. Foi lá que a Feira se desenvolveu e o movimento ganhou força. As lembranças da realização da Feira nesse local são ditas em tom de saudade pelos participantes e, até hoje, há aqueles que lamentam a retirada do comércio daquele endereço, enquanto há outros que acreditam que houve melhorias com o deslocamento da Feira para a proximidade do Colégio de Viçosa.

Três momentos de forte tensão de mudança de local da Feira podem ser observados nas falas dos entrevistados, sendo eles a saída da Feira da Praça Silviano Brandão, seu local de origem, a saída da Feira da Avenida Santa Rita de Cássia, onde permaneceu por mais

tempo, ou seja, 30 anos, e a ressignificação da Feira no centro da cidade com a abertura da Feira Noturna na Praça Hervé Cordovil, conhecida popularmente por Praça da Estação.

Vera Lúcia, Extensionista bem estar Social II da EMATER, fala sobre as tensões do período de mudança da Feira da Avenida Santa Rita de Cássia para o Colégio de Viçosa:

Me lembro de uma reunião. Chamaram todos os feirantes e o CMDRS (Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável), aí o Secretário de Agricultura da época apresentou o projeto, explicou o porquê, falou da estrutura e ali teve uma eleição, e **ganhou para mudar a Feira, mas teve gente que foi contra**<sup>148</sup>.

Como relatado por Vera Lúcia, pela ocasião da mudança do local da Feira, foram várias as negociações e conflitos enfrentados. Apesar de a votação ter sido a favor, não foi uma aprovação unânime entre os feirantes. A notícia de capa da edição do *Jornal Folha da Mata de Viçosa*, de 29 de maio de 2009, retrata as manifestações dos feirantes contra a mudança. Esse segmento de texto nos remete aos registros da imprensa local:

Crescem as manifestações de feirantes em favor da permanência da Feira Livre na Avenida Santa Rita. A opinião não é unânime, mas reflete a posição da diretoria e alguns membros da Associação de Feirantes de Viçosa e região, que na tarde de ontem, quinta-feira, procurou a defensoria pública do município no Fórum Presidente Arthur Bernardes, para buscar alguma forma de apoio legal que impeça a mudança da feira para o espaço preparado pela Prefeitura na rua entre o Colégio de Viçosa e o Fórum. Entre as argumentações apresentadas pela associação está a de que a Feira já é uma tradição incorporada pela Avenida Santa Rita e na remoção dali, vai prejudicar tanto os feirantes quanto a população que ali comparece aos sábados<sup>149</sup>.

No trecho da entrevista de Sérvulo Fialho Resende, produtor rural e feirante, vemos a dificuldade enfrentada pela Feira nesse processo de territorialidade. Sérvulo acompanha a Feira Livre de Viçosa há quarenta e cinco anos, desde o seu lugar de origem, a Praça Silviano Brandão, e relata que a partir dali a Feira ocupou vários outros locais na cidade, cuja discussão foi cercada pela disputa dos espaços e relações de poder:

Na praça tinha muitos conflitos, eram as festas na praça, os velórios da igreja... então reclamavam com a Prefeitura e tiveram que nos tirar de lá. Aí

---

<sup>148</sup> Trecho da entrevista de Vera Lúcia Rodrigues Fialho, Extensionista bem estar Social II da EMATER. Duração de 46min57s. Data: 09 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>149</sup> FOLHA DA MATA. Edição número 2100 de 29 de maio de 2009. Ano XLVI. P. 01. Destacamos que esse trecho compôs parte da matéria de capa da edição.

nos passaram para a praça da Prefeitura, a praça do Rosário, ficamos pouco tempo lá, aí nos passaram para perto do Bradesco, começaram a reclamar do trânsito e nos jogaram na Santa Rita, onde ficamos por 30 anos. No Bairro de Lourdes tentamos fazer uma feira itinerante, em frente à cooperativa (hoje é o posto de gasolina)... funcionava nas terças-feiras pela manhã, [mas] não durou nem 2 meses. Nessa época a Feira Livre ainda funcionava na Praça Silviano Brandão<sup>150</sup>.

Os conflitos e as relações de poder perpassam as relações de territorialidade. No trecho da entrevista, Sérvulo destaca que ora a igreja, ora o trânsito, ora as festas na praça entravam em disputa de espaço com a Feira. Mais tarde, o mercado imobiliário e as práticas de higienização da cidade passaram também a disputar esse espaço com os feirantes e assim houve a continuidade do deslocamento do evento pela cidade. É importante pensarmos que os territórios podem ser criados e desfazerem-se, muitas vezes, sem nem chegar a deixar marcas na paisagem. Vários foram os lugares destacados por Sérvulo por onde a Feira passou, porém, nem todos são lembrados pelas pessoas, ou há neles marcas do tempo do funcionamento Feira.

Marcos Roberto Fialho<sup>151</sup>, Secretário Municipal de Agropecuária e Desenvolvimento Rural da cidade de Viçosa, lembra-se da Feira na Avenida Santa Rita de Cássia e em seguida ao redor do Colégio de Viçosa. O participante destaca a importância do seu desdobramento e extensão para o centro da cidade nos dias de quarta-feira e as melhorias nas condições de trabalho dos feirantes:

Me lembro da Feira na avenida Santa Rita, depois veio para as proximidades do Colégio de Viçosa **e em seguida se estendeu em outra feira**. [...] Houve uma questão de organização da cidade. Tenho uma visão hoje, que houve uma mudança em relação à cidade em si, e também dos feirantes, pois eles eram deixados sem condição de higienização pessoal e de seus produtos. **Hoje eles têm locais adequados**. A própria população era afetada pelo trânsito da cidade, pois a rua utilizada dava acesso direto à UFV... houve uma organização da cidade, e um ganho tanto para a população quanto para o feirante com essa mudança para o Colégio de Viçosa<sup>152</sup>.

Apesar dos conflitos, Marcos Roberto afirma que houve melhorias na mudança da Feira da Avenida Santa Rita de Cássia para o Colégio de Viçosa, tanto na organização da

---

<sup>150</sup> Trecho da entrevista de Sérvulo Fialho Resende. Duração de 26min54s. Data: 02 de novembro de 2019. Viçosa, MG.

<sup>151</sup> Marcos Roberto Fialho atuou como Secretário de Agropecuária e Desenvolvimento Rural de Viçosa entre os anos de 2013 e 2020.

<sup>152</sup> Trecho da entrevista de Marcos Roberto Fialho, Secretário Municipal de Agropecuária e Desenvolvimento Rural. Duração de 53min 17s. Data: 07 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

cidade e do trânsito, quanto nas condições de trabalho dos feirantes. Na estrutura às costas do Colégio de Viçosa, os feirantes contam com espaço para guardar suas barracas, estacionamento, banheiros, coreto para apresentações culturais e praça de alimentação. Na Avenida Santa Rita de Cássia, os feirantes alugavam garagens para guardar suas barracas, o estacionamento era confuso e não havia banheiros e local para lavar as mãos, tendo os feirantes que contar com o apoio dos moradores da região.

Essa narrativa de “melhorias” apresentadas por Marcos Roberto Fialho é contraditória à narrativa de “tensões” apresentada pelos feirantes. Nesse sentido, Zequinha discorda da mudança, afirmando que a Feira não deveria ter saído da Avenida Santa Rita de Cássia: “a Feira não podia ter mudado dali, ‘sacanagem’, tinha umas pessoas que tinham uns imóveis ali, queriam que saísse, porque com a Feira lá, aquilo lá não tinha valor nenhum, aquelas **barracas enfeiavam a avenida**”<sup>153</sup>. Na opinião de Zequinha, a retirada da Feira da Avenida Santa Rita representou uma ação do poder público de execução de políticas de higienização da cidade para valorizar a área central, já que a referida avenida se trata de uma das principais vias de acesso à UFV e que era preciso promover a valorização de terrenos, imóveis, enfim atender uma demanda do mercado imobiliário.

Conforme analisa Nayana Corrêa Bonamichi, as formas tradicionais de conceber a cidade resultam em práticas de preocupação com embelezamento, a racionalização e a higienização:

A provável retirada da Feira Livre da avenida Santa Rita significa promover a retirada do diverso, varrer e homogeneizar a área como uma forma de potencializar a reprodução mais rápida do capital através da valorização imobiliária local. A retirada pode ainda significar uma extensão do processo de segregação sócio-espacial ao lugar público, dado pela capacidade de influência política das altas classes sociais, e pelo caráter empreendedor com que hoje o Estado vê e age sobre o espaço urbano em constituição<sup>154</sup>.

Considerado por alguns uma melhoria na estrutura da Feira e por outros uma tentativa de homogeneizar a área central da cidade, o funcionamento da Feira Livre de Viçosa foi transferido, no ano de 2010, para a parte de trás do Colégio de Viçosa, pelo então Prefeito da época Raimundo Nonato Cardoso. Porém, a chegada da Feira provoca alterações na paisagem e no ritmo de tempos do local, até então cercado por prédios públicos.

---

<sup>153</sup> Trecho da entrevista de José Francisco Vieira (Zequinha). Duração de 31min33s. Data: 16 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>154</sup> BONAMICHI, Nayana Corrêa. *Op cit.*, p. 11.

Nesse sentido, discutiremos os vários ritmos de tempo que ocorrem nesse espaço público em questão, o cotidiano da vida administrativa nos dias de semana e aos sábados com a realização da Feira. Os traços da alteração dessa paisagem cultural podem ser observados pelas memórias registradas pela entrevistada com pseudônimo de Jaci:

Eu abro a janela da minha cozinha eu vejo a Feira, porque moro em um prédio alto e aí vejo que já estão as barracas armadas bem cedinho, e vejo uma mudança considerável nos dias de semana, [pois] aquele local ali fica todo com estacionamento de carros, e no dia de sábado é um fervilhar de gente, conversas, tem flores, frutas, legumes, verduras, muitas pessoas... então, dá impressão que no sábado aquele espaço tem mais vida, a gente percebe uma modificação do espaço em função do que se faz ali, a gente percebe que a apropriação daquele espaço são com pessoas que no dia a dia, de segunda a sexta não passam por ali, ou acredito que não passam, e quando chega os sábados aqueles espaço é apropriado pelas pessoas, pelos feirantes. Eles se apropriam daquele espaço de uma maneira diferente e a gente percebe que é uma maneira muito prazerosa... a gente ouve as pessoas sorrirem, as pessoas se abraçarem, perguntam quanto é o produto, pedem desconto, se eu for levar 3 (três) dá para fazer por quanto? Quando a gente faz um paralelo entre o sábado e os dias de semana, parece que durante a semana está parado, apesar de ter muito movimento. Mas é um movimento diferente, não igual aos sábados quando tem a Feira<sup>155</sup>.

Jaci relata participar da Feira Livre de Viçosa há aproximadamente quarenta anos. A entrevistada conheceu a Feira já funcionando na Avenida Santa de Cássia. Freqüentadora assídua, a participante retrata seu olhar sobre a paisagem avistando-a pela janela de sua cozinha, destacando as mudanças que acontecem no lugar da Feira entre os dias da semana, quando funciona ali o Centro Administrativo da Prefeitura Municipal de Viçosa, o Convênio de Saúde do Município e o Fórum da cidade, e as alterações e contrastes da paisagem com a instalação da Feira aos sábados.

Nesse âmbito, é importante observar que não só as alterações visuais do lugar chamam a atenção da entrevistada, como também o barulho, o movimento das pessoas, o colorido das barracas, as relações de sociabilidades entre os participantes e feirantes, etc. Jaci, ao destacar a apropriação do espaço pelos feirantes, relata a transformação que o lugar sofre, tornando-o afetivo, cheio de vida, pois, de acordo com ela, os feirantes ocupam o espaço de maneira prazerosa. O local, durante a semana, é muito movimentado, afinal funcionam ali diversos órgãos públicos que prestam serviço à comunidade viçosense, mas, apesar do movimento que essas instituições provocam, ao instalar as barracas da Feira nas madrugadas de sábado, os moradores logo percebem as alterações visuais, o barulho das barracas, conversas, o cheiro do

---

<sup>155</sup> Trecho da entrevista de Jaci (pseudônimo). Duração de 19min14s. Data: 29 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

pastel e a resignificação daquela paisagem. Todos esses símbolos transformam aquele lugar trazendo um sentido afetivo que é carregado de significado para quem frequenta aquele lugar.

No Dendrograma da classe 1 observamos o destaque para a palavra “Colégio”, do qual podemos inferir que tal palavra se relaciona com a transformação do local aos sábados, quando a Feira passa a acontecer às costas do referido edifício - momento em que o cotidiano dos feirantes, o calor humano que a Feira traz aos dias de sábado nesse local e as dificuldades enfrentadas pelos feirantes e participantes, com a falta de uma estrutura física adequada para a realização da Feira, marcam a paisagem desse lugar. Ainda, enquanto evento de utilidade pública, aberto ao público, a Feira atrai também pessoas de diferentes classes sociais e interesses diversos.

O contraste entre o cotidiano do local nos dias de semana e os dias de Feira relatado por Jaci pode ser observado nas Figuras 30 e 31, que retratam um pouco do que foi mencionado pelos entrevistados quando enfatizam que a Feira transforma o local trazendo vida e afetividade para um espaço que, durante a semana, possui uma rotina essencialmente administrativa.

Figura 30 - Registro da movimentação do horário comercial durante a semana, típica do local onde é realizado a Feira Livre de Viçosa aos sábados, às costas do Colégio de Viçosa



Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 31 - Vista da avenida principal onde são instaladas as barracas da Feira Livre de Viçosa em um dia típico da semana, em horário comercial



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Como relatado por Jaci, as Figuras 30 e 31 demonstram a movimentação dos dias úteis e funcionamento dos órgãos públicos. Por meio delas, podemos perceber o estacionamento de carros, o movimento de ambulâncias e uma circulação pequena de pessoas - características que marcam a paisagem do local nos dias da semana, expressando um cotidiano administrativo. Observemos, agora, nas Figuras 32 e 33, a transformação.

Figura 32 - Dia de Feira Livre ao redor do Colégio de Viçosa



Fonte: Acervo pessoal da autora (2009).

Figura 33 - Movimento de pessoas durante um dia sábado na Feira Livre, próximo ao Colégio de Viçosa



Fonte: Página Museu Virtual de Viçosa no *Facebook*<sup>156</sup>.

As Figuras acima expressam um pouco da paisagem que Jaci descreve, com o colorido das barracas e a aglomeração de pessoas. Todas essas alterações dão ao lugar um novo significado nos dias de Feira Livre. As pessoas se apropriam do espaço e deixam suas marcas, seja pela alegria de encontrar os amigos ou pela preferência pelos produtos frescos e baratos, dada a concorrência dos feirantes na disputa pelo cliente. A paisagem humana destaca o cotidiano de pessoas comuns na cidade em um sábado pela manhã, que seguem com suas sacolas de compras, à procura de produtos atraentes, encontrando com conhecidos e amigos.

O que transparece no trecho da entrevista de Jaci são memórias de um lugar imaginado pela sua vista da janela da cozinha e vivenciado nas suas idas à Feira. Essas memórias demonstram sua proximidade e intimidade com a paisagem descrita, e são construídas por Jaci por meio da narrativa e da lembrança.

Fernando Conde, por sua vez, também aponta aspectos particulares. Vejamos:

Eu acho fantástico a alteração da paisagem do local nos sábados, porque traz uma **dimensão do ritmo do espaço**. Você tem vários ritmos ocorrendo no mesmo espaço, você tem o horário comercial definindo o ritmo da semana... eu vou pouquíssimo ali durante a semana, só quando tenho algo para resolver relativo a serviços públicos, então, não tenho convívio ali, mas imagino que seja muito definido e não sei se dá para chamar de centralidade. Vamos ver como irá ficar os debates do planejamento urbano, com o plano

<sup>156</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/groups/museuvirtualvicosa/?post\\_id=595953557093067](https://www.facebook.com/groups/museuvirtualvicosa/?post_id=595953557093067). Acesso em: 01 jul. 2020.

diretor, mas você tem um ritmo durante a semana, e no sábado você tem a possibilidade de alterar esse ritmo em função do serviço público, mas com uma coisa de utilidade pública, porque a Feira tem essa característica: são pessoas vendendo coisas, mas você consegue reconhecer o espaço público, um espaço de encontro. Eu estou há pouco tempo em Viçosa, mas vou lá, encontro gente, converso, bato papo, a criançada grita, brinca e chora.... [tem] casal, velho, tem de tudo, e isso acho muito vivo, bonito, para mim dá uma outra vida. Porque a vida administrativa durante a semana também é importante, enfim da Prefeitura desse conjunto, mas na Feira você tem outro ritmo, outro jeito de andar, outro jeito de sorrir. (...) e é muito interessante, porque tem uma dimensão material do sujeito se fixar ali, tanto que depois que o sujeito sai de lá, as marcas dele estão lá, [como] o risco da barraca... Mas o território também tem essa dimensão imaterial, então, para se pensar o espaço é muito bacana<sup>157</sup>.

Percebe-se que tanto Jaci quanto Fernando Conde observam uma ressignificação do espaço geográfico ocupado pela Feira aos sábados. Essa ressignificação é marcada pela aglomeração das pessoas, trocas de saberes, amizades, brincadeiras e sorrisos. Observamos, aqui, que Fernando Conde destaca a territorialidade do espaço, em que os feirantes e os fregueses ocupam o espaço e deixam suas marcas físicas e simbólicas, como exemplo, os traços da barraca no chão. Esses aspectos vão formando a identidade dos grupos, seja pelos aspectos culturais, seja pelos valores que compartilham. O entrevistado também destaca os ritmos de tempo do espaço e as alterações que a Feira provoca no espaço. A marcação da palavra “Feira” no Dendrograma da classe 1 se relaciona com esses ritmos de tempos do local.

Sérvulo Fialho Resende, por seu turno, relata sobre os problemas e dificuldades encontrados nas instalações da Feira às costas do Colégio de Viçosa:

Aqui no Colégio de Viçosa não está ruim, mas faltam barracas... chove, enche de terra... Da de quarta-feira, eu não quis participar, porque tenho que cuidar da plantação. Estou sozinho, só eu e minha esposa, mas o pessoal fala que lá vende bem<sup>158</sup>.

No Dendrograma da classe 1 se destaca a palavra “chover”, que está relacionada à estrutura física do espaço utilizado pela Feira. A falta de estrutura para captação da água da chuva é uma das dificuldades vivenciadas pelos feirantes e pelo público.

---

<sup>157</sup> Trecho da entrevista de Fernando Conde Veiga. Duração de 28min11s. Data: 04 de novembro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>158</sup> Trecho da entrevista de Sérvulo Fialho Resende. Duração de 26min54s. Data: 02 de novembro de 2019. Viçosa, MG.

Na Figura 34 podemos verificar um registro fotográfico do local da Feira em dias de chuva, como dito por Sérvulo. Com a água, a rua enche de terra e dificulta o deslocamento das pessoas pela Feira:

Figura 34 - Sábado de Feira Livre em Viçosa, após chuva



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Sobre a estrutura e utilização dos banheiros da Feira, Zequinha diz: “A estrutura de banheiro lá é boa, o problema lá é a cocaína, preservativo, a maior parte da galera ia lá para usar droga no banheiro”<sup>159</sup>. Erli da Silva Felício, no entanto, fala sobre o esforço dos feirantes para manter os banheiros limpos e organizados a fim de atender o público: “os banheiros funcionam na praça de alimentação, os mesmos dos pasteleiros, o banheiro é aberto ao público, o pessoal da praça paga uma menina para limpar durante a Feira”<sup>160</sup>. A palavra “banheiro” também aparece no Dendrograma da classe 1, e podemos compreender a partir dela que existe uma preocupação dos entrevistados com a limpeza do banheiro e vigilância. Ele é, portanto, um espaço importante para os feirantes, pois o utilizam para higiene pessoal e, principalmente, para higienização das mãos. Esse local não existia quando a Feira estava instalada na Avenida Santa Rita, tendo os comerciantes que contar com a ajuda dos moradores daquele logradouro para higienizar as mãos.

<sup>159</sup> Trecho da entrevista de José Francisco Vieira (Zequinha). Duração de 31min33s. Data: 16 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

<sup>160</sup> Trecho da entrevista de Erli da Silva Felício, Servidor Municipal da Secretaria de Agropecuária e Desenvolvimento Rural de Viçosa, MG. Duração de 12min25s. Data: 10 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

Mas cumpre lembrar, entretanto, que entre os moradores da Avenida Santa Rita o apoio à realização da Feira não era unânime. Havia aqueles que auxiliavam os feirantes, oferecendo água, banheiros, aluguel de garagem para guardar barracas, ao passo em que também existiam outros que reclamavam do barulho, do trânsito, do lixo, da dificuldade de tirar o carro da garagem nos dias de Feira, evidenciando que conflitos sempre existiram. A palavra “morador” aparece no Dendrogramas da classe 1, demonstrando a solidariedade entre os moradores e feirantes, mas também reforçando as tensões e os conflitos.

Em 2017, novos desafios foram enfrentados pelos feirantes com a abertura da Feira Livre no centro da cidade, agora como Feira noturna. Vera Lúcia conta sobre as dificuldades para implementar a Feira Noturna às quartas-feiras: “já havia uma proposta da prefeitura de uma feira na quarta-feira, eles estavam resolvendo os aspectos legais, porque simplesmente não pode chegar e colocar, e **imagina que desafio que não foi implementar uma Feira naquela localidade ali?**”<sup>161</sup>.

Por se tratar de uma região central, a praça da estação é um lugar especial para os feirantes, mas não foi fácil conseguir instalar a Feira ali, pois moradores dos edifícios da redondeza reclamaram que poderia gerar barulho e atrapalhar o trânsito. Até os dias de hoje, data de confecção desta pesquisa, o funcionamento da Feira nessa localização é pauta de discussão e sua mudança de local já havia sido anunciada pelo Prefeito de Viçosa Ângelo Chequer, em agosto de 2019.

No entanto, as tensões em relação à Feira ultrapassam a disputa pelo espaço físico, pois, mesmo que de forma implícita, essa disputa também se estende também entre os feirantes. Observamos que existem grupos diversos de feirantes, sejam eles: os produtores rurais, que vendem somente o que produzem; os produtores rurais que vendem outros produtos, além dos que produzem; os feirantes que não são produtores e vendem hortifrúti de origem da produção da região e/ou do CEASA; os feirantes que ora são produtores, ora apenas comerciantes e vendem produtos agroecológicos e/ou certificados; aqueles que vendem produtos industrializados de produção própria; e aqueles que vendem eletrônicos, roupas e diversas mercadorias.

São, portanto, atores sociais de identidades diferentes, que dividem o espaço e o utilizam de forma singular. Nesse contexto, observamos nas idas à Feira diferentes narrativas como a sobre o cliente que “bate o olho” no produto e sabe que ele é agroecológico, orgânico,

---

<sup>161</sup> Trecho da entrevista de Vera Lúcia Rodrigues Fialho, Extensionista bem estar Social II da EMATER. Duração de 46min57s. Data: 09 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

produzido localmente. Essa narrativa é repetida pelos diversos produtores rurais que são feirantes na tentativa de valorizar suas mercadorias e de diferenciar os produtos que são da agricultura familiar dos que não são. Também, nesse mesmo sentido de disputa interna, podemos observar opiniões contrárias à participação na Feira dos feirantes que vendem eletrônicos, roupas e acessórios, e produtos do CEASA. É comum se ouvir narrativas de que esse espaço não deveria ser destinado a eles, mas apenas à venda de hortifrúti de produtores rurais ou de origem da região. Porém, há aqueles que defendem que esses comerciantes de eletrônicos, diversos e CEASA são apenas reflexos da economia e do desemprego instalado no país. Essas pessoas procuram um espaço onde possam fazer negócios e gerar suas rendas, e, sendo a Feira um espaço de utilidade pública, muitos encontram nela essa oportunidade.

A Classe 5, da ramificação (A), o tema de “Cultura popular” representa 17,4% do *corpus* textual, traz as discussões que compreendem as tradições e demonstra um pouco do cotidiano da Feira. Alguns dos segmentos de textos destacados permitem identificar essa realidade: “pastel”, “comer”, “família”, “barraca”, “estudante”, “madrugada” e “idoso”.

Sérvulo Fialho Resende, com entusiasmo, fala sobre a tradição familiar: “Minha **família** toda é feirante, meu irmão, meus filhos e esposa ajudam; é **tradição de família**, [pois] toda vida fomos criados lá na roça”<sup>162</sup>. O sentimento de pertencimento, expressado durante a entrevista, veio acompanhado de sorrisos, indicando satisfação do produtor rural e feirante em participar da Feira. A palavra “família”, destacada no Dendrograma da classe 5, sugere essa instituição como um dos pilares que sustentou a Feira ao longo do tempo, representando a forma com que se organizam no trabalho, a agricultura familiar e a tradição.

Sérvulo conta que realiza a colheita de suas mercadorias no fim da tarde de sexta-feira e tem orgulho de anunciar aos seus clientes da Feira que o produto foi colhido no dia anterior, como um sinal de qualidade. Durante a semana, Sérvulo dedica-se à produção das mercadorias. No sábado, chega à Feira às 3 horas da manhã, monta sua barraca, e inicia suas vendas. Assim é o cotidiano da maioria dos feirantes: às 3 horas da manhã, as barracas de pastel já estão funcionando, pois os estudantes, ao voltarem das festas, visitam a Feira para comer pastel e tomar o caldo de cana para “curar a ressaca”. As palavras “estudantes”, “madrugada”, “pastel” e “comer”, destacadas no Dendrograma da classe 5, nos permitem inferir a forte tradição de comer o pastel após as festas. Nessa hora também já começam a

---

<sup>162</sup> Trecho da entrevista de Sérvulo Fialho Resende. Duração de 26min54s. Data: 02 de novembro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

chegar as caminhonetes e caminhões, muitas vezes fretados por grupos de feirantes que se juntam e dividem o valor do frete, para transportar as mercadorias.

Muitos são os feirantes que, a caminho da Feira, vêm vendendo seus produtos pelo trajeto nas roças, nas mercearias de bairro, e, assim, já iniciam a negociação das mercadorias. Após o início da montagem das barracas, o espaço vai ficando colorido, pois nas bancadas os feirantes organizam as mercadorias. Logo, caminhando pela Feira, o freguês já avista as verduras e os legumes frescos e coloridos. O local vai se transformando ao longo da manhã.

Durante a Feira, observamos grupos de produtores se reunindo, conversando, e trocando experiências de plantio. As mulheres feirantes marcam a paisagem da Feira, muitas vezes, à frente do atendimento da barraca, ensinando receitas, falando do horário em que o produto foi colhido, quando foi plantado, ou molhando as folhagens para mantê-las frescas. Além disso, os comerciantes são solidários entre si na hora do troco do cliente, pois um feirante sempre troca dinheiro para o outro. Nesse ínterim, também é possível observar barracas que oferecem a opção de pagamento em cartão.

Os clientes andam pela Feira pedindo desconto, enchem as sacolas e marcam de se encontrar com o feirante na próxima semana. Entre os intervalos, conversam com amigos, recebem e oferecem um abraço, e assim seguem a visita às múltiplas barracas. Muitas vezes, observamos que os clientes pedem desconto pelo simples prazer de pedir, mesmo sabendo que o feirante não irá negociar; essa é uma estratégia para iniciar um “bate papo” com os feirantes. Em uma barraca de bananas, por exemplo, observamos muito essa situação, já que vários clientes pedem desconto, ao que a feirante sempre responde: “Minha banana tem muita qualidade, vocês sabem disso, e o preço já está baixo!”. Em seguida, a conversa se desenrola, e na próxima semana voltam os mesmos clientes, pedindo outra vez o desconto e ouvindo da dona da barraca o mesmo discurso. Assim, o que se observa, é que com essa desculpa de pedir desconto, comerciantes e fregueses constroem laços afetivos entre si.

Entre 10 e 11 horas da manhã já se inicia a retirada das barracas. Nesse momento, um feirante ajuda o outro a desmontar as ferragens, trocam entre si as sobras, e doam mercadorias para muitas pessoas carentes que ficam em volta esperando o final do expediente. Por volta das 11 horas, o lixo já marca a paisagem do local, e por volta de 12 horas chegam os colaboradores do SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto) para limpeza. Logo, o local é limpo e volta a ser um ponto administrativo, mas as marcas de barracas continuam no chão, lembrando que no próximo sábado é dia de Feira.

A palavra “barraca” no Dendrograma da classe 5 refere-se ao cotidiano do ofício de feirante, que todos os sábados arma sua barraca, expõe seus produtos e realiza suas vendas

com muito talento. O pasteleiro Zequinha conta como fazia para atrair a simpatia da freguesia: “Mais era minhas brincadeiras, o cara pedia pastel de carne eu dizia para ele ‘Aqui não é açougue não’, e toda vida trabalhei com muito respeito, brincava, mas sem falar palavrão... então, eu tinha esse jeito de mexer”<sup>163</sup>. O feirante Zequinha é lembrado pelos participantes e feirantes pelo seu carisma com os clientes. Apesar de hoje não ser mais um feirante ativo, foi um dos primeiros pasteleiros da Feira. Suas brincadeiras e alegria atraíam a atenção dos estudantes, das crianças e das famílias, pois não havia quem passasse por ali e não se divertisse com o Pasteleiro. O trato da freguesia sempre foi o diferencial desse conhecido personagem.

Observamos na Feira as práticas de outros comerciantes que, como Zequinha, têm o poder de encantar a freguesia. Há, inclusive, até aqueles que no dia de seu aniversário anunciam à freguesia tiradas como: “Hoje é meu aniversário, façam as suas compras aqui para me ajudar a fazer um churrasco!”. E as pessoas realmente dão preferência para a barraca do feirante, quer esteja ele aniversariando realmente ou não. Esse trato diferenciado da clientela atrai o público, e as pessoas se divertem.

Muitos foram os feirantes lembrados pelos participantes durante as entrevistas, destacando a qualidade de seus produtos, a amizade e o trato com a freguesia, entre eles: Sérgio Pinheiro, com a venda de seu palmito; Nei, com os defumados; os floristas; o senhor que trabalha com a venda de diversos feijões, conhecido popularmente por Sr. “Tem Tem”; os produtos Raízes da Mata; a barraca de queijos; o feirante conhecido por “Mamão”; o biscoito papa ovo de Porto Firme; e o pastel do Zequinha. Nesse cenário, é interessante observar a forma com que as pessoas identificaram esses personagens, que é com muita intimidade, pois uns são tratados pelo nome ou apelido, como Zequinha, Sérgio Pinheiro, “Mamão”, “Sr. Tem Tem”, Nei, enquanto outros são identificados pelos seus produtos. Dessa forma, podemos perceber que há entre os fregueses e os feirantes uma relação de amizade, admiração pelo ofício de feirante, e preferência pelos produtos. Sejam eles produtores rurais, comerciantes, vendedores informais, o que constrói a identidade do grupo é o que eles têm em comum - nesse caso o ofício de feirante, ou seja, aqueles que negociam, vendem na Feira.

Rômulo Nascimento Marcolino destaca a dedicação dos feirantes com o ofício, que é, muitas vezes, um legado do pai ou da mãe, bem como a perseverança dos feirantes em continuar com a Feira, mesmo com as mudanças de lugares:

---

<sup>163</sup> Trecho da entrevista de José Francisco Vieira (Zequinha). Duração de 31min33s. Data: 16 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

Sobre a questão da **resistência** é importante ressaltar como os produtores permanecem, mesmo com as mudanças de lugares, às vezes satisfeitos, outras insatisfeitos, mas continuam levando pela manhã seus produtos, montando as barracas, e isso é muito positivo e reforça que, independente da disputa que aconteça, as pessoas estão dispostas a trabalhar para manter suas despesas, sua renda. E acredito até que não só pela questão da renda, mas pela questão da efetividade do **pai e da mãe que eram feirantes e aí passou aos filhos** que não querem abandonar a **tradição familiar**<sup>164</sup>.

Observamos no trecho da entrevista de Rômulo que a palavra resistência marca uma característica forte dos feirantes. Ela representa a determinação, a perseverança e o espírito de luta desses profissionais que levaram a Feira a atravessar décadas no tempo, apesar das constantes disputas de espaço. Podemos associar nesse segmento de texto a expressão resistência, junto com a palavra “família”, que são relacionadas no Dendrograma da classe 5. As famílias dos feirantes resistem às mudanças e continuam a oferecer seus produtos; enquanto isso, as famílias viçosenses permanecem fiéis na compra e valorização dos alimentos frescos e com preços baixos oferecidos na Feira.

Essa resistência marca a luta por desenvolvimento de políticas públicas que facilitem o acesso da comunidade aos produtos da agricultura familiar, bem como a retenção de dinheiro no território, proporcionando aos produtores da região oportunidade de ofertar seus produtos. Ademais, busca oferecer às pessoas qualidade de vida com a oferta de alimentos frescos e orgânicos para a população urbana e trabalho para o homem do campo. Essa resistência alcança pautas como a defesa da disponibilização de espaços públicos na cidade para o lazer, encontros e ações culturais.

Enquanto tradição urbana, a Feira é marcada pela participação de um público diverso, com crianças, adultos, porém, destaca-se a presença dos idosos, que utilizam do lugar para encontros, conversas, passeio e lazer. Nesse sentido, Vera Lúcia Rodrigues Fialho, emocionada, conta sobre sua experiência de observar uma idosa na Feira acompanhada de seu filho, e reconhece o evento como patrimônio imaterial da cidade, pois, para ela, a Feira possui uma forma singular de atrair e aglomerar as pessoas de diferentes idades e diversas classes sociais, de despertar a afetividade, além de promover o encontro das pessoas da família:

Acho que a feira representa um **patrimônio imaterial da cidade**. Vi uma situação que fiquei encantada: tem um senhor que tem uma mãe idosa e não

---

<sup>164</sup> Trecho da entrevista de Rômulo Nascimento Marcolino. Duração de 35min2s. Data: 29 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

anda, e ela sempre gostou de ir a Feira. O senhor, então, adaptou uma bicicleta tipo com uma cadeira e todo sábado vai à Feira com a mãe dele e passeia no meio do povo, e ela, toda feliz, Quando vi emocionei, porque tinha visto no jornal mostrando, ela toda feliz passeando. Por ai você já vê que é um **Patrimônio**, eu que sou daqui encontro com amigos, aqueles laços de amizades, contemporâneos, colegas de Viçosa, sempre **é um ponto de encontro**<sup>165</sup>.

Vera Lúcia trata a Feira como um patrimônio cultural imaterial da cidade justamente pela característica de lugar de sociabilidade, de afeto e troca de saberes. Nesse sentido, verificamos um esforço dos órgãos competentes em promover políticas públicas patrimoniais para realizar o registro de bens imateriais que já são considerados patrimônio pela comunidade, como a Feira Livre da cidade de Viçosa. Exemplos disso foram a iniciativa do prefeito Ângelo Chequer em instituir o decreto nº 5.346/2019, de 01 de julho de 2019, que regulamenta os procedimentos para o registro dos bens imateriais; e a audiência pública realizada pelo Conselho de Cultura e do Patrimônio Cultural e Ambiental de Viçosa (CMCPCAV) e Secretaria de Cultura, Patrimônio e Esportes, em 2019, para consulta dos bens. Certamente, esses registros acarretarão recolhimento de recursos para o Município. Dessa forma, parte desses recursos deverá ser destinada a melhorias e estratégias para preservação dos bens registrados, o que poderá levar comunidade local a ser beneficiada.

Nessa perspectiva, relatamos que no dia 19 de agosto de 2019, no auditório da Estação Cultural, foi realizada pelo Conselho de Cultura e do Patrimônio Cultural e Ambiental de Viçosa e pela Secretaria de Cultura, Patrimônio e Esportes uma audiência pública para consulta à população de registro de bens imateriais, entre eles a Feira Livre. José Mário Rangel trata a classificação da Feira enquanto bem cultural do município como um clamor popular:

**Foi um clamor popular**, e o próprio Conselho de Patrimônio achou que deveria fazer isso. Os historiadores que têm cadeira sugeriram esses registros e deu autonomia para fazer a audiência pública que seguem normas do conselho estadual para referendar. É uma das formas de registro é essa audiência pública, tem a reunião de conselho, o decreto municipal, mas conversamos aqui e resolvemos fazer essa audiência que nunca tinha sido feita para legitimar<sup>166</sup>.

<sup>165</sup> Trecho da entrevista de Vera Lúcia Rodrigues Fialho, Extensionista bem estar Social II da EMATER. Duração de 46min57s. Data: 09 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>166</sup> Trecho da entrevista de José Mário Rangel, Chefe do Departamento de Patrimônio Histórico, da Secretaria Municipal Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes. Duração de 33min45s. Data: 15 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

Na Figura 35 podemos observar o momento da audiência pública realizada para referendar a Feira enquanto bem cultural do município.

Figura 35 - Registro fotográfico da audiência pública



Fonte: Acervo pessoal da autora (19 de agosto de 2019).

Rômulo Nascimento Marcolino, por sua vez, argumenta que a Feira é lugar de afetividade, e fala sobre o interior da paisagem da Feira, destacando o cheiro do pastel e da diversidade de grupos que frequentam o evento:

A Feira tem a questão da afetividade. Como te falei, na infância me lembro da vizinha e me dá vontade de comer as frutas frescas que ela trazia, **o cheiro do pastel...** às vezes nem vou a Feira para comprar hortifrúti, mas para tomar o caldo de cana, **comer um pastelzinho...** Então, eu acho que tem uma relação de afetividade do ambiente, lembrar memórias de infância ou adolescência, da época que eu dava uma “rolezinho” e *point* era a feira. **Tem uma diversidade de grupos** que estão ali na Feira, só o fato ter muitas pessoas aglomeradas, principalmente para quem está jovem gosta muito do fluxo de pessoas... então, acho um espaço interessante e gostoso de estar<sup>167</sup>.

---

<sup>167</sup> Trecho da entrevista de Rômulo Nascimento Marcolino. Duração de 35min2s. Data: 29 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

Jaci também diz sobre esses aspectos do interior da paisagem da Feira, observados na sua montagem “(...) os metais batendo, eram as pessoas armando as **barracas** e os feirantes chegavam de **madrugada** para montar a feira”<sup>168</sup>.

Assim como o cheiro do pastel, outros traços desse evento são relatados pelos participantes, como o barulho das ferragens das barracas, a aglomeração de pessoas e a “falazada”. Todos esses traços marcam a paisagem da Feira dando a ela um sentido mais amplo do que comercial e cristalizando nesse lugar as relações sociais que estimulam a sua permanência no tempo.

### 3.1.2 A qualidade dos alimentos da Feira

Adentra-se então em uma segunda ramificação (B), que, após análise, recebeu o nome de “Qualidade dos alimentos” sendo possível relacionar na Classe 6 denominada por “Processo produtivo”, com 13,35% do total do *corpus*, as palavras “produção”, “parceria”, “social”, “atuar”, “junto”, “água”, “qualidade”, “cultura” e “agricultor”. Que em conjunto retratam a percepção dos entrevistados quanto a qualidade e o frescor dos produtos comercializados na Feira, e a necessidade de os feirantes atuarem juntos.

Nesse sentido, Vera Lúcia demonstra preocupação quanto ao controle de qualidade de água para irrigação da produção, ressaltando que as fases de produção, colheita e preparo são importantes para garantir a qualidade dos alimentos:

[...] mas a **qualidade** do alimento vem desde a produção, colheita e preparo. Então, a gente trabalha muito a questão da **qualidade** da água que está sendo utilizada para irrigar esse alimento. A gente procura parcerias, muitos projetos de pesquisa da UFV, principalmente a Univiçosa, também fazemos parcerias com o SAAE e periodicamente fazemos a análise das águas com os agricultores que frequentam a Feira e que fornecem produtos no mercado institucional.<sup>169</sup>

Podemos inferir que esse trecho do depoimento de Vera Lúcia nos remete a importância de “parcerias”, de “atuar”, “junto”, conforme as palavras destacadas no Dendrograma da classe 6.

<sup>168</sup> Trecho da entrevista de Jaci (pseudônimo). Duração de 19min14s. Data: 29 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>169</sup> Trecho da entrevista de Vera Lúcia Rodrigues Fialho, Extensionista bem estar Social II da EMATER. Duração de 46min57s. Data: 09 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

Ainda quanto ao processo produtivo, Vera Lúcia diz sobre o acompanhamento que a EMATER oferece à produção dos produtos industrializados, com intuito de oferecer um produto regional de qualidade:

Os que participam da feira com produtos processados, esses temos um acompanhamento mais de perto, porque precisam do alvará para comercializar, e para ter o alvará precisam atender algumas questões [...]: eles tem que ter um local para produzir, esse local tem que ter um sistema de produção que siga o fluxo para não ter contaminação cruzada, capacitação, rotulagem, armazenamento, transporte, embalagem, então, todo esse tipo de orientação, nós da Emater é quem damos a eles, de forma grupal, ou, às vezes, dentro de algum programa local, algumas famílias temos que ir ao local de produção, nas reuniões vamos colocando os casos, mas as vezes não é possível tratar tudo.<sup>170</sup>

Marcelino Soares, especialista em Agropecuária, funcionário da EMATER de Viçosa, por sua vez, fala sobre a experiência e o conhecimento que possui sobre as lavouras dos produtores, destacando a qualidade dos alimentos, a qualidade da água para irrigação, e o uso de veneno na lavoura:

A maioria mesmo que use algum tipo de veneno é muito pouco, em Viçosa na verdade os feirantes, produtores eles se concentram em vender folhosas (couve, alface, alguma coisa de cenoura), então, **essas culturas conseguem produzir bem sem veneno**, então, de forma geral a qualidade é boa, a gente tem feito algumas análises de água tem dado coliforme, mas assim, nada comprometa a produção, mas essas pessoas são orientadas de como proceder, como buscar uma água melhor para irrigar as hortas, de forma geral sim, conheço muitos deles, são pessoas trabalhadoras, tem a preocupação até pela saúde deles de não usar veneno, a dosagem de veneno é muito pequena, às vezes para acabar com um mato na beira do terreiro, mas no uso do plantio mesmo com inseticidas e fungicidas o uso é bem pequeno. [...] **Eles não querem mexer com isso, porque estão exposto a isso o tempo todo, a vida deles é produzir**, então se usarem regularmente, automaticamente, vão estar exposto, isso não quer dizer que eles não se preocupam com quem vai consumir, porque eles também consomem aquelas verduras<sup>171</sup>.

No mesmo sentido, Marcos Roberto Fialho enfatiza o frescor e qualidade dos alimentos comercializados na Feira:

---

<sup>170</sup> *Ibidem*.

<sup>171</sup> Trecho da entrevista de Marcelino Soares, Especialista em Agropecuária da EMATER. Duração de 27min18s. Data: 11 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

Hoje, mais a qualidade dos produtos, você tem a certeza que é um **produto fresco**, com **qualidade superior a rede de supermercado**, o consumidor que vem a Feira sabe que aquele produto que acabou de ser colhido para ser exposto, já o balcão de supermercado é abastecido duas vezes por semana, vem do SEASA e foi colhido dias atrás, **a qualidade e condição dos produtos atrai as pessoas à Feira.**<sup>172</sup>

Já Rômulo Nascimento Marcolino atribui a Feira a função de garantir o alimento fresco à mesa:

A Feira funciona como um **abastecimento rápido**, não é como o CEASA, ela tem mais a função de garantir o alimento fresco, as pessoas não vão armazenar. Quando você vai com muita frequência na Feira você vai criando uma intimidade, o feirante já te identifica também, além da questão do alimento fresco que chega nas mesas.<sup>173</sup>

Nesse mesmo sentido, Jaci ressalta a qualidade e o frescor dos alimentos comercializados na Feira, e a importância de valorizar os produtos da região:

[...] além da gente comprar esses produtos que foram colhidos no dia anterior, a gente conhece os produtores, estabelece um vínculo com eles, valoriza os produtos da região, sempre tem um doce, um queijo, uma linguiça, bolo, rosca, e são produtos mais caseiros, então, a gente vai valorizando também os produtos aqui da região e as pessoas que fazem, pois é uma fonte de renda para eles e ficam motivados a produzir aqueles produtos sempre de melhor **qualidade.**<sup>174</sup>

Nos segmentos de textos dos depoimentos observamos a associação da palavra “qualidade”, destacada no Dendrogramas da classe 6, com o modo de produção, a irrigação, o frescor dos alimentos, produtos da região. Isso leva-nos a entender que a qualidade e o frescor dos produtos atraem as pessoas até a Feira, e por isso tem a preferência dos clientes. Na busca por oferecer um produto de qualidade aos clientes da Feira os produtores rurais são chamados a atuar juntos, buscando parcerias.

Verificamos também no trecho do depoimento de Rômulo Nascimento Marcolino a qualificação da Feira como um processo de abastecimento rápido, induzindo a qualidade e ao frescor do alimento, mas também ao sentido que a Feira possui de abastecer a cidade. Nessa

---

<sup>172</sup> Trecho da entrevista de Marcos Roberto Fialho, Secretário Municipal de Agropecuária e Desenvolvimento Rural. Duração de 53min 17s. Data: 07 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

<sup>173</sup> Trecho da entrevista de Rômulo Nascimento Marcolino. Duração de 35min2s. Data: 29 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>174</sup> Trecho da entrevista de Jaci (pseudônimo). Duração de 19min14s. Data: 29 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

perspectiva, podemos observar a reportagem de Bárbara Pinheiro, Beatriz Valente e Suellen Gonçalves, com o título *Alimento que vem do campo* da revista PH Rolfs “Memória e Cultura”, que relata que durante a greve dos caminhoneiros realizada em maio de 2018, Viçosa teve um aumento do fluxo de pessoas na Feira Livre, o evento desempenhou um papel importante no abastecimento de alimentos das famílias, durante a greve<sup>175</sup>. Conforme observamos na reportagem, nas cidades, as feiras são importantes canais de abastecimento e de movimentação da economia local, além de serem espaços que compõem a história de um lugar, por demarcarem seu território e identidade.

### 3.1.3 O ecoar de vozes: desafios apresentados à Feira Livre

A seguir, analisaremos a ramificação (C) do Dendrograma, com o título de “Utilização do espaço”, composta pela Classe 3, denominada “Desafios”, contendo 16,3% de representatividade do *corpus*. A Classe 3 permite discutir sobre a utilização do espaço físico da Feira e necessidades de melhorias. O Dendrograma dessa classe relaciona as palavras: “utilizar”, “próprio”, “espaço”, “consumidor”, “produtor”, “cidade”, “população”, “estacionar” e “trânsito”. Entre as questões levantadas, destacamos os problemas como o estacionamento da Feira, o uso do coreto e a casinha de artesanato construída de garrafa pet. Também, destacaremos a utilização do espaço da Feira enquanto sala de aula da UFV e local de turismo.

Apesar de considerar que houve melhorias na mudança de local da Feira da Avenida Santa Rita de Cássia para o Colégio de Viçosa, Marcos Roberto Fialho diz que o estacionamento disponível para atender a Feira ainda é pequeno para o público. No entanto, ressalta que esse problema não é específico da Feira, pois atinge toda cidade, que abriga um número expressivo de veículos por habitante:

Sim, é um problema do município o espaço para estacionamento. A Feira tem um **estacionamento tímido e pequeno**, pelo público que frequenta a feira hoje, e além de ser limitado, houve também aumento no número de veículos dos produtores que antes na Santa Rita traziam seus produtos em charretes, carroças e hoje utilizam caminhões, que ocupam espaços maiores do que antigamente utilizavam as kombis, demandando um espaço maior. Quando falamos em estacionamento, é um problema da cidade. Se a Feira

---

<sup>175</sup> Revista PH Rolfs Memória e Cultura. Número 7, ano 7, dezembro 2018. P. 10-11.

existisse na Santa Rita ela seria inviável, as pessoas não teriam espaço para realizar a carga e descarga das mercadorias<sup>176</sup>.

Nas Figuras 36 e 37 é possível observarmos o estacionamento da Feira aos sábados. O espaço é considerado limitado, já que atende os feirantes e os visitantes:

Figura 36 - Estacionamento com caminhões de mercadorias dos feirantes



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

---

<sup>176</sup> Trecho da entrevista de Marcos Roberto Fialho, Secretário Municipal de Agropecuária e Desenvolvimento Rural. Duração de 53min 17s. Data: 07 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

Figura 37 - Vista do estacionamento da parte baixa da Feira Livre de Viçosa, MG



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

As palavras “estacionar” e “trânsito”, relacionadas no Dendrogramas da classe 3, retratam o problema destacado no segmento de texto do depoimento de Marcos Roberto Fialho. Nesse sentido, é importante ressaltar que falta espaço tanto para os produtores realizarem a carga e descarga das mercadorias, quanto para os clientes no período em que fazem suas compras.

Outra questão que emergiu das entrevistas se refere ao coreto destinado a apresentações culturais e da casa de artesanato feita de garrafa pet, ambos, construídos na Feira. Os entrevistados relatam a necessidade de aproveitar melhor esses espaços. As palavras “utilizar”, “próprio” e “espaço” relacionam esse problema destacado nos depoimentos. Podemos inferir, por meio dessas palavras destacadas no Dendrograma da classe 3, que existe um desejo da comunidade de que o espaço do coreto e da casinha de pet sejam aproveitados de uma melhor forma, promovendo nesses espaços atividades culturais e ações comunitárias.

Em um dos trechos de seu depoimento, Vanda do Carmo Lucas dos Santos diz que o espaço destinado às atrações culturais precisa ser melhor utilizado. Ela lembra também da casinha, pontuando que não está em funcionamento e que, atualmente, transformou-se em um depósito para barracas:

Aquele espaço que fizeram para a música e atrações, o **coreto**, ali deviam aproveitar ele mais, agregar ele a feira, fazer atividades recreativas para crianças. A **casa pet** de artesanato também não funciona, então está faltando

isso para deixar o espaço mais cultural, divulgar a cultura local, artesanato, a música<sup>177</sup>.

Figura 38 - Vista da frente da Casinha de Pet da Praça de Alimentação da Feira



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

Figura 39 - Fundos da Casinha de Pet da Praça de Alimentação da Feira



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

---

<sup>177</sup> Trecho da entrevista de Vanda do Carmo Lucas dos Santos. Duração de 13min46s. Data: 30 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

Por se tratar de um bem cultural, a preservação da casinha de garrafa pet foi solicitada pela Vereadora Brenda da Silva Santunioni, por meio de um pedido formal ao presidente da Câmara dos Vereadores, em 2017:

Requeiro a vossa excelência, na forma regimental, que seja solicitado ao senhor Prefeito Municipal que interceda junto ao órgão competente para que seja preservada a casinha pet, situada na praça da Feira Livre do produtor Rural. Justificação: Essa solicitação se faz necessária, por se tratar de **um bem cultural, e a mesma promover a prática da preservação ambiental**<sup>178</sup>.

Por sua vez, Zequinha fez as seguintes críticas sobre a utilização do espaço do coreto da Feira: “[...] gastaram dinheiro com **o coreto**, falavam que aquilo lá é para ter show todo sábado, atrair o povo e até hoje não tem nada lá, está tudo jogado”<sup>179</sup>.

Na mesma direção, Fernando Conde, Professor do Departamento de Geografia da UFV, diz sobre sua percepção do uso do coreto:

Tem um teatro, uma arena, entre a parte alta, **o coreto**, acho que poderia ter mais coisa ali, vejo pouca coisa acontecendo ali, inclusive quando dou trabalho de campo lá eu paro ali para conversar com os alunos, e o **espaço está descuidado, sujo, justamente porque não tem uso**<sup>180</sup>.

A necessidade de otimização da utilização do espaço do coreto foi uma das críticas mais citadas entre os entrevistados. Podemos perceber que cada indivíduo tem uma experiência e vivência diferente do espaço, porém, todos concordam quanto às questões levantadas e destacam a degradação, a sujeira e a ineficiência de políticas públicas.

---

<sup>178</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE VIÇOSA. Indicação N°463/2017. 16 de outubro de 2017, Viçosa, MG.

<sup>179</sup> Trecho da entrevista de José Francisco Vieira (Zequinha). Duração de 31min33s. Data: 16 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>180</sup> Trecho da entrevista de Fernando Conde Veiga. Duração de 28min11s. Data: 04 de novembro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

Figura 40 - Coreto da praça de alimentação da Feira Livre de Viçosa, MG



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

José Mário, no entanto, afirma que as atividades culturais da Feira, que eram realizadas aos sábados no coreto, foram transferidas para a praça da Estação durante a Feira Noturna, nas quartas-feiras, porque há uma participação maior das pessoas, inclusive as pessoas idosas, que preferem ir à Feira no centro por questões de mobilidade.

O Departamento de eventos criou o FestFeira, que já existiu aqui nos sábados e foi transferido lá para baixo as atividades. [...] Porque faz mais sucesso lá, mas acontece aqui também, atende bem o público do centro, as pessoas idosas que não querem se deslocar até aqui em cima, questão da mobilidade, para atender o público, tem muitas pessoas idosas, senhoras que gostam de participar<sup>181</sup>.

Essa narrativa de que as apresentações foram transferidas para a Feira Noturna em razão de mobilidade e da melhor participação do público deixa uma questão a ser respondida: o que será feito do coreto? Pois dinheiro público foi investido em sua construção e o espaço encontra-se subutilizado.

Os entrevistados destacaram também a Feira como uma oportunidade de atração do turismo, porém, há desafios para incrementá-la e realizar melhorias no espaço utilizado. O evento comercial possui potencial para ser uma atração turística na cidade, que inclusive

---

<sup>181</sup> Trecho da entrevista de José Mário Rangel, Chefe do Departamento de Patrimônio Histórico, da Secretaria Municipal Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes. Duração de 33min45s. Data: 15 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

carece de espaços para entretenimento e lazer, porém, a falta de investimento em infraestrutura e na programação cultural é uma limitação que ainda necessita de ser superada.

Nesse contexto, José Mário Rangel conta sobre a atuação da Secretaria de Turismo para promover melhorias: “Com certeza a Feira é uma **atração para turismo**, mas precisa incrementar mais, ter um espaço destinado, isso está sendo programado, a Administração tem encaminhado isso, a Secretaria de Turismo é sempre muito atuante”<sup>182</sup>.

Concordando com esse entrevistado, Vanda do Carmo Lucas dos Santos diz sobre a perspectiva do turismo: “A Feira também tem um ponto de vista do **turismo**. Eu, por exemplo, gosto de trazer pessoas de fora que vêm a minha casa para conhecer a Feira, porque é a “cara” de Viçosa e região”<sup>183</sup>.

A partir dos segmentos de textos dos depoimentos de José Mário e Vanda do Carmo, compreendemos que a Feira é um lugar importante para pensarmos a cidade. Vemos que a entrevistada destaca que a Feira é a “cara” de Viçosa, isso porque ali encontramos o que se produz em Viçosa, o excedente de produção, os assuntos e pautas da cidade, a política, a cultura e pessoas de diferentes classes sociais.

Marcos Roberto Fialho também elege a Feira como esse espaço de cultura da cidade, e ressalta os trabalhos acadêmicos lá realizados:

**[...] além de ser utilizado e muito como uma sala de aula da UFV, diversos trabalhos são efetuados na Feira, diversos cursos de graduação fazendo trabalho com produtores e com público que está ali.** Então passou a ser muito estudado, todo funcionamento, muito pesquisado, é um local de Viçosa onde você tem diferentes produtos, muito diversificado. A gente entende a Feira como espaço cultural, de lazer, e tem dentro desses eventos diferentes interações, muito diversificado<sup>184</sup>.

Para Marcos Roberto, a Feira é uma extensão da sala de aula da Universidade Federal de Viçosa – UFV, pois frequentemente os estudantes e professores vão até aquele lugar para realizar suas pesquisas.

No âmbito da diversidade do uso do espaço da Feira, Fernando Conde Veiga, que é professor e utiliza o espaço como “sala de aula”, fala sobre sua experiência com os alunos em visitar a Feira:

---

<sup>182</sup> *Ibidem*

<sup>183</sup> Trecho da entrevista de Vanda do Carmo Lucas dos Santos. Duração de 13min46s. Data: 30 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>184</sup> Trecho da entrevista de Marcos Roberto Fialho, Secretário Municipal de Agropecuária e Desenvolvimento Rural. Duração de 53min 17s. Data: 07 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

Na Geografia dou aula de uma disciplina que chama Representação do espaço, então, a gente consegue representar o espaço que vai desde um computador com software até um papel e um lápis e meu exercício na Feira foi muito este produzir representações no espaço. **Meu objetivo foi fazer uma representação do espaço e isso poderia ter acontecido em um hospital, aqui dentro da UFV mesmo, entretanto para os alunos fazerem essa representação eles conversam com os feirantes, perguntam o que você vende? Pra gente pensar o que o pessoal da arquitetura chama de zoneamento, onde estão concentrados alguns produtos. Esse é o motivo que levo os alunos à Feira.** Na Geografia, a gente usa muito a categoria território, porque território é o espaço que está sendo utilizado com um fim determinado, você consegue ter uma relação de poder seja no sentido mais duro da propriedade privada ou seja no sentido mais espontâneo, mais efêmero de apropriação, os sujeitos ali no sábado, ou seja, todo sábado acontece um processo de territorialização ali desde os feirantes que tem uma dimensão mais fixa até a freguesia que vai passando, ficando andando, tem gente que vai à Feira e fica 15 minutos e tem gente que fica 3 horas... tem gente que vai lá tomar uma cerveja... Então, esse **processo de territorialização que é importante para este olhar da representação do espaço, agora teve uma ou duas vezes, sobretudo quando dei a disciplina de Geografia Agrária [pois] aqui no Departamento que a gente rastreia as mercadorias**<sup>185</sup>.

Dessa forma, é importante destacarmos a integração que a Feira promove entre a comunidade ufeviana, os moradores da cidade e da zona rural. Visitando a Feira é possível observarmos com frequência estudantes trocando experiências com os produtores, conversando sobre técnicas de plantio, e entrevistando o público da Feira para as pesquisas e projetos de extensão.

As narrativas nos permitem perceber que o uso diverso do espaço da Feira e suas interações com as pessoas também trouxeram algumas formas de interpretação e posicionamento crítico com a relação à otimização da utilização desse espaço. Podemos dizer que essa interpretação dos entrevistados se relaciona com as palavras “utilizar” e “espaço” apresentadas no Dendrograma da classe 3.

### 3.1.4 A Feira como um ponto de encontro e a atuação dos feirantes

Na análise da ramificação (D), nomeada por “Interações”, com 32,71% do *corpus* textual, observaremos duas classes, sendo elas a Classe 2, chamada por “Ponto de encontro”,

---

<sup>185</sup> Trecho da entrevista de Fernando Conde Veiga. Duração de 28min11s. Data: 04 de novembro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

e a Classe 4, com o nome de “Associativismo”, ambas com respectivamente 17,4% e 15,31% de representatividade do *corpus*.

A Classe 2, intitulada de “Ponto de encontro”, relaciona as palavras “comprar”, “produto”, “papo”, “encontro”, “lugar”, “gente”, “amigo”, “encontrar”, “colega”, “preço” e “conversar”. As palavras destacadas no Dendrograma da classe 2 permitem inferir que a Feira é um lugar de encontro, de sociabilidade e afetividade. A Feira é um ponto de encontro de amigos, familiares, estudantes, professores, crianças e idosos, e esse é também um dos motivos que levam os participantes à Feira.

Marcos Roberto Fialho atribui a ela essa definição de ponto de encontro, pois, para esse participante, a cidade de Viçosa carece de espaços para eventos sociais e, dessa forma, a Feira vem suprir essa necessidade:

Viçosa carece de espaços para eventos culturais. A Feira no sábado já virou um **ponto de encontro** entre domésticas, visitantes, o próprio público masculino que se encontra ali, produtores trocando ideias, técnicas de plantio, é um espaço cultural, espaço de lazer e comercial<sup>186</sup>.

Por sua vez, José Mário Rangel menciona a Feira como um movimento social organizado e ressalta a importância da interação da zona urbana com a rural:

Eu acho que a Feira é o grande movimento social organizado em Viçosa. É uma coisa que existe e não vai acabar, é a **integração da Zona Urbana com a Zona Rural**; é uma festa, uma beleza. [...] **É um ponto de encontro**, vão ali para ver pessoas, não é só para comprar não, eu mesmo já fui muitas vezes para ver, a gente sabe que dia de sábado a atividade de lazer das pessoas é a Feira, [então] vou lá ver as coisas como que está... às vezes nem compro, vou para ver os amigos [...] <sup>187</sup>.

A conexão entre as palavras destacadas no Dendrograma da classe 2: “papo”, “encontro”, “lugar”, “gente”, “amigo”, “encontrar”, “colega” e “conversar” nos permite entender a Feira como um lugar de sociabilidades e afetividade. Um lugar vivido, que promove o encontro interpessoal, carregado de significado, construído a partir das relações comerciais, sociais e culturais, e que retrata um sentimento de pertencimento e constrói a identidade de grupos.

---

<sup>186</sup> Trecho da entrevista de Marcos Roberto Fialho, Secretário Municipal de Agropecuária e Desenvolvimento Rural. Duração de 53min 17s. Data: 07 de outubro de 2019. Viçosa, MG.(Grifo nosso).

<sup>187</sup> Trecho da entrevista de José Mário Rangel, Chefe do Departamento de Patrimônio Histórico, da Secretaria Municipal Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes. Duração de 33min45s. Data: 15 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

Já a Classe 4, denominada “Associativismo”, destaca as palavras “reunião”, “organizar”, “associação”, “feirante” e “movimento”, fazendo emergir a discussão da necessidade dos feirantes se organizarem de uma forma melhor para enfrentarem juntos o dia a dia. Há relatos orais que a Associação dos Feirantes foi fundada por volta de 2008, em razão da mudança da Feira da Avenida Santa Rita para as redondezas do Colégio de Viçosa, mas atualmente que se encontra inativa. As palavras “organizar”, “feirante” e “associação” do Dendrograma da classe 4 retratam essa necessidade de os feirantes atuarem juntos.

Nesse sentido, Vera Lúcia Rodrigues Fialho fala sobre a dificuldade de explorar o associativismo entre os feirantes:

Outra dificuldade que temos é explorar o **associativismo**. Alguns participam da associação de artesanato de Viçosa, isso para comprar insumos em comum; para vender, é um grande desafio. Temos avançado, mas ainda estamos engatinhando... então, essa parte organizacional a gente tenta trabalhar com eles não só com visitas, mas com cursos, capacitações, inclusive excursões para conhecer outras realidades<sup>188</sup>.

Com a ausência de ações da Associação, Vera Lúcia destaca a importância da atuação do CMDRS (Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável) nas deliberações dos assuntos relativos à Feira:

Eu procurei a associação porque eu gosto de trabalhar a questão da organização, tanto é que na minha formação tem a questão do cooperativismo. Eu gosto de trabalhar com essa linha de organização, ela existe e não existe, todo mundo fala, mas ninguém sabe, tanto é que tudo que é relacionado a uma decisão para a Feira que precisa de um aval de uma associação. O governo municipal recorre ao Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS), porque ele é composto por 62% de agricultores familiares representantes de todas as comunidades, quando eles precisam. Por exemplo, quando começou aquela questão de mudar a feira de lugar, ele foi questionar que precisavam discutir isso com uma entidade que representasse os agricultores familiares, então eles foram discutir isso com o CMDRS e com a Associação dos Artesãos de Viçosa, porque tem muitos que fazem feira e são associados<sup>189</sup>.

Nesse ínterim, José Mário Rangel destaca a Secretaria de Agropecuária e Desenvolvimento Rural e o Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS) como os órgãos atuantes e responsáveis pelas ações da Feira:

---

<sup>188</sup> Trecho da entrevista de Vera Lúcia Rodrigues Fialho, Extensionista bem estar Social II da EMATER. Duração de 46min57s. Data: 09 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>189</sup> *Ibidem*.

Eu creio que não, porque a Secretaria de Agropecuária e Desenvolvimento Rural Sustentável e o Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS) são atuantes. Isso surge da própria comunidade, a associação em si é um movimento interno, mas me parece, não posso afirmar, que aquilo foi um movimento políticos. Poucos abriram aquilo para ficar como membro e foi um movimento meramente eleitoreiro... por isso não foi pra frente. Organizar o que estava organizado, reivindicar quais direitos, já tinham o lugar, o município já incentiva. O CMDRS sempre foi um conselho atuante, existe uma relação muito grande com a sociedade e a Secretaria de Agropecuária<sup>190</sup>.

Por seu turno, Marcelino Soares, especialista em agropecuária da EMATER, salienta a importância da organização dos feirantes em grupo, seja por meio de uma associação ou outra prática, pois, na sua opinião, facilitaria a comunicação com os feirantes e haveria a promoção de melhorias para os produtores. Vejamos o que o participante afirma:

Tivemos uma proposta da época, talvez tivesse aproximado mais a gente da Feira... a gente tinha um trabalho que era reunir a **associação** de feirantes com a proposta de comercialização, produção da Feira, selo de orgânicos. Nessa época, mobilizamos o pessoal, [mas] apenas o presidente da Feira e mais um vieram a reunião. Talvez se isso tivesse dado certo estaria funcionando. Na verdade, existe a associação, mas, para mim, funcionar é reunir regularmente. A associação influenciando na feira, que eu saiba ela surgiu na hora que tentaram tirar a Feira da Santa Rita, ou melhor, tinham a proposta de tirar a Feira da Santa Rita para o Colégio de Viçosa, então, para ter uma forma de se manifestar - a leitura que faço é essa. Então, assim... a **associação**, não sei como ela se comporta hoje. Eu cheguei em Viçosa em 2008 e já tinha esse movimento de mudar a feira, foi nessa fase que fizemos a proposta da Feira, com as barraquinhas, foi um projeto nosso, a Câmara tinha um recurso e destinou para produção das barracas. Junto com isso, tentamos oferecer esse pacote de formação, talvez se o grupo tivesse se interessado mais, participado dessa iniciativa, talvez tivesse se estabelecida uma relação mais regular<sup>191</sup>.

Apesar das dificuldades relatadas quanto à associação dos feirantes, observamos que eles possuem uma forma natural de se organizar, trabalhando em grupo e se ajudando, seja por empatia ou amizade, seja pela região de origem ou por proximidade de seus negócios. A exemplo, Vera Lúcia Rodrigues Fialho relata sobre os feirantes da região da Piúna, que se organizam para dividir o frete das mercadorias que são encaminhadas à Feira aos sábados:

---

<sup>190</sup> Trecho da entrevista de José Mário Rangel, Chefe do Departamento de Patrimônio Histórico, da Secretaria Municipal Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes. Duração de 33min45s. Data: 15 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

<sup>191</sup> Trecho da entrevista de Marcelino Soares, Especialista em Agropecuária da EMATER. Duração de 27min18s. Data: 11 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

[...] o pessoal da Piúna, acho bonitinho que o pessoal trabalha em grupo sem perceber, lá na Piúna tem um grupo muito grande que não tem carro, então eles juntam e fretam um caminhão... então, o cara começa lá na Grota e vem pegando os feirantes, aí eles rateiam o transporte mensal. Não são todos que têm... a pessoa já tem uma natureza de trabalhar em grupo, mas enquanto eles não sentem por eles, se organizarem naturalmente. O transporte deles é coletivo, então eles colocam os produtos no caminhão e vêm de moto<sup>192</sup>.

Contudo, podemos verificar que são diversas as narrativas sobre a prática do associativismo. O assunto deixa lacunas ou promove debates inacabáveis que envolvem opiniões diversas e interesses contraditórios. Todavia, oferta uma reflexão sobre a necessidade de melhorias na organização do grupo de feirantes para que, juntos, exerçam a cidadania e compartilhem suas experiências.

### 3.2 A Feira e a Rádio: lugar de encontro e de sociabilidade

Neste item discutiremos a análise de similitude e a nuvem de palavras do *corpus* dos depoimentos das entrevistas, que foi nomeado por “Memórias, vivências e o cotidiano da Feira Livre da cidade de Viçosa, MG”. Também daremos início à apresentação do produto desta pesquisa, qual seja, a proposta de edição de três programas de Rádio Feira itinerante, que se configura como uma possibilidade de ação em resposta aos resultados e apontamentos da pesquisa.

A análise de similitude permitiu, por um lado, visualizar a relação entre as palavras e a sua conectividade dentro de cada classe; e por outro, a ligação entre as várias classes. Com essa análise conseguimos perceber como os entrevistados relacionam as várias palavras para descreverem a Feira e associá-la com suas memórias e vivências. Conforme Marchand e Ratinaud<sup>193</sup>, a análise de similitudes ancora-se na teoria dos grafos, possibilitando visualizar a relação entre as palavras e seu resultado nas indicações da conexidade entre elas, auxiliando na identificação da estrutura de um corpus textual.

Entre as palavras mais citadas pelos entrevistados, destacam-se as seguintes: “gente”, “pessoa”, “espaço”, “feirante”, “produto”, “produtor”, “trabalho”, “sábado”, “ponto”, “encontro” e “lugar”. Todos esses vocábulos levam à concepção da Feira na visão dos

<sup>192</sup> Trecho da entrevista de Vera Lúcia Rodrigues Fialho, Extensionista bem estar Social II da EMATER. Duração de 46min57s. Data: 09 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

<sup>193</sup> MARCHAND, P.; RATINAUD, P. L’analyse de similitude appliqué aux corpus textuels: les primaires socialistes pour l’élection présidentielle française (septembre-octobre 2011). In: **Actes des 11<sup>ème</sup> Journé es internationalesd’Analyse statistique des DonnéesTextuelles**. JADT: Liège, 2012, p.688.



Secretaria de Agropecuária e Desenvolvimento Rural de Viçosa, fala um pouco sobre a relação dessas palavras: “O povo vem passear, visitar a praça, conversar, é muita **gente** que vai passear e não compra nada, a feira é um **lugar** que as **pessoas se encontram**”<sup>194</sup>.

As palavras “produto” e “produtor” aparecem entre as mais citadas, retratando a qualidade e o frescor dos alimentos encontrados na Feira, além de destacar a origem dos produtos da região. Vanda do Carmo Lucas dos Santos, a esse respeito, afirma: “Acho bacana a qualidade dos **produtos**, você não duvida de uma banana, são **produtos da região** [...]”<sup>195</sup>.

Já a palavra “sábado” se refere ao dia em que a Feira acontece e à mudança de paisagem que as atividades relativas a ela provocam no espaço. Jaci, por sua vez, fala da alteração da paisagem nos dias de sábado: “[...] e quando chega os **sábados** aquele **espaço** é apropriado pelas **pessoas**, pelos **feirantes**, eles se apropriam daquele espaço de uma maneira diferente”<sup>196</sup>. As palavras “feirante” e “trabalho”, além de estarem ligadas à apropriação do espaço da Feira, também se aproximam de tradição familiar, trabalho, e referem-se ao protagonista da Feira.

Após a análise genérica da árvore de similitudes, podemos dizer que a palavra que mais se destaca no *corpus* dos depoimentos das entrevistas e se associa às demais é “Feira”. Essa palavra retrata o lugar da vida cotidiana da comunidade, de afeto e sociabilidades, o movimento de territorialidade e a construção de identidades.

Portanto, podemos constatar que a nuvem de palavras corrobora os resultados explicitados na árvore genérica de similitudes. A nuvem de palavras, de acordo com Camargo e Justo<sup>197</sup>, agrupa e organiza as palavras graficamente em função da sua frequência, possibilitando rápida identificação das palavras-chaves. Trata-se, pois, de uma simples análise de conteúdo, porém, graficamente interessante, porque possibilita a rápida identificação das palavras-chaves de um *corpus*. Podemos observar que essa ferramenta salienta o que se destaca na pesquisa, não apenas pela frequência, mas também pelo grau de associação das palavras.

---

<sup>194</sup> Trecho da entrevista de Erli da Silva Felício, Servidor Municipal da Secretaria de Agropecuária e Desenvolvimento Rural de Viçosa, MG. Duração de 12min25s. Data: 10 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

<sup>195</sup> Trecho da entrevista de Vanda do Carmo Lucas dos Santos. Duração de 13min46s. Data: 30 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>196</sup> Trecho da entrevista de Jaci (pseudônimo), concedida a esta autora em outubro de 2019. (Grifo nosso).

<sup>197</sup> CARMARGO; JUSTO. *Op. cit.*, p. 518.



prol das suas reivindicações. Nesse sentido, propomos a elaboração de três programas da Rádio Feira itinerante para ecoar a voz dos feirantes, participantes e demais interessados em discutir ações comunitárias, bem como apresentar atividades culturais.

Conforme apresentado no Capítulo 3, item 3.1.3, das discussões a respeito da classe 3, denominada “Desafios”, emergiu o debate a respeito da melhor utilização do espaço do coreto da Feira e da casinha pet de artesanato. As palavras “utilizar”, “próprio” e “espaço”, destacadas no Dendrograma da classe 3, se relacionam com essas críticas. São espaços públicos que precisam ser ocupados pela população, mas, ao contrário, continuam vazios, depredados, sujos e destruídos. Então, propomos a apresentação dos programas dessa rádio itinerante na Feira Livre de sábado, especificamente, nas instalações do coreto, para que o espaço seja melhor utilizado e ocupado pelas pessoas.

A proposta da rádio traz consigo a modalidade itinerante porque a Feira Noturna, que acontece nas quartas-feiras na Praça Hervé Cordovil, é uma extensão da Feira de sábado, e o programa da Rádio itinerante também poderia ser apresentado durante esse outro evento, certamente, no local da Estação Cultural, de forma a ocupar esse espaço público, que é considerado um bem patrimonial da cidade. Assim, valorizaria também a cultura, o patrimônio, a comunidade e daria oportunidades às pessoas que não podem se deslocar até as costas do colégio de Viçosa para participarem das atividades, como, por exemplo, os idosos que têm dificuldade de mobilidade.

A ideia de propor um programa de Rádio Feira itinerante como produto desta pesquisa nasceu da inquietação em sugerir uma ação que viesse de encontro às críticas e apontamentos encontrados nos resultados da pesquisa, e da consulta de trabalhos referentes ao tema rádio, por entender que a rádio é um tipo de mídia presente no cotidiano dos feirantes e produtores rurais. Sendo assim, inferimos que a modalidade midiática rádio, em razão do seu alcance e predileção no meio rural, poderia ser uma alternativa. Iniciamos, então, uma pesquisa sobre a rádio a fim de elaborar o produto.

A tese de doutorado de Kátia de Lourdes Fraga<sup>198</sup>, intitulada *O rural em rede: rádio, midiaticização e ruralidade no cotidiano da zona da mata mineira*, publicada em 2018, foi um dos primeiros trabalhos pesquisados. Nele, a autora relata o trabalho desenvolvido em um projeto de extensão denominado *Rádio itinerante: Uma mídia comunitária para a valorização da cultura popular e da cidadania* (realizado em Ponte Nova com o grupo

---

<sup>198</sup> FRAGA, Kátia de Lourdes. **O rural em rede: rádio, midiaticização e ruralidade no cotidiano da zona da mata mineira**. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Viçosa – UFV. Viçosa, 2018. p. 10.

afrodescendentes Ganga Zumba, e em Viçosa nas comunidades de São José do Triunfo e Nova Viçosa). Aprofundando a pesquisa, encontramos artigos publicados sobre projetos de extensão referentes à rádio itinerante, sendo eles: *Rádio itinerante cultural Raízes do triunfo: uma mídia alternativa a serviço da cultura popular* e *Entre Sons e gestos: A rádio itinerante cultural palmares na difusão da cultura afrobrasileira, uma experiência na zona da mata mineira*. Com base nesses projetos de autoria de Kátia de Lourdes Fraga, propusemos o produto desta pesquisa: uma rádio Feira itinerante para atender aos anseios da comunidade local e à demanda das duas feiras, a princípio abrindo a discussão dos resultados desta pesquisa à comunidade.

Podemos observar uma forte relação da palavra “rádio” com algumas palavras destacadas na nuvem como “atuar”, “juntos”, “papo”, “conversar” e “família”. A rádio itinerante representa esse espaço onde os atores sociais poderão atuar juntos, conversar, bater papo e reunir a família. É, portanto, um lugar de afeto, de relações interpessoais, troca de saberes e construção de identidades. Nesse sentido, Kátia de Lourdes Fraga<sup>199</sup> argumenta que a modalidade de rádio itinerante ultrapassa a capacidade de alcance das mídias tradicionais, uma vez que a proposta desse tipo de mídia é cruzar fronteiras, visando a garantir a troca de saberes e a democratização das discussões reflexivas em torno da produção e da importância da identidade local das comunidades. No Capítulo 4, seguiremos com a discussão sobre a Rádio Feira itinerante, analisando a viabilidade dessa ação, discutindo os critérios para definição das pautas e a apresentando um roteiro piloto.

---

<sup>199</sup> *Ibid.*, p. 177

# PARTE II

## CAPÍTULO 4 - “AQUI NA FEIRA”

Este quarto e último capítulo compõe a segunda parte do trabalho e é dedicado à aplicação do produto. A proposta do produto consiste na elaboração de um roteiro piloto para uma temporada de três programas da Rádio Feira itinerante, sendo que a sugestão é de dois desses programas acontecerem na Feira Livre de sábado e outro na Feira Noturna, na quarta-feira. Este produto foi elaborado em forma de proposta, ou seja, uma ação possível que viesse ao encontro das questões levantadas na pesquisa, a ser executado, se aceito, pelos interessados. Não se trata, portanto, do desenvolvimento de um produto acabado, mas de uma conexão entre o que foi discutido na pesquisa e uma possível ação. Assim, a participação da pesquisadora na execução desse produto se resume na apresentação dessa proposta de intervenção às autoridades competentes e aos envolvidos, podendo se estender à participação dos programas, com objetivo de divulgar os resultados encontrados na pesquisa.

No início da pesquisa pretendíamos trabalhar com as redes sociais para elaboração do produto, especificamente, com o *Facebook*. Porém, após reflexões foi constatada a inviabilidade do método em virtude das limitações dos participantes ao acesso à internet. Assim, buscando um meio de difusão de conhecimento e que viesse a favorecer o exercício da cidadania, optamos pela modalidade de rádio.

De acordo com Kátia de Lourdes Fraga *et al.*<sup>200</sup>, em seu artigo *A relação das sociedades rurais com a rádio na contemporaneidade*, no que diz respeito à zona da mata mineira, a rádio é o segundo veículo de comunicação mais utilizado no meio rural, perdendo espaço somente para a televisão. Sendo assim, identificamos uma preferência por esse tipo de mídia nas comunidades rurais. Apesar das transformações sociais, culturais e econômicas, incluindo os avanços tecnológicos, a rádio continua fazendo parte do cotidiano rural. Ela é ouvida em vários contextos, seja no trânsito, no trabalho ou em casa. A rádio é uma companhia, uma forma de acesso à notícia, de passar o tempo, de ouvir música, uma forma de diálogo entre o campo e a cidade, enfim, um lugar de encontro e de debate.

Verificamos, assim, que um dos motivos dessa preferência pela rádio no meio rural se deve ao fato dessa forma de comunicação estar relacionada com a discussão de questões do cotidiano. Com base nisso, propomos a implementação de uma Rádio Feira itinerante, visto que os resultados da pesquisa apontaram que a Feira é um ponto de encontro e um meio de

---

<sup>200</sup> FRAGA, Kátia L. *et al.* **A relação das sociedades rurais com o rádio na contemporaneidade**. Revista Espacios, v. 38, n. 34, 2017. p. 19. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a17v38n34/a17v38n34p19.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2021.

comunicação com a comunidade local; assim, uma rádio Feira na modalidade itinerante poderia potencializar essa característica desse evento, abrindo espaço para comunidade discutir suas pautas cotidianas, além, de proporcionando a difusão da cultura local e promovendo a apresentação de artistas regionais.

A proposta de elaboração deste produto está articulada com as questões que perpassaram a pesquisa sobre a Feira enquanto um lugar sociocultural. Este produto é fruto das investigações e descobertas da pesquisa para obtenção do título de mestre, intitulada *Territorialidade e Paisagem da Feira livre da cidade de Viçosa, Minas Gerais: Lugar, Memórias e Identidade (1967-2019)*. Sabemos que foi consenso entre os entrevistados da pesquisa que a utilização da estrutura física do coreto da Feira Livre não tem atendido às expectativas dos participantes e feirantes, pois o espaço encontra-se pouco explorado. Nesse sentido, propomos a instalação dessa rádio itinerante no coreto aos sábados pela manhã, em datas específicas, e alguma apresentação na Praça Hervé Cordovil durante a realização da Feira Noturna. Também, constatamos que, após a migração do Festfeira para as atividades da Feira Noturna, às quartas-feiras, a Feira Livre de sábado ficou carente de apresentações de atividades culturais. Com a Rádio Feira itinerante, esse espaço poderia ser reaberto de uma forma diferente para a comunidade.

O objetivo da apresentação de uma temporada de programas via Rádio Feira itinerante é proporcionar a criação de um espaço público de discussões e reflexões, a fim de explorar a comunicação com a comunidade local e divulgar trabalho de artistas locais.

Diversas pautas poderiam ser tratadas nesses programas da Rádio itinerante, abrindo a discussão à comunidade e realizando rodas de conversas. Muitos grupos já utilizam o espaço da Feira para essa comunicação, sejam sindicatos, representantes de estudantes, ou próprio poder público com divulgação de campanhas voltadas para conscientização e cidadania, assim como artistas, instituições de ensino e profissionais de saúde. Dessa forma, a Rádio itinerante poderia estar aberta para atender essas discussões que hoje acontecem na Feira, seja por meio de panfletagem, teatro, manifestações, intervenções, pesquisa, projetos de extensão, seja por conversas entre amigos ou grupos. Assim sendo, a proposta da Rádio Feira itinerante apresenta relevância artística e cultural, e tem por objetivo compartilhar das experiências dos atores sociais, sejam eles feirantes, artistas ou comunicadores sociais da comunidade, democratizando o espaço público à medida que ressoam as necessidades da população. Trata-se, pois, de um trabalho relevante para fortalecer o sentimento de pertencimento dos grupos e a identidade local.

Nesse sentido, Cicília Maria Kronling Peruzzo, em seu livro *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*, discute a importância da participação da comunidade para construção da cidadania e evidencia o real sentido e benefício da rádio nesse processo de construção de identidades, pois essa mídia busca difundir conteúdos relacionados diretamente com a realidade local, o dia a dia, o cotidiano, as dificuldades e dá atenção a situações que, muitas vezes, são silenciadas dentro de um sistema.

As experiências mostram que a comunicação popular participativa dá seu aporte à edificação de uma cultura e uma educação democrática. Ela ajuda a conhecer, resgatar e valorizar as raízes do povo. Altera as dimensões do comportamento cotidiano. Socializa o direito de expressão e dos conhecimentos técnicos. Desmistifica os meios. Promove a criação coletiva. Difunde conteúdos diretamente relacionados à vida local.<sup>201</sup>

Dessa forma, a Rádio Feira itinerante seria o canal de expressão da comunidade e poderia atender tanto a demanda dos feirantes, quanto as dos diversos grupos que utilizam a Feira como ponto de encontro e meio de comunicação local. Assim, os próprios indivíduos podem manifestar seu interesse e suas pautas.

Para esse programa, propomos o nome “Aqui na Feira”, por se tratar a Feira de um ponto de encontro entre as pessoas e pelo fato de a Rádio itinerante ter essa característica de mobilidade. Independente do lugar, os programas acontecerão durante uma das duas Feiras, seja a Feira Livre de sábado ou a Feira Noturna nas quartas-feiras. O nome sugerido para o programa remete, também, ao sentido de lugar sociocultural que o evento representa, bem como uma demarcação de território, onde a comunidade pode se encontrar e deixar suas marcas, construindo a identidade do grupo.

#### **4.1 Rádio Feira itinerante: proposta de uma experiência de comunicação participativa**

A Rádio itinerante não demanda concessão do Ministério das Comunicações, pois se trata de uma mídia comunitária alternativa, que funciona com um rol de equipamentos simples, com caixa de som, microfones e computadores. Os programas são feitos ao vivo para os expectadores, em locais públicos, e um dos benefícios da rádio é sua mobilidade, permitindo o deslocamento das apresentações.

---

<sup>201</sup> PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 302.

De acordo com Kátia de Lourdes Fraga *et al.*<sup>202</sup>, “uma rádio itinerante se caracteriza como um espaço midiático concebido pelos próprios integrantes, para eles, se tornando verdadeiros agentes do processo comunicativo”. Sendo assim, a Rádio itinerante é um veículo democrático para a difusão de reflexões em torno da cidadania e da cultura popular. Os roteiros e todas as etapas, da pauta à apresentação, são desenvolvidos pela própria comunidade. Dessa forma, o roteiro piloto que será proposto neste trabalho tratará das questões levantadas nos resultados desta pesquisa, por entendermos que esses apontamentos refletem as críticas e opiniões dos participantes. Posteriormente, esse modelo poderá ser discutido e alterado de acordo com as necessidades da comunidade, reforçando a importância da interação entre os participantes.

A Rádio Feira itinerante é uma proposta de ação participativa, e por isso a elaboração dos demais roteiros para atender às outras duas edições de programas da Rádio Feira itinerante deverão ser elaboradas por meio de oficinas recreativas, ou seja, junto com os interessados. Nessas oficinas, as pautas e as discussões deverão ser levantadas de acordo com o interesse do grupo. O objetivo é reunir a comunidade em torno dessa mídia local, por meio do sentimento de “pertencimento”, e assim reforçar a identidade da comunidade, fazendo com que suas reivindicações ganhem força.

Nessa seara, importante se faz responder à seguinte questão: Por que a opção pelo tipo mídia comunitária “rádio” na modalidade “itinerante” para a proposta do produto? Optamos pelo tipo de mídia de Rádio itinerante por ser a rádio uma alternativa que reproduz o cotidiano da comunidade, a troca de saberes, e também por ser um lugar de encontro e afeto, que faz parte do dia a dia da comunidade, e tem grande alcance de público e audiência. Kátia de Lourdes Fraga argumenta que boa parte da audiência da rádio é conquistada pela reprodução do cotidiano:

[...] que boa parte da audiência no rádio é conquistada ao longo dos anos pela reprodução do cotidiano do receptor, que se identifica não somente pelo enfoque da vida de pessoas semelhantes a ele, como também pela conversa, pelo entretenimento, que o faz “distanciar-se” da sua realidade para o cenário do grotesco e da pilhéria da “tragédia” do outro. É justamente a mistura de comicidade circense e drama popular o que dá origem à audiência do rádio e ao tipo de vínculo entre o radialista com o público<sup>203</sup>.

---

<sup>202</sup> FRAGA, Kátia L. *et al. Op. cit.*, p.169

<sup>203</sup> FRAGA, Kátia e Lourdes. **Laços de Família: A construção de uma comunidade de afeto no programa Jairo Maia**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005. p. 140.

Cyro César<sup>204</sup>, por sua vez, em seu livro *Rádio – A mídia da emoção*, relaciona a rádio com o cotidiano. Para o autor, esse tipo de mídia une as particularidades e a intimidade das pessoas, o dia a dia, os interesses, a emoção, etc. Ele pontua que essas práticas do cotidiano, que poderiam passar despercebidas, dizem muito sobre a identidade dos grupos.

Nessa mesma perspectiva de alcançar o público e reproduzir o cotidiano da Feira, unindo a comunidade e levantando o sentimento de “pertencimento”, elegemos o formato de rádio itinerante inspirados nos modelos dos programas de Rádio itinerante “Raízes do Triunfo” e “Cultural Palmares”, ambos, coordenados pela professora Kátia de Lourdes Fraga do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa. Esses projetos demonstram a viabilidade da aplicação dessa mídia alternativa na Feira. O método desenvolvido pelos programas de Rádio itinerante tratou de capacitar os envolvidos com vários módulos de oficinas, com técnicas para a produção de programas de rádio, incluindo linguagem, entrevista, roteiro, dentre outras. A partir daí, os integrantes planejavam a implementação da rádio na comunidade através de uma estrutura simples de caixa de som e microfone, e dali nasceram as discussões das dificuldades encontradas na comunidade pelos próprios interessados, propostas de ação, um ambiente cheio de afeto e muita música.

Por fim, o modelo “itinerante” da mídia foi espelhado nas experiências das rádios itinerantes “Raízes do Triunfo” e “Cultural Palmares”, porque esse formato leva a proximidade com o público, a ocupação do espaço do coreto, da estação cultural, a apresentação do programa nas duas feiras, fazendo esse caminho de ressignificação da Feira no centro da cidade, de uma forma simples, com a participação da comunidade, amplificando a voz dos atores sociais.

Cicília Peruzzo<sup>205</sup>, em sua publicação, *Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania*, afirma que tal forma de comunicação comunitária faz parte de uma dinâmica de organização e mobilização social, estando essa proposta intimamente ligada à transformação social e, ao mesmo tempo, aos desafios de construção de uma sociedade mais justa, uma vez que o tipo de comunicação comunitária necessita da participação ativa do cidadão comum na produção e transmissão de mensagens. A rádio itinerante comunitária é um dos tipos de alternativas desse modo de comunicação comunitária capaz de transformar a sociedade, construir identidades e ecoar a voz da comunidade.

---

<sup>204</sup> CÉSAR, Cyro. **Rádio: A mídia da emoção**. São Paulo: Summus editorial, 2005. p. 8.

<sup>205</sup> PERUZZO, Cicília Maria Krohling. *Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania*. Trabalho apresentado no CELACOM/ENDICOM 2004 (VII Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação / V Encontro de Ensino e Investigação da Comunicação nos Países do Mercosul). [Anais...], São Paulo, 2004. p. 3.

É importante destacar também um segmento de texto do depoimento de José Mário Rangel<sup>206</sup>, o qual nos remete à ideia de que a rádio é uma pretensão dos feirantes, pois já houve tentativas de instalar uma rádio na Feira: “há um tempo atrás tentaram fazer uma rádio feira, mas não deu certo, não vingou, não sei o porquê”. Podemos inferir, através desse depoimento, que a Rádio Feira é um meio relevante de comunicação comunitária para seus integrantes, tanto que já tentaram implantar, apesar de não conhecerem os motivos que levaram a iniciativa a não se desenvolver. José Mário demonstra pesar quanto à frustração da tentativa, pois vê nessa alternativa uma oportunidade de os feirantes se organizarem melhor para discutirem suas pautas.

Considerando a modalidade de Rádio itinerante, cabe uma reflexão sobre a construção das pautas e roteiros dos programas. A respeito disso, Kátia de Lourdes Fraga *et al.*, em seu artigo *Rádio Itinerante Cultural Raízes do Triunfo: uma mídia alternativa a serviço da cultura popular*, ressalta a importância desses assuntos serem eleitos pela comunidade:

A rádio itinerante encontra nos anseios da comunidade e em suas manifestações culturais e artísticas **o conteúdo mais relevante a ser divulgado por eles próprios**. Atua fortalecendo e legitimando a cultura popular, além de permitir discussões e debates consoantes com as necessidades locais<sup>207</sup>.

Nesta perspectiva de as pautas do programa de rádio itinerante contemplarem os conteúdos relevantes para o grupo, o produto propõe um roteiro piloto com a divulgação dos dados desta pesquisa, por entender que se tratam de apontamentos feitos pela comunidade. Para os demais roteiros, sugerimos que sejam elaborados junto com os interessados, por meio de oficinas recreativas.

## **4.2 A importância da elaboração dos roteiros de programas com a participação da comunidade**

A proposta da Rádio itinerante é que toda a programação, desde a escolha das entrevistas, até as atrações culturais, pautas e elaboração de roteiro, seja feita pela comunidade local, integrando os participantes do projeto. Nesse sentido, pretendíamos

---

<sup>206</sup> Trecho da entrevista de José Mário Rangel, Chefe do Departamento de Patrimônio Histórico, da Secretaria Municipal Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes. Duração de 33min45s. Data: 15 de outubro de 2019. Viçosa, MG. (Grifo nosso).

<sup>207</sup> FRAGA, Kátia L. *et al.* *Op cit.*, p. 169.

realizar, no decorrer da pesquisa, uma oficina junto aos atores sociais para a construção de um roteiro piloto, a fim de apresentar a proposta dos programas da Rádio Feira itinerante. Porém, em razão das restrições com a chegada da pandemia da COVID-19 em 2020, não foi possível. Então, construímos o roteiro piloto utilizando-nos das informações coletadas na pesquisa por entendermos que esses dados são relevantes para a discussão dos desafios e pautas da Feira. Na construção do roteiro, exploramos as perguntas das entrevistas da pesquisa, os assuntos mais citados, os problemas discutidos, e elaboramos uma estimativa de tempo de duração de uma hora para cada programa.

Para a definição da pauta proposta nesse roteiro, elegemos como tema a pergunta que mais se destacou nos depoimentos dos entrevistados: quais os motivos que levam as pessoas a frequentarem a Feira? Esses motivos representam a razão da Feira ultrapassar décadas de funcionamento, apesar de todos os conflitos, disputa de espaço e debates. A partir disso, podemos compreender que a participação e fidelidade das pessoas são os fatores que sustentam a realização desse evento. Dessa forma, com base nos depoimentos das onze entrevistas realizadas nesta pesquisa, propomos esse roteiro piloto, pois a comunicação comunitária preconiza a participação da comunidade. Assim, nessa amostra de onze pessoas, podemos ouvir diferentes perfis de atores sociais, sejam eles feirantes, participantes, educadores, poder público, frequentadores e produtores rurais.

### Quadro 3 - Programa 01

Programa	“Aqui na Feira”
	O que leva as pessoas a participar da Feira?
Apresentação, roteiro e edição	
Locutores	
Apresentador	Olá, minha gente! Meu nome é (...). Sejam muito bem-vindos no “ <b>Aqui na Feira</b> ”, o seu ponto de encontro com a gente, aqui na Rádio Feira itinerante. Nesse programa, vamos navegar pela história da Feira Livre de Viçosa, ter um dedo de prosa sobre alimentação, consumo consciente e cultura popular, e ouvir muita música boa, com apresentação de artistas locais. Hoje temos aqui conosco participando do programa o músico (...), que irá nos alegrar com suas canções; a convidada Charlene Aparecida da Silva, que irá falar sobre a pesquisa <i>Territorialidade e Paisagem da Feira Livre da cidade de Viçosa, Minas Gerais: Lugar, Memórias e Identidade (1967-2019)</i> , desenvolvida pelo programa de pós-graduação

	Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania do Departamento de história da UFV, e a nutricionista (...), que falará sobre a importância do consumo dos alimentos frescos que encontramos “Aqui na Feira”.
Vinheta “Aqui na Feira”	Música
Apresentador	Nesse nosso primeiro programa, o tema vai ser “O que leva as pessoas a participarem da Feira Livre?”. Tudo isso e muito mais você vai descobrir “Aqui na Feira”!
Artista	Música
Apresentador	Hoje vamos falar sobre uma curiosidade: o que leva tantas pessoas a frequentarem a Feira? Começando uma breve entrevista, com Charlene Silva, aluna do Mestrado em Patrimônio cultural, Paisagens e Cidadania do Departamento de História da Universidade Federal de Viçosa, que realizou um estudo sobre a Feira Livre de Viçosa. Oi, Charlene, é um prazer recebe-la na rádio (...). Comente um pouco sobre os resultados da sua pesquisa e nos diga: Por que as pessoas vão a Feira? O que elas procuram?
Entrevistada	Entrevista
Vinheta “Aqui na Feira”	Música
Apresentador	Como podemos ver, um dos motivos que trazem as pessoas à feira é a procura por alimentos frescos, isso por serem saudáveis e saborosos. Mas sobre isso quem vai falar um pouco para nós será a nutricionista (...).
Entrevistada	Entrevista
Apresentador	Comunidade “Aqui na Feira” é o nosso ponto de encontro! E agora vamos de música com o artista (...). Se você quiser participar, falando sua opinião, reivindicação, ou relatar qualquer problema com sua comunidade, o espaço “Aqui na Feira” está aberto! O momento “ouvindo a comunidade” é reservado para sua participação. Entre em contato conosco!
“Ouvindo os feirantes”	Espaço aberto para participação dos feirantes e participantes, para interagir com as pessoas presentes e discutir às pautas da comunidade.
Vinheta “Aqui na Feira”	Música

Fonte: elaborado pela autora (2020).

### 4.3 Análise de viabilidade

Neste item pretendemos responder à seguinte questão: de que forma a Rádio itinerante poderia ser implementada? A princípio, este produto trata-se de uma proposta de uma temporada de três programas da Rádio Feira itinerante, a ser apresentada à Secretaria de

Agropecuária e Desenvolvimento Rural e à Secretaria de Cultura, Patrimônio e Esportes, da Prefeitura Municipal de Viçosa (PMV). Sua execução dependerá do interesse e possibilidade desses órgãos de fomentarem a execução de tal projeto.

Se a proposta for considerada viável, aconselhamos que o Secretário de Agropecuária e Desenvolvimento Rural do Município, enquanto membro do conselho, apresente em pauta a ideia do produto na reunião do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS). A participação do CMDRS é necessária para o desenvolvimento deste produto porque hoje este Conselho representa o meio de organização formal dos feirantes. Apesar do Conselho não tratar especificamente de pautas da Feira, ele é composto por produtores que são feirantes e as tomadas de decisões a respeito da Feira são emitidas por esse Conselho; assim, acredita-se que, com apoio das secretarias municipais, CMDRS e vereadores, e em parceria com a UFV, a Rádio itinerante poderia ser implementada.

Assim, para execução da proposta, os interessados podem verificar junto Prefeitura Municipal de Viçosa se há possibilidade de essa instituição oferecer bolsas de estágio para contratação de estudantes que pudessem orientar as oficinas, a construção dos roteiros, bem como realizar os contatos com os participantes e auxiliar na apresentação dos programas. Outra opção é verificar o interesse de professores da UFV na submissão desse projeto a editais abertos pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFV, a fim de viabilizar a execução do mesmo. Quanto ao fornecimento da infraestrutura necessária (caixa de som, microfones, computadores), uma opção seria buscar o apoio do Departamento de eventos da Secretaria de Cultura, Patrimônio e Esportes, já que no Festfeira que acontece na Feira Noturna há a montagem dos equipamentos. O Departamento de eventos também poderia auxiliar no convite aos músicos da cidade para apresentação.

A fase de pré-produção consiste em os interessados realizar esses contatos com os envolvidos para viabilizar a implementação dessa temporada de programas da rádio Feira itinerante. Ainda nessa fase, é necessário montar a equipe, com apoio da PMV, definir calendário e providenciar a infraestrutura necessária. Quanto à definição de calendário, seria possível definir datas comemorativas ou próximas às comemorações, como exemplos, o dia do agricultor, em 28 de julho; o dia do feirante, em 25 de agosto; o dia da cidade de Viçosa, em 30 de setembro, entre outros.

Em seguida, a fase de produção consiste na elaboração de roteiros por meio das oficinas recreativas e a apresentação do programa ao vivo no coreto da Feira Livre e Estação Cultural durante a Feira Noturna. A fase de pós-produção se resume na devolução dos equipamentos.

Essas sugestões para execução da proposta de intervenção são dadas de forma meramente exemplificativa para demonstrar que há alternativas para articular junto à comunidade local meios e formas de levantar subsídios sejam eles financeiros, materiais ou intelectuais para implementar a rádio Feira itinerante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não pretendemos, neste estudo, apresentar conclusões definitivas a respeito das questões tratadas, até porque observamos que as narrativas são contraditórias, haja vista que os interesses dos grupos sociais são diversos e múltiplos. Nesse sentido, as conclusões que ora apresentamos dizem respeito aos objetivos e hipóteses propostos para a realização deste trabalho. Ao iniciarmos o estudo, o nosso principal objetivo tratou de analisar o processo de criação da Feira Livre da cidade de Viçosa, Minas Gerais, bem como a razão pela qual ela permanece como lugar social e cultural significativo para a cidade de Viçosa.

Assim, realizamos durante o ano de 2019 visitas à Feira Livre de Viçosa, aos sábados, e à Feira Noturna, às quartas-feiras, a fim de conhecermos o cotidiano dos feirantes e participantes, bem como de entender a dinâmica da Feira. A observação participante, entrevistas, consultas das fontes, como as publicações do *Jornal A Cidade e Folha da Mata*, e arquivos da Câmara Municipal de Viçosa e Prefeitura Municipal de Viçosa, nos levaram ampliar a discussão sobre discursos defendidos por determinados grupos sociais e a contradição de narrativas. Isso nos permitiu consolidar o trabalho sobre os eixos dos conceitos de territorialidade, paisagem, lugar, memória e identidade, e a partir disso pensar a Feira enquanto Patrimônio Cultural Imaterial.

Após a análise dos discursos, concluímos que alguns fatores colaboraram para a permanência da Feira ao longo de cinco décadas, sendo eles: a necessidade de valorizar o trabalho do produtor rural, abrindo espaço para comercialização direta; o frescor e qualidade dos alimentos, que, além de enriquecer o sabor das refeições diárias, são saudáveis; os preços baixos, quando comparados aos supermercados e redes de hortifrúti da cidade; e a construção comunitária de um lugar sociocultural, considerado pelos grupos sociais um lugar de encontro, lazer e troca de saberes.

Observamos que, desde o ano 2006, os discursos contraditórios estão presentes quanto às “melhorias” e “tensões” presentes no âmbito da Feira. Verificamos que o desenvolvimento da cidade, a ampliação das vagas dos cursos da UFV com o REUNI e o crescimento do mercado imobiliário tiveram um impacto direto na construção dessas narrativas. Nesse contexto, a identidade da Feira ganhou força e os feirantes tentaram se organizar por meio de uma associação ou em grupos independentes, a fim de afirmarem o movimento como tradição popular e de buscarem melhorias para suas condições de trabalho.

É possível percebermos no contexto das narrativas que muitos justificavam que a Feira não poderia sair da Avenida Santa Rita por ser uma tradição popular. Nesse ínterim, é

interessante pensar que foi a partir de 2009 que observamos surgir as primeiras discussões da Feira enquanto patrimônio imaterial da cidade, ou seja, no momento de tensão, de mudança de local de funcionamento.

No decorrer da trajetória da Feira, verificamos três marcos importantes: a sua saída da Praça Silviano Brandão (seu local de origem), a sua saída da Avenida Santa Rita de Cássia e a abertura na Feira Noturna no centro da cidade. Porém, o ponto máximo de tensões e conflitos se refere à mudança da Feira da Avenida Santa Rita para as costas do Colégio de Viçosa. É claro que a saída da Feira do local em que ela cresceu e se desenvolveu, e permaneceu por 30 anos, geraria reflexões na comunidade, as quais nunca haviam sido feitas antes. O discurso majoritário que se percebe nas narrativas sobre esse deslocamento é o reconhecimento da Feira enquanto um movimento social organizado, um lugar de encontro, de cultura, de troca de saberes, apesar dos conflitos.

Assim, a partir da territorialidade da Feira, verificamos a construção de um lugar vivido e o sentimento de pertencimento dos grupos sociais, que no cotidiano constroem suas identidades. Constatamos que foi nesse momento de tensão que as memórias da Feira se despertaram e a comunidade começou a pensar nesse movimento social enquanto Patrimônio Cultural.

Em agosto de 2019 verificamos a realização da audiência pública realizada pela Secretaria Municipal de Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes e pelo Conselho Municipal de Cultura, Patrimônio Cultural e Ambiental de Viçosa, a qual discutiu a Feira enquanto Patrimônio Cultural Imaterial para atender um “clamor popular”. Considerando que, a partir da noção de patrimônio como algo elegido pelo povo, *a priori*, a escolha da Feira como patrimônio cultural enaltece o sentimento de pertencimento da comunidade, e se configura um recurso da sociedade na tentativa de preservar a identidade.

Por outro lado, as narrativas de “melhorias” também colaboram para a compreensão de que a Feira é um movimento social que merece maior atenção por parte do poder público às suas demandas. Essas narrativas são construídas a partir de 2009, com o lançamento do projeto “Feira de cara nova”, que propôs e executou a retirada da Feira da Avenida Santa Rita para a parte de trás do Colégio de Viçosa. Com isso, verificamos a ascensão da especulação imobiliária, a valorização de imóveis e terrenos e, com ela, aumentava também a reclamação sobre barulho e problemas com o trânsito; e assim o discurso de que a Feira precisava de um espaço adequado para seu funcionamento ganhou força. Dentro desse grupo também verificamos a participação de feirantes que acreditavam nessas melhorias das condições de trabalho, como a criação da praça de alimentação, banheiros e espaço do coreto para

atividades semanais de cultura com o objetivo de atrair o público, além da destinação da casinha de pet para os artesãos, bem como para atividades para crianças, e para demais barracas.

Porém, após 10 anos da mudança de local da Feira, da Avenida Santa Rita de Cássia para a parte de trás Colégio de Viçosa, podemos verificar que os discursos de tensões ainda persistem, pois as promessas não foram cumpridas. Os feirantes continuam trabalhando em condições desfavoráveis, já que o local enche de terra com as chuvas, os banheiros demandam cuidado, as atividades culturais não são realizadas, os espaços construídos estão subutilizados, como a casinha de pet e o coreto, além de que o espaço destinado ao estacionamento é pequeno, o público reclama do acesso ao local e os feirantes da redução das vendas. Embora a Feira tenha mudado de local, as reclamações dos moradores da Avenida Santa Rita de Cássia continuam, agora, por outro motivo: a ampliação do número de bares, que geram constante aglomeração de pessoas na avenida, principalmente durante a noite. As reclamações são diversas, entre elas, o som alto, embriaguez, calçadas molhadas de urina, lixo que não é descartado da maneira correta e demora a ser recolhido no dia seguinte. A falta de organização do espaço continua desafiando as autoridades.

A Feira Noturna também carrega essa narrativa de “melhorias”, criada com objetivo de abrir canais de comercialização para os produtores rurais, já que a Feira Livre de sábado não estava conseguindo escoar a produção. Porém, as tensões quanto ao funcionamento da Feira Noturna no centro da cidade são constantes: ora se dão pelos moradores dos edifícios ao redor, ora pelo trânsito. Assim, constitui-se um esforço constante para manter o funcionamento da Feira no centro da cidade. Apesar de existir a promessa de um local destinado aos feirantes da Feira Noturna, realizada às quartas-feiras, ela ainda não se consolidou.

No entanto, percebemos que são constantes as mobilizações sociais para manter o funcionamento da Feira, e prova disso é o número crescente de feirantes que atuam na Feira, que iniciou suas atividades com cerca de seis (6) feirantes e hoje ultrapassa o número de cento e cinquenta (150), sendo que existe uma lista de espera de mais de trezentas (300) pessoas aguardando a liberação de vagas. Desses cento e cinquenta (150) feirantes, quarenta e cinco (45) deles também atuam na Feira Noturna de quarta-feira, pois é um critério seletivo por parte da Secretaria Municipal de Agropecuária e Desenvolvimento Rural que, para participar da Feira Noturna nas quartas-feiras, o feirante também atue na Feira aos sábados e comercialize produtos da agricultura familiar.

Contudo, ao longo do trabalho percebemos que os feirantes têm dificuldade de se reunir em torno de suas pautas, muitas vezes por não terem uma associação ou representante, ficando dependentes do CMDRS (Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável), que é um conselho atuante, porém, possui uma representatividade que ultrapassa os interesses da Feira. Essa necessidade de os feirantes de atuarem juntos nos levou a pensar a proposta de intervenção social desta dissertação como uma ação possível para as questões apresentadas no resultado da pesquisa. Assim, a pesquisa nos abriu a perspectiva de pensar o produto como uma rádio Feira itinerante, um lugar de encontro, afeto e sociabilidade, buscando consolidar vários apontamentos da pesquisa.

A proposta do tipo de mídia rádio itinerante foi espelhada nas experiências das rádios itinerantes “Raízes do Triunfo” e “Cultural Palmares”, projetos de extensão da UFV, idealizados e coordenados pela Professora Kátia de Lourdes Fraga, escolhido como proposta para a Feira, porque esse formato leva a uma maior proximidade com o público, à ocupação do espaço do coreto e da estação cultural e à apresentação do programa nas duas feiras, fazendo esse caminho de ressignificação da Feira no centro da cidade de uma forma simples, com a participação da comunidade, ecoando a voz dos atores sociais.

Então, propusemos a elaboração de um roteiro piloto e a apresentação de três programas de rádio Feira itinerante, sendo que a sugestão é de dois desses programas acontecerem na Feira Livre de sábado e outro na Feira Noturna, na quarta-feira. Os roteiros para os programas seriam construídos com a comunidade por meio de oficinas, tratando esse roteiro piloto apenas de um modelo para apresentação da proposta da rádio Feira itinerante à Secretaria de Agropecuária e Desenvolvimento Rural do Município.

Os resultados da pesquisa apontaram que a Feira é um ponto de encontro e um meio de dialogar com a comunidade local, e, portanto, a implementação de uma Rádio Feira itinerante poderia potencializar essa característica do evento, além de proporcionar a difusão da cultura local e abrir espaço para apresentação de artistas. O produto propõe otimizar o uso do espaço do coreto, ressoar a voz dos feirantes no que diz respeito às suas pautas, reunir a comunidade e potencializar esse canal de comunicação que é a Feira.

Nessa perspectiva, o próprio patrimônio cultural poderá ser problematizado, pois ele é fruto das memórias da comunidade. A Rádio Feira itinerante é uma oportunidade para discutir essas relações de poder, as narrativas de “melhorias” e “tensões”, bem como de construir e fortalecer a identidade dos grupos sociais e ecoar a voz dos atores sociais. O patrimônio precisa ser visto com uma perspectiva mais democrática, e a Rádio Feira itinerante abre oportunidade para isso, para apresentação das memórias e referências dos grupos. Assim,

diferentes culturas poderão ser valorizadas e o patrimônio se dará pelo sentimento de pertencimento e pelo significado que tem para as pessoas.

## FONTES DOCUMENTAIS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1 Fontes documentais

#### 1.1 Legislação

VIÇOSA. Lei Municipal da cidade de Viçosa, nº 487, de novembro de 1967. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br>. Acesso em: 26 out. 2018.

VIÇOSA. Lei Municipal da cidade de Viçosa, nº 282, de 01 de novembro de 1978. **Institui as Feiras Livres do produtor rural de Viçosa.** Disponível em: <https://leismunicipais.com.br>. Acesso em: 26 out. 2018.

VIÇOSA. Lei Municipal da cidade de Viçosa, nº 1301 de 1998. **Institui Regulamento para funcionamento das Feiras Livres.** Disponível em: <https://leismunicipais.com.br>. Acesso em: 26 out. 2018

VIÇOSA. Decreto Municipal, nº 5346 de 01 de julho de 2019. **Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural do Município de Viçosa e dá outras providências.** Disponível em: <https://leismunicipais.com.br>. Acesso em: 26 out. 2018.

#### 1.2 Documentos

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Do Dossiê de Registro: Feira de Caruaru.** Brasília: IPHAN, 2006.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Do Dossiê de Registro: Feira de Campina Grande.** Brasília: IPHAN, 2017.

CRUZ, Tancredo Almada (Coord.). **Retrato social de Viçosa V.** Viçosa, MG: Censur, 2014.

CÂMARA MUNICIPAL DE VIÇOSA. **Indicação Nº463/2017.** 16 de outubro de 2017, Viçosa, MG.

#### 1.3 Jornais

A CIDADE. De 26 de novembro de 1967.

JORNAL DA UFV. Ano 36. 25 de julho de 2008. Edição especial. Disponível em: <http://www.dci.ufv.br/wp-content/uploads/jornalFormaturaJulho2008.pdf>, acesso em 21 de julho de 2020.

FOLHA DA MATA. Edição número 2100 de 29 de maio de 2009. Ano XLVI. P. 01

FOLHA DA MATA. Edição número 2625 de 29 de agosto de 2019. Ano LV. p. 04

#### 1.4 Revistas

REVISTA PH ROLFS MEMÓRIA E CULTURA. **Documentos**. Número 7, ano 7, dezembro 2018. P. 10-11.

### 1.5 Sites

MUSEU Virtual de Viçosa. Disponível em <https://www.facebook.com/groups/museuvirtualvicosa/>. Acesso em 27 de out 2018.

UFV-Atom, disponível em <http://atom.ufv.br/> acesso em 24 de abril de 2019.

IPHAN, disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/> acesso em 23 de janeiro 2020.

IBGE, disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vicosa/historico> em 10 de outubro de 2020.

PMV, disponível em <https://www.vicosa.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/feira-noturna-completa-1-ano-de-funcionamento/41147> em: 11 setembro de 2020.

### 1.6 Música

ALMEIDA, Onildo. **A feira de Caruaru**. Intérprete: Luiz Gonzaga. 1957.

### 1.7 Poema

GULLAR, Ferreira. **O açúcar**. Toda poesia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

### 1.8 Mapas

Localização do município de Viçosas, MG. Charlene Aparecida Silva. Setembro de 2020.

A trajetória de lugares da Feira Livre de Viçosa, MG (1967-2019). Charlene Aparecida Silva. Setembro de 2020.

### 1.9 Memorialistas

MELLO, Antônio Oliveira. **Um minuto de silêncio**: homenagem póstuma a Antônio Chequer. Viçosa: Folha de Viçosa, 2000.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa**: retratos de uma cidade. São Paulo: Scortecci Editora, 2001.

### 1.10 Entrevistas

Erlí da Silva Felício, Servidor Municipal da Secretaria de Agropecuária e Desenvolvimento Rural de Viçosa. Duração de 12min25s. Data: 10 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

Fernando Conde Veiga. Duração de 28min11s. Data: 04 de novembro de 2019. Viçosa, MG.

Jaci (pseudônimo). Duração de 19min14s. Data: 29 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

José Francisco Vieira (Zequinha). Duração de 31min33s. Data: 16 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

José Mário Rangel, Chefe do Departamento de Patrimônio Histórico, da Secretaria Municipal Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes de Viçosa, no período de 2016 a 2019. Duração de 33min45s. Data: 15 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

Marcelino Soares, Especialista em Agropecuária da EMATER. Duração de 27min18s. Data: 11 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

Marcos Roberto Fialho, Secretário Municipal de Agropecuária e Desenvolvimento Rural, no período de 2013 a 2020. Duração de 53min 17s. Data: 07 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

Rômulo Nascimento Marcolino. Duração de 35min2s. Data: 29 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

Sérvulo Fialho Resende. Duração de 26min54s. Data: 02 de novembro de 2019. Viçosa, MG.

Vanda do Carmo Lucas dos Santos. Duração de 13min46s. Data: 30 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

Vera Lúcia Rodrigues Fialho, Extensionista bem estar Social II da EMATER. Duração de 46min57s. Data: 09 de outubro de 2019. Viçosa, MG.

## 2 Referências bibliográficas

### 2.1 Monografias, dissertações e teses

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização:** um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007). 2011. 700 f. Tese (Doutorado em Idade Contemporânea (UMINHO) e Doutorado em História Social (UFBA) – Regime de Co-tutela) – Instituto de Ciências Sociais, Departamento de História (Universidade do Minho) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Braga/Portugal. 2011.

BERNARDES, Rosilene. **Ampulheta Urbana:** uma análise da construção da UFV e de sua influência na des(construção) da cidade de Viçosa, MG através das transformações no tempo e no espaço. 2013. 90f. Monografia de conclusão do Bacharelado em Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2013.

BONAMICHI, Nayana Corrêa, **Feiras livres:** lugares de sociabilidade. Possibilidade de vida urbana contra a morte da rua em Viçosa. 2009. 78f. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2009.

FRAGA, Kátia de Lourdes. **Laços de Família:** A construção de uma comunidade de afeto no programa Jairo Maia. 2005. 159f. Dissertação de Mestrado –Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2005.

\_\_\_\_\_. **O rural em rede: rádio, midiaticização e ruralidade no cotidiano da zona da mata mineira.** 2018. 145f. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Viçosa – UFV. Viçosa, 2018.

HONÓRIO, Letícia. **A produção do espaço em uma cidade universitária: o caso de Viçosa, MG.** 2012. 119f. Dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

LELIS, Juliana Lopes. **Territórios da Informalidade: As diferentes estratégias reprodutivas das famílias inseridas no comércio informal de Viçosa, MG.** 2011. 233f. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Viçosa – UFV. Viçosa, 2011.

MARTINS, Aline Soares. **Cidade em Movimento: Um estudo sobre as significações da paisagem do centro urbano de Viçosa, MG, por meio de memórias, representações e vivências (1916-2018).** 2018. 248f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa – UFV, Viçosa, 2018.

MARTINS, Walkíria Maria de Freitas. **A pena e o compasso: Políticas Públicas Patrimoniais e a Produção da Paisagem Urbana de Viçosa – MG, entre 1980 e 2010.** 2016. 277f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016. p. 20.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **A feira de Brejo Grande: estudo de uma instituição econômica num município sergipano do baixo São Francisco.** 1975. 348 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade de Campinas: Campinas, 1975.

PAULA, Karine de Almeida. **Urbanização, atividade imobiliária e adensamento urbano nos bairros Centro e João Braz em Viçosa (MG).** 2011. 101f. Monografia de conclusão do Bacharelado em Geografia. Departamento de Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2011.

PAZERRA JR, Eduardo. **A feira de Itabaiana – PB: Permanência e mudança.** 2003. 194f. Dissertação de Doutorado. Departamento de Geografia, USP. São Paulo, 2003. P. 26.

PORTEILA, Oswaldo. Vocabulário etimológico básico do acadêmico de letras. Universidade Federal do Paraná. **Letras**, Curitiba, v. 33, p. 103-119, 1984. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/letras/article/download/19320/12605>. Acesso em 09 out. 2020.

RIBEIRO FILHO, Geraldo Browne. **A formação do espaço construído: cidade e legislação urbanística em Viçosa, MG.** Rio de Janeiro. 1997. 244f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.

## 2.2 Artigos

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria IRAMUTEQ. **Um software gratuito para análise de dados textuais.** Temas em Psicologia, [s.l.], v. 21, n. 2, 2013, p.516. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v21n2/v21n2a16.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2020.

FRAGA, Kátia de Lourdes *et al.* A relação das sociedades rurais com o rádio na contemporaneidade. **Revista Espacios**, v. 38, n. 34, p. 19-29, 2017. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a17v38n34/a17v38n34p19.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2021.

FRAGA, Kátia de Lourdes *et al.* Entre Sons e gestos: A rádio itinerante cultural palmares na difusão da cultura afrobrasileira, uma experiência na zona da mata mineira. 2009. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR. **Anais [...]**, 4 a 7 de setembro de 2009. p. 1-12 Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1012-1.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2020.

FRAGA, Kátia de Lourdes *et al.* Rádio Itinerante Cultural Raízes do Triunfo: uma mídia alternativa a serviço da cultura popular. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 13, n. 1, p. 168-179 jan./jun. 2013. Disponível em <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/13125/1/artigo2evol13-1.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2021.

LELIS, Juliana Lopes *et al.* Vínculos de sociabilidade e relações de trocas entre feirantes de Viçosa, MG. **Revista Oikos**, Viçosa, v. 21, p. 46-63, 2010.

MARCHAND, Pascal; RATINAUD, Pierre. L'analyse de similitude appliquéé aux corpus textuels: les primaires socialistes pour l'élection présidentielle française (septembre-octobre 2011). *In: Actes des Ileme Journé es internationalesd'Analyse statistique des DonnéesTextuelles*. JADT: Liège, 2012

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. Territorialidades e Sociabilidades na Feira Livre da Cidade de Caicó (RN), **Revista do Instituto de Geografia da UFRN**, v. 23, n.17, p. 244-249, 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15406/8704>. Acesso em: 23 set. 2020.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. Trabalho apresentado no CELACOM/ENDICOM 2004 (VII Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação / V Encontro de Ensino e Investigação da Comunicação nos Países do Mercosul). [**Anais...**], São Paulo, 2004.

SERVILHA, Mateus de Moraes; DOULA, Sheila Maria. O Mercado como um lugar social: as contribuições de Braudel e Geertz para o estudo socioespacial de mercados municipais e feiras. **Revista Faz Ciência**, v. 11, n. 13, p.123-142, 2009.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago/dez. 2014.

### 2.3 Capítulos de livros e livros

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação. Formas e transformações da memória cultural**. São Paulo: Unicamp, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2011.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BESSE, Jean-Marc. A Fisionomia da Paisagem, de Alexander von Humboldt a Paul Vidal de La Blache. *In: Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução: Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006a. p. 61-62.

BÍBLIA. Português. **Sagrada Bíblia Católica**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

BRAUDEL, Fernand. **O jogo das trocas**. Civilização matéria, economia e capitalismo: século XV-XVIII. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CANDAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 1. n. 1, p.43-58, 2009-2010.

CARDINI, Franco. O Guerreiro e cavaleiro. *In: LE GOFF, Jacques (org). O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1989.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8 ed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2007a.

\_\_\_\_\_. O lugar no/do mundo. São Paulo: Labur edições, 2007b.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CÉSAR, Cyro. Rádio: **A mídia da emoção**. São Paulo: Summus editorial, 2005.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 92-123.

DANCEY, Christine P.; REIDY, John. **Estatística Sem Matemática para Psicologia**: Usando SPSS para Windows. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FERREIRA, Jurandir Pires. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro, IBGE, RJ, 1959. XXVII Volume.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011. (Grifo nosso).

HALBWACHS, Maurice. A memória Coletiva e a memória individual. *In: A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2005.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. Londres: SAGE Publications, 2000.

LE GOFF, Jacques. **Por amor as cidades**. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **La Production de l'Espace**. Paris: Anthropos, 1974.

\_\_\_\_\_. **A revolução urbana.** Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 1999.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A paisagem como fato cultural. *In:* YÁZIGI, Eduardo (org). **Turismo e Paisagem.** São Paulo: Contexto, 2002. P. 36-41.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história:** suas origens, transformações e perspectivas. Tradução Neil R. da Silva, 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História,** São Paulo, n. 10, p.7-28, dez. 1993.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos Movimentos Populares:** a participação na construção da cidadania. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

PIRENNE, Henri. **História econômica e social da Idade Média.** 6ª ed. São Paulo: MestreJou, 1982.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RICOEUR, Paul. Memória pessoal, memória coletiva. *In:* **A memória, história, o esquecimento.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Milton. MetrÓpole. A força dos fracos é seu tempo lento. *In:* **Técnica, espaço e tempo. Globalização e meio técnico-científico-informacional.** São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. Da totalidade ao lugar. 7ªed. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2005.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território.** 3ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

\_\_\_\_\_. Por uma abordagem territorial. *In:* SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. **TerritÓrio e territorialidades, teorias processos e conflitos.** 2ªed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Os Conceitos fundamentais da pesquisa sócio espacial.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2018.

\_\_\_\_\_. O território: Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In:* CASTRO, Iná Elias de *et al.* (orgs): **Geografia: Conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

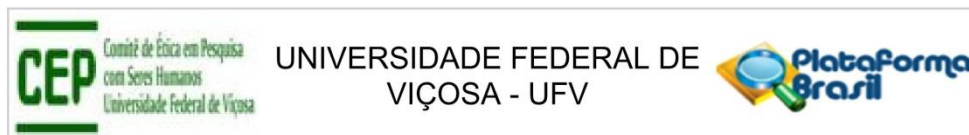
THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 197.

TODOROV, Tzvetan. **Abusos da memória.** Espanha: Ariela, 1995.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

## ANEXOS

### Anexo I – Parecer favorável do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa)



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A Feira Livre da Cidade de Viçosa, Minas Gerais: Tradição Cultural, Memórias e Lugar de Sociabilidade (1964-2018)

**Pesquisador:** Patrícia Vargas Lopes de Araujo

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 19293119.8.0000.5153

**Instituição Proponente:** Departamento de História

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.577.987

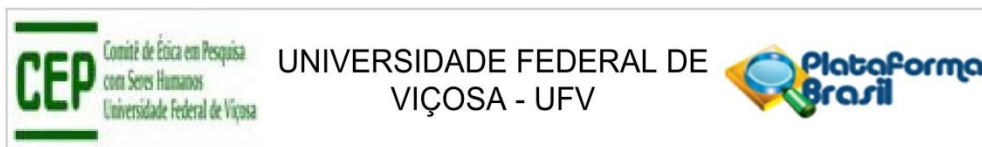
#### Apresentação do Projeto:

O presente protocolo foi enquadrado como pertencente à Grande Área 7. Ciências Humanas.

Conforme resumo apresentado no formulário online da Plataforma:

1. Introdução: As feiras livres são atividades comerciais antigas, que tiveram origem antes da Idade Média. No Brasil, as trocas de mercadorias se iniciaram com os nativos, porém somente no período colonial é que se pode dizer que nascem as feiras, em razão do crescimento das cidades. Sua base econômica pressupõe uma atividade de utilidade pública, pois abre espaço para comércio direto entre os produtores rurais e os consumidores. Em Viçosa, cidade da Zona da Mata Mineira, o primeiro registro oficial de criação da Feira Livre data da década de 1960 do século XX. De acordo com dados do IBGE, na década de 1970, a população aumentou cerca de 50%, saltando de 12.882 para 25.784 habitantes. Entre 1970 e 2009 a população viçosense, praticamente, triplicou, passando de 25.784 habitantes em 1970 para 74.171 em 2009. Além dos 74.171 habitantes, o município conta, ainda, com 15.000 pessoas classificada como população flutuante, em sua maioria estudantes. Dessa forma, verifica-se a importância dessa temática para discutir os elementos materiais e simbólicos envolvidos nessa relação e compreender as formas de interação entre sujeito e cidade e de como estas relações geram modo de apropriação do espaço, de desenvolvimento de percepções e de elaboração de representações e identidades.

<b>Endereço:</b> Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes	
<b>Bairro:</b> Campus Universitário	<b>CEP:</b> 36.570-977
<b>UF:</b> MG	<b>Município:</b> VICOSA
<b>Telefone:</b> (31)3612-2316	<b>E-mail:</b> cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 3.577.987

2. Metodologia: pesquisa qualitativa, com os seguintes métodos: pesquisa bibliográfica-documental, entrevista, observação participante, diário de campo. O trabalho de campo será realizado com base no método de observação participante, por meio de visitas às Feiras e conversas com os participantes e feirantes.

3. Hipóteses: A formulação da hipótese do presente projeto depende da resposta a algumas questões que problematizam o tema proposto. Assim, a questão problema que o trabalho pretende responder trata-se de: Quais foram as motivações para a criação da Feira Livre? O que fez este evento permanecer, ao longo de 50 anos, como lugar social e cultural significativo para a cidade de Viçosa, MG? Abaixo estão as hipóteses relacionadas à questão do problema levantado, no entanto, durante o desenvolvimento da pesquisa poderá ocorrer a identificação de outras informações relevantes à questão: a) A Feira foi criada com objetivo de abastecer a cidade de Viçosa, MG, em razão do crescimento populacional provocado pela federalização da UREMG, que após essa mudança passa a ser chamada de Universidade Federal de Viçosa. b) Mesmo após o surgimento de mercados, a Feira permanece em atividade, por oferecer hortifrúti frescos, orgânicos e com preços baixos, além disso, percebe-se o surgimento de movimentos que buscam esclarecer a população do valor nutricional dos produtos direto do produtor e sua qualidade. c) A relação entre feirantes e fregueses ultrapassa o sentido comercial alcançando afetividade, com reflexos sobre a sobrevivência da Feira ao longo do tempo. Nesse sentido, podemos dizer que a Feira é um lugar sociocultural, por promove a construção de costumes e tradições, além de proporcionar espaço de lazer, atração cultural, socialização da população e troca de saberes.

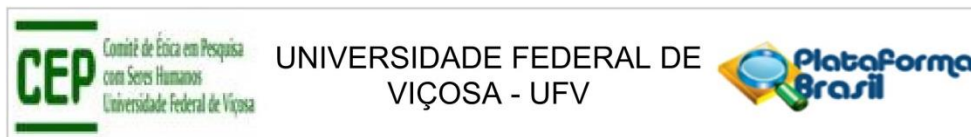
4. Critérios de inclusão/exclusão: Não estão claramente definidos, mas incluem, segundo o perfil de participantes, feirantes, funcionário da Secretaria de Agropecuária, funcionário da EMATER, funcionários da Secretaria de Cultura e usuários (fregueses) das feiras livres, isso por meio do método bola de neve.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

De acordo com os pesquisadores,

Objetivo primário: Essa pesquisa consiste em compreender as dinâmicas econômicas, sociais e ambientais do cotidiano dos feirantes e fregueses, bem como a disputa pelo espaço urbano da Feira Livre e como essas variáveis colaboraram para a permanência da Feira como tradição cultural e lugar de sociabilidade na cidade de Viçosa, MG.

**Endereço:** Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes  
**Bairro:** Campus Universitário **CEP:** 36.570-977  
**UF:** MG **Município:** VICOSA  
**Telefone:** (31)3612-2316 **E-mail:** cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 3.577.987

Objetivo secundário: Especificamente, busca-se:

- a) Examinar o cenário histórico da Feira Livre de Viçosa, em termos de estruturas, disputa de espaço e funcionamento.
- b) Verificar as motivações pelas quais a Feira Livre de Viçosa foi criada.
- c) Levantar o sentimento de pertencimento e memória dos feirantes em relação à Feira Livre de Viçosa.
- d) Caracterizar o perfil dos feirantes, fregueses e das mercadorias ofertadas, verificando os principais problemas enfrentados, contribuições e expectativas.
- e) Elaborar, como parte das atividades de Projeto de Extensão da UFV (PROCULTURA), um Dossiê e um inventário cultural participativo sobre a Feira Livre de Viçosa, MG.

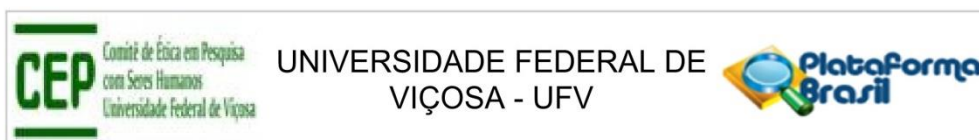
#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os pesquisadores apresentam no formulário online da Plataforma os seguintes Riscos: Os riscos envolvidos na pesquisa consistem na possibilidade das perguntas da entrevista causar algum desconforto, cansaço ou forte emoção. Para evitar esses riscos, a entrevistadora procurará criar um ambiente de confiança com os participantes e manter um clima de diálogo para que estejam bem tranquilos ao serem entrevistados, além de lhes garantir possibilidade de interrupção da entrevista a qualquer momento e de responder apenas as perguntas com as quais se sentirem confortáveis. Além disso, a participação na pesquisa é voluntária e o participante poderá retirar seu consentimento para participar em qualquer fase do processo ou exigir a não utilização das informações coletadas durante a entrevista. Assim, caso este procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento o entrevistado não precisará realizá-lo.

e os seguintes Benefícios: A pesquisa contribuirá para valorização do patrimônio imaterial. Os benefícios se referem a divulgação e valorização da cultura e memórias da Feira Livre de Viçosa. Não estão previstos benefícios diretos para os entrevistados. Os benefícios ocorreram para toda a comunidade de Viçosa que terá, ao final deste estudo, uma pesquisa sobre a tradição cultural e memórias da Feira Livre de Viçosa, Minas Gerais e o significado cultural para o município.

Avaliação: Os riscos e meios de minimizá-los, bem como benefícios, estão equilibrados e de acordo com as Resoluções CNS nº 466/2012 e 510/2016.

**Endereço:** Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes  
**Bairro:** Campus Universitário **CEP:** 36.570-977  
**UF:** MG **Município:** VICOSA  
**Telefone:** (31)3612-2316 **E-mail:** cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 3.577.987

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Os(as) pesquisadores(as) propõem analisar o processo de criação da Feira, bem como investigar a razão pela qual ela permanece como lugar social e cultural significativo para a cidade de Viçosa. A motivação para a realização deste trabalho decorreu do interesse em analisar a tradição cultural e a permanência da Feira, enquanto expressão de luta e resistência, ao longo de cinco décadas, mesmo enfrentando todas as mudanças que aconteceram no mercado, na cultura da população e no processo de urbanização da cidade de Viçosa. Nesse contexto, pretende-se responder as seguintes questões: Quais as razões da criação da Feira livre de Viçosa? Quais os motivos que fizeram a Feira permanecer até os dias atuais como lugar social e cultural significativo para a cidade? Quais as relações materiais e imateriais, tradições, costumes, atração cultural, opção de lazer foram construídas ao redor das relações afetivas entre os feirantes e os fregueses? Existiram situações de conflitos e tensões na escolha do local da Feira, tanto na sua fundação (1964), quanto nas mudanças de local da Feira ocorrida em diferentes períodos? Considera-se que ao responder as questões apresentadas será possível captar aspectos da construção da memória e da identidade de grupos, as ações e as políticas públicas no tocante a preservação da Feira Livre, tendo em vista as tensões, disputas, conflitos e negociações relacionadas a estes aspectos e aos atores envolvidos. Metodologicamente a pesquisa caracteriza-se como qualitativa cujos métodos de coleta de dados serão: pesquisa bibliográfica-documental, entrevistas, observação participante, diário de campo.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Considerações sobre os documentos apresentados pelo pesquisador:

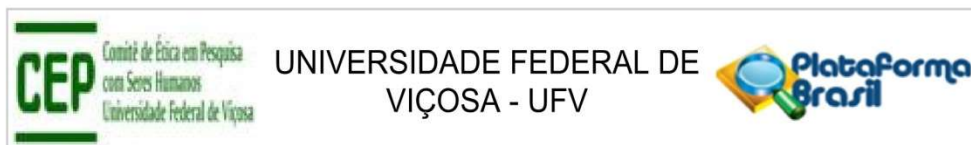
Os pesquisadores acostaram no formulário online para avaliação do centro coparticipante:

- TCLE;
- projeto de pesquisa;
- roteiro de entrevista;
- folha de rosto;
- autorizações da Secretaria de Agropecuária e da Secretaria de Cultura de Viçosa, bem como da EMATER;
- cronograma.

#### **Recomendações:**

Verificar pendências

**Endereço:** Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes  
**Bairro:** Campus Universitário **CEP:** 36.570-977  
**UF:** MG **Município:** VICOSA  
**Telefone:** (31)3612-2316 **E-mail:** cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 3.577.987

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1401504.pdf	18/08/2019 18:16:02		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	18/08/2019 18:05:02	CHARLENE APARECIDA DA SILVA	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	18/08/2019 18:04:22	CHARLENE APARECIDA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	16/08/2019 20:42:48	CHARLENE APARECIDA DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	16/08/2019 20:11:18	CHARLENE APARECIDA DA SILVA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacaosecagropecuaria.pdf	13/08/2019 17:44:50	CHARLENE APARECIDA DA SILVA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacaoemater.pdf	13/08/2019 17:44:38	CHARLENE APARECIDA DA SILVA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacaoseccultura.pdf	11/08/2019 16:37:02	CHARLENE APARECIDA DA SILVA	Aceito
Outros	Curriculolattes.pdf	11/08/2019 16:36:33	CHARLENE APARECIDA DA SILVA	Aceito
Outros	Entrevista.pdf	11/08/2019 15:37:45	CHARLENE APARECIDA DA SILVA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Pendente

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

VICOSA, 16 de Setembro de 2019

**Assinado por:**  
**Maria da Conceição Aparecida Pereira Zolnier**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes  
**Bairro:** Campus Universitário **CEP:** 36.570-977  
**UF:** MG **Município:** VICOSA  
**Telefone:** (31)3612-2316 **E-mail:** cep@ufv.br